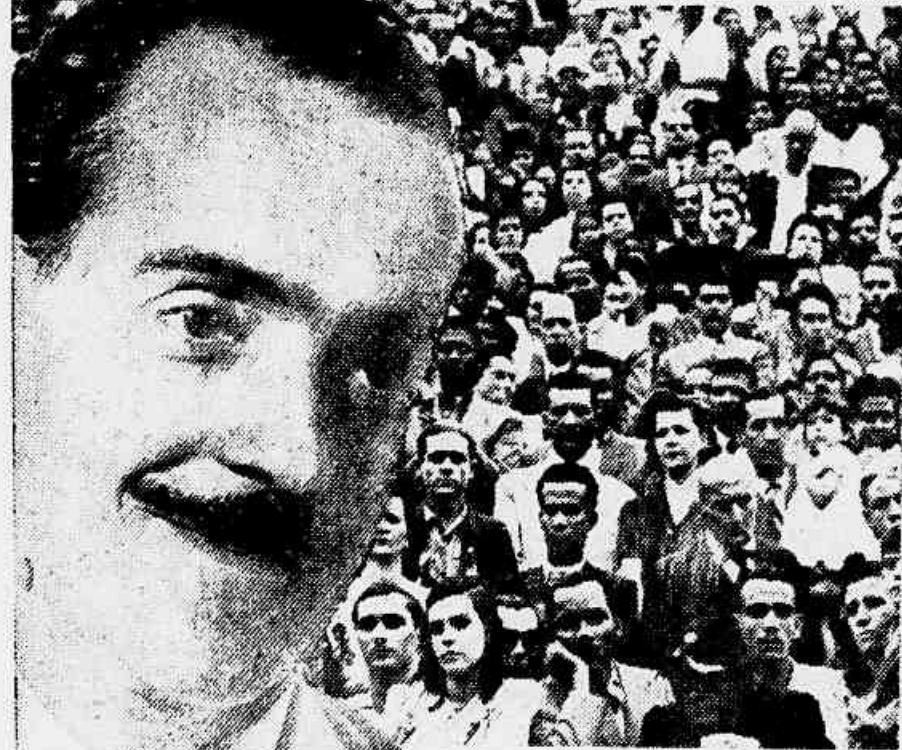
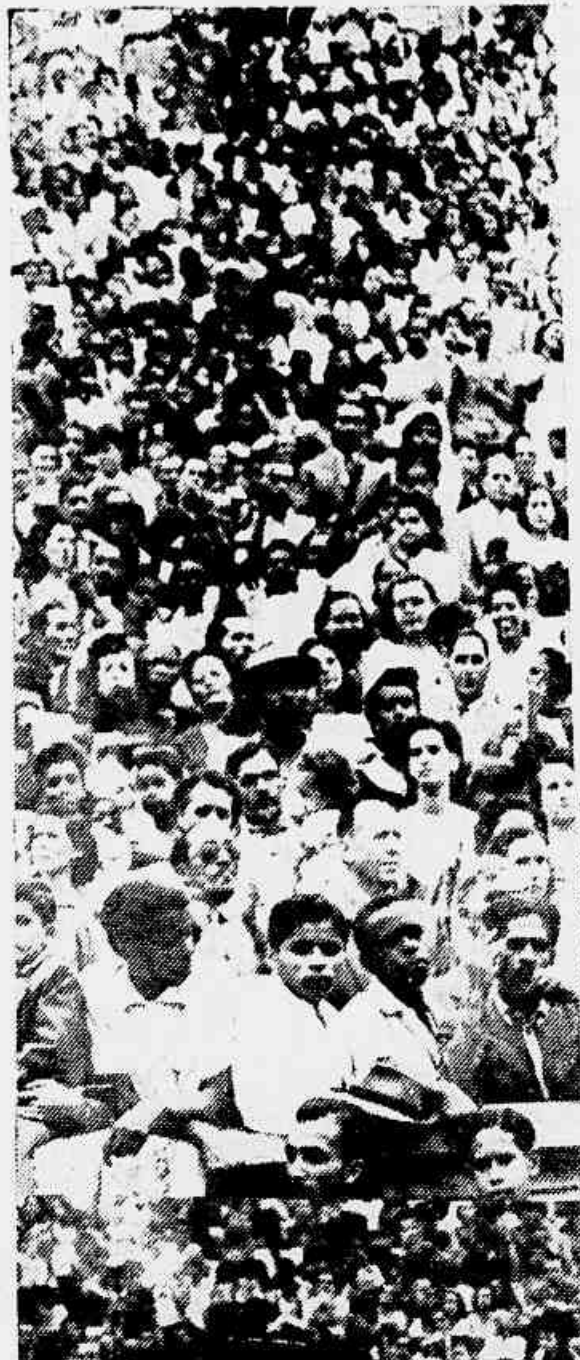


REVISTA DA SEMANA

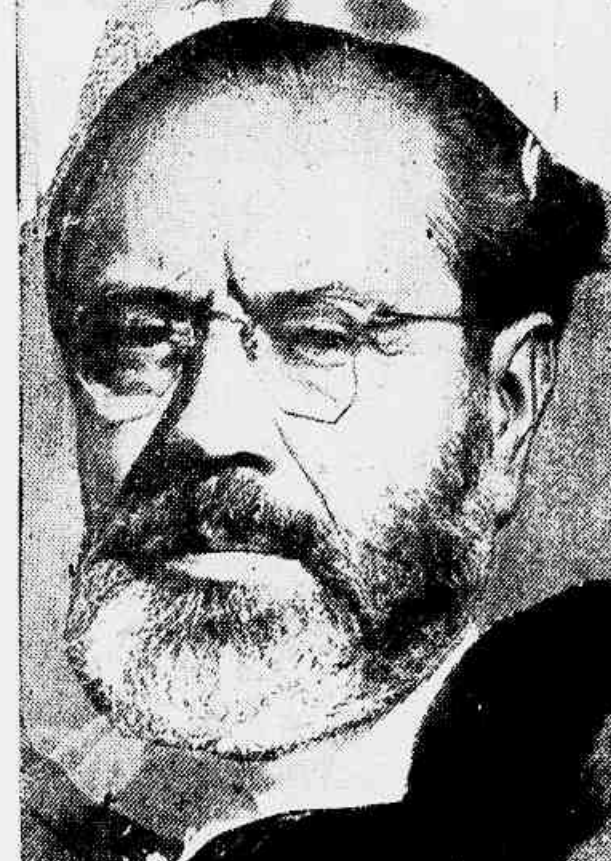


Nº 9 • 3-3-45

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



Contando pouco mais de um ano de existência, "Fôlha Carioca", sob a direção de Adherbal Novaes, de tal sorte já se impôs às simpatias e preferências de seu grande público que ocupa hoje, sem favor, um dos lugares de maior relêvo no periodismo nacional. Múltiplos fatores concorreram para a rápida e vitoriosa ascensão do mais novo dos vespertinos do Rio de Janeiro. Jornal ágil, moderno e vivo, distingue-se pela magnífica apresentação gráfica, amplo serviço de informações e escolhido corpo de colaboradores, no qual figuram grandes e ilustres valores da inteligência brasileira. Com uma desenvolvida secção esportiva, dedicada, de preferência, ao futebol e ao turfe, a "Fôlha Carioca" é, atualmente, um dos órgãos mais populares de nossa imprensa, dada, sobretudo, a elevação de propósitos com que, fiel à sua orientação democrática, se tem colocado, invariavelmente, ao lado dos interesses e das aspirações do povo. Andrés Guevara, o Barão de Itararé, Prudente de Moraes Neto, Augusto Rodrigues, José Lins do Rego, Oduvaldo Cozzi, Antônio Conselheiro e numerosos outros artistas profissionais dão o melhor do seu entusiasmo e inteligência para que a "Fôlha Carioca" se firme cada dia no conceito do público que a lê como uma das mais vigorosas expressões do moderno jornalismo brasileiro.



"A CARICATURA É UMA ARMA QUE DEVE SER USADA NA LUTA"...

— afirma Belmonte, o pai de Juca Pato



"E DEVE SER USADA EM DEFESA DOS EXPLORADOS E DOS FRACOS, OU ENTÃO PELA VITÓRIA DE UMA IDEIA POLÍTICA. DRAMÁTICA OU HUMORÍSTICA, MAS COMBATIVA, FINA E CINTILANTE COMO A ESPADA." — BELMONTE E JUCA PATO NA INTIMIDADE — JUCA PATO É CARECA DE TANTO LEVAR NA CABEÇA — O PRIMEIRO CALUNGA VALEU-LHE UM PROCESSO — SÃO PAULO DE ANTIGAMENTE E DE HOJE — O RÁDIO DE BERLIM INDIGNOU-SE COM OS BONECOS DE BELMONTE! — "A CARICATURA BRASILEIRA VAI BEM? NÃO SEI..." — CARTAS ANÔNIMAS PARA OS QUE VENCERAM NA VIDA E DESPERTAM INVEJA... — REVELAÇÕES PITORESCAS E INÉDITAS.

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
Fotos de Arnaldo Vieira

CHAMA-SE, na realidade, Benedito de Bastos Barreto mas talvez não exista uma centena de pessoas que o conheçam por essa denominação. Apregoem, porém, o nome lacônico de Belmonte e São Paulo em péso lhes dirá quem é. São Paulo, apenas? O Brasil inteiro. A popularidade do autor de Juca Pato, considerado por muitos e autorizados representantes dos círculos anglo-americanos da Paulicéia o maior caricaturista político do mundo "pelo traço, pelo extraordinário poder de síntese e, principalmente, pela cultura e pelo conhecimento dos grandes problemas políticos, sociais e econômicos europeus" — espraiou-se muito além fronteiras da terra de Piratininga. O paulista legítimo tem orgulho de Belmonte como de Monteiro Lobato e das suas mais preciosas realidades objetivas. Ele é parte integrante da razão de ser desta gente que não perde tempo em coisas inúteis mas que, por isso mesmo, valoriza o que lhe pertence. O Juca Pato do Belmonte, dando título a um bar e café expresso do coração da cidade, vale por uma síntese da sua época e da sua gente. Quando lhe perguntamos onde se inspirou para a criação do seu herói já lendário no rodapé das "Fôlhas", Belmonte sorri o seu sorriso anguloso e diz, lacônico:

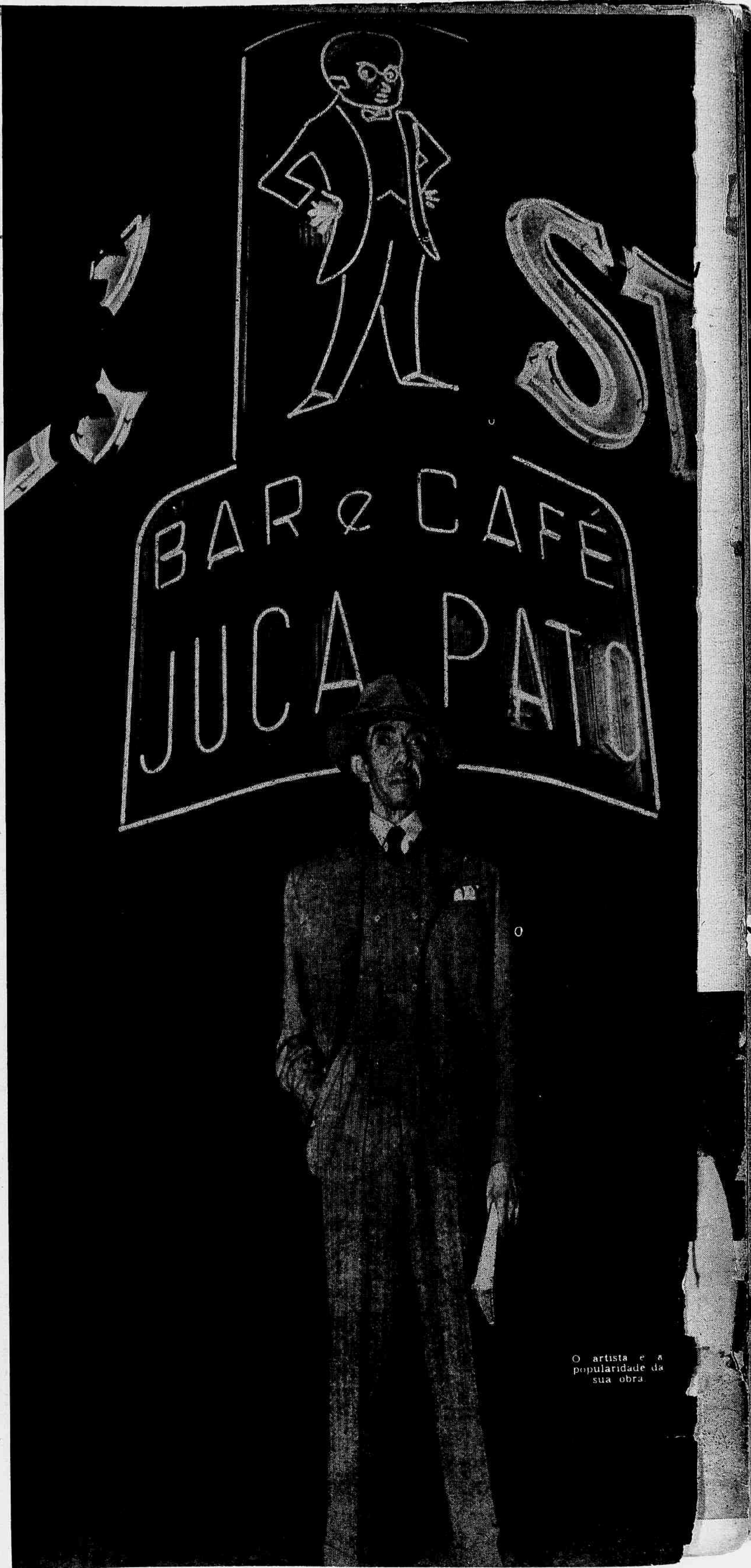
— Na vida.

E quando vamos adiante, pesquisando por que Juca Pato é calvo:

— De tanto levar na cabeça.

Fala pouco e escreve muito. Talvez escreva mais do que desenha. E desenha diariamente para fazer face aos seus compromissos profissionais. No entanto, enquanto o esperamos, naquela manhã chuvosa de fevereiro, em sua residência simpática e repousante perto do Pacaembú, nossa primeira análise pelas paredes do seu gabinete de trabalho, por sobre as mesas e armários, é decepcionante. Nada que faça lembrar Juca Pato, nem um desenho do artista emoldurado, nem mesmo os lápis, o vidro de nanquim ou de "gonache". Pelas estantes, livros históricos, muita literatura internacional e biografias. De Von Tirpitz e Ludendorff in-

(Continua da pág. 11).

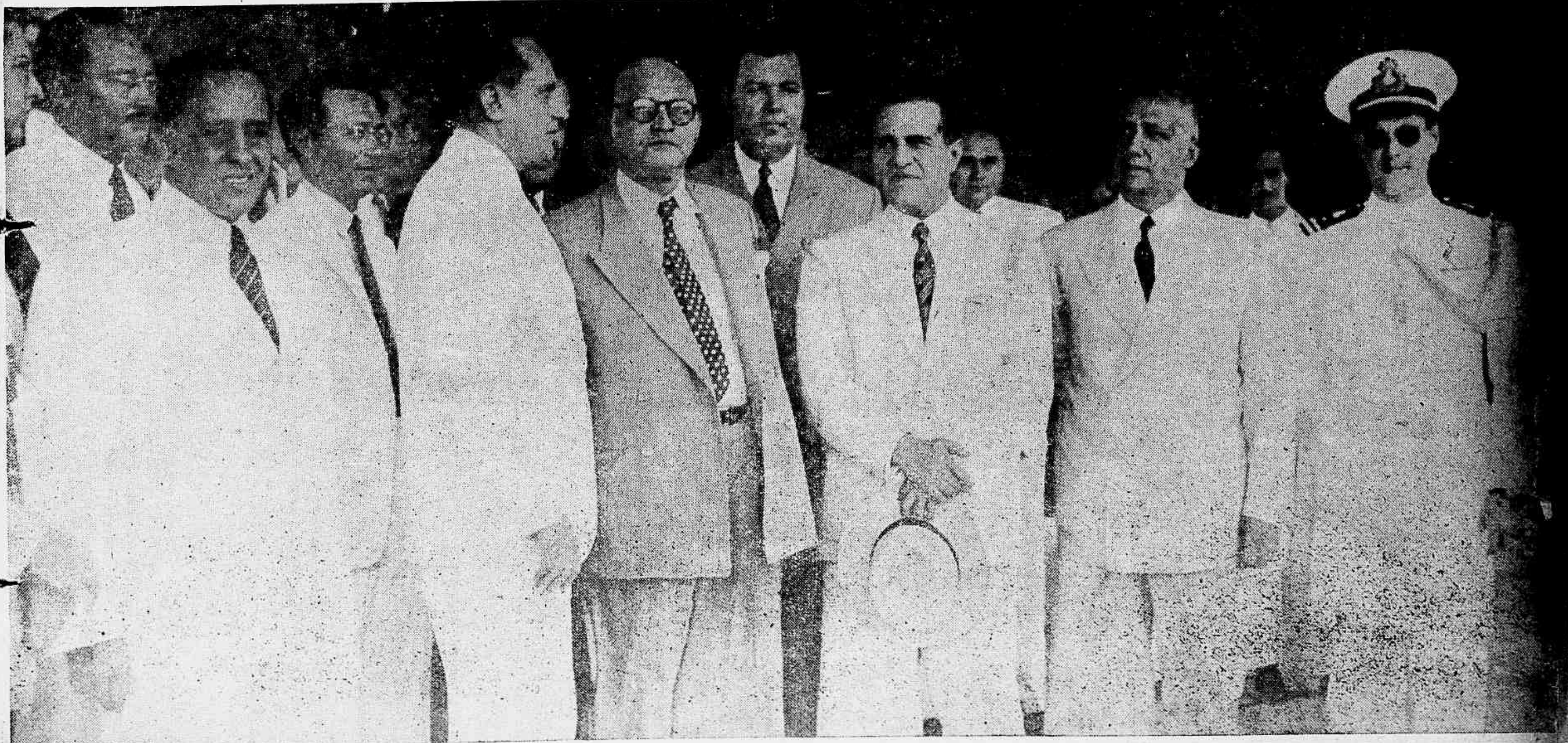


O artista e a popularidade da sua obra.



O SUPREMO ACONTECIMENTO NACIONAL

Nestas páginas reproduzimos alguns apanhados fotográficos, que constituem valioso documentário do momento político brasileiro. Na página à esquerda, ao alto, um flagrante da reunião ministerial no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, na qual foi proposta a reforma de vários dispositivos constitucionais da carta de 1937, afim de que fôsem convocadas as eleições diretas. Na mesma página, em baixo: o sr. José Américo de Almeida, quando concedia palpitante entrevista aos nossos confrades de "O Globo", na qual apontou o nome do major brigadeiro Eduardo Gomes como candidato à Presidência da República. Nesta página: ao alto, o major brigadeiro Eduardo Gomes. E, em baixo, um aspecto da chegada do sr. Agamemnon de Magalhães ao Rio de Janeiro, outro acontecimento de grande importância, ocorrido durante a semana.





Jockey Club Mundano

Num ambiente de alegria e elegância, realizou-se domingo último no Hipódromo da Gávea mais uma brilhante reunião turfística que, como sempre, contou com o comparecimento de pessoas da nossa mais alta sociedade. As fotos que estampamos foram colhidas na "pelouse", nos intervalos dos empolgantes páreos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI --- 3-3-45 --- N. 9

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decima das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 220 — Tel. 39 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 50 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE QUANTAS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADAS.

Sumário

LITERATURA:

Março (Marques Rebelo).....	9
Um caso de espionagem (John Murray).....	19
Baile a Rio Branco (Escarnolle Doria).....	26
O fantasma do Cananéa (Zenaide Andréa).....	27
O Grande Homem (Stratton Fotter).....	34
Livros Novos (J. L.).....	40/41

REPORTAGENS:

O Supremo Acontecimento Nacional.....	4/5
Jockey Clube.....	6
A caricatura é uma arma que deve ser usada na luta" (Celestino Silveira) 3 e	10/16
Figuras e Fatos.....	17
Nosso velho amigo — o Verão.....	21/25

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	29
Modas.....	32/33
Para gente moça — e Passeio.....	38/39
Outros modelos.....	52/54

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
De Rádio (Djalma Maciel).....	18
Coisas do Brasil.....	28
A guerra em marcha.....	46/47

"Ressurreição", de Jesy Barbosa

O novo folhetim radiofonico da REVISTA DA SEMANA.

Depois do sucesso sem precedentes registrado com a publicação, em folhetim, da novela de Berliet Junior *Covardia*, terminada em número an-



terior, impunha-se a seleção de outro trabalho de igual mérito, para satisfazer o desejo dos leitores desta

revista. Examinando o material que, no gênero, tem as nossas emissoras apresentado ultimamente, nossa preferência recaiu na novela *Ressurreição*, de autoria da escritora Jesy Barbosa. Esse trabalho, depois de merecer as simpatias dos ouvintes da Sociedade Radio Nacional, foi reproduzido por uma peétre de São Paulo, e deve estar, agora, percorrendo outros setores do *broadcasting* nacional, pelas estações do Norte. E', portanto, uma obra de real merecimento, já consagrada pelo publico, a que hoje iniciamos a ofertar aos leitores, permitindo-lhes colecioná-la pelo sistema que temos adotado de sua divulgação. Cabe aqui, entretanto, uma advertência, a pedido da autora: A reprodução, pelo rádio, da novela *Ressurreição* é terminantemente proibida, salvo si, previamente, estiver autorizada por Jesy Barbosa ou pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando êstes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a êste respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar êstes órgãos usando *Ventre-Livre* sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, pêsso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos êstes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use *Ventre-Livre*, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

CURIOSIDADES:

Uff, que calor!.....	30/31
----------------------	-------

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	20
"Charge" de Raul.....	58

NOVELA:

"Ressurreição" (Jesy Barbosa).....	55/56
------------------------------------	-------

A nossa Capa

Na sobrecapa da presente edição, os leitores já encontraram uma das mais recentes e também das mais lindas pôses de Jinx Falkenburg, a novel comedianta da Columbia Pictures cujo aparecimento em uma série de interessantes filmes musicais, nestes ultimos tempos, a tem feito equiparar-se ás *estrelas* de maior popularidade. Mõça, senhora de predicados que dela podem fazer, em curto espaço de tempo, uma figura de renome e reais predicados artisticos, ela merece a distinção que lhe conferimos hoje, divulgando o seu encantador sorriso que tanto enfeita os *fans* e ilumina as telas onde aparece. Mas são inumeras as atrações deste número, destacando-se a entrevista feita por Celestino Silveira, em São Paulo, com o desenhista e escritor Belmonte, famoso criador do Juca Pato, personagem de ficção hoje só comparado ao notavel Jeca Tatú de Monteiro Lobato. As revelações feitas por Belmonte, sobre sua arte e a divulgação de alguns episodios marcantes da sua longa carreira, hão de ser, por força, um esplêndido divertimento para os que nos lêem. Outras



reportagens completam o sumário deste número inclusive a que alude aos aspectos cariocas no rigôr do verão que ora atravessamos, as seções desenvolvidas de modas femininas, e a colaboração de Marques Rebelo.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

OS PORTUGUESES NÃO QUEREM "DEIXAR COMO ESTÁ"



Telegramas de Nova York informam que acaba de ser fundado nos Estados Unidos um "Comité Luso-Americano Pelo Restabelecimento da Democracia em Portugal", acrescentando que o mesmo já conta com o apóio e a solidariedade de mais de cinquenta por cento dos trezentos mil portugueses domiciliados na terra de Tio Sam.

Isto nos faz pensar que em Portugal não há democracia. No entanto, uma imprensa portuguesa, espalhada por todas as colônias e pelas aglomerações imigratórias lusitanas, nos informa todos os dias das intenções democráticas e liberais do Governo Salazar.

E estes mesmos órgãos, numa doutrina que se tornou aliás muito divulgada, justifica os atos autoritários do Governo de Portugal como sendo uma imposição irrevogável das circunstâncias, que exigem dos órgãos executivos medidas drásticas, afim de evitar que o país se lance ao caos, o que só viria favorecer aos adeptos de teorias exóticas, que só visam subverter a ordem pública e derrubar o secular edifício das tradições nacionais.

RUMO A LISBOA OS COLOCADORES DE PRONOMES



Pelo vapor "Serpa Pinto", embarcará para Lisboa, a 3 de abril do corrente ano, a Comissão Ortográfica da Academia Brasileira de Letras. Esta embaixada será integrada pelos acadêmicos Claudio de Souza, Afonso Taunay, Olegário Mariano, Rodolfo Garcia, Clementino Fraga, Mucio Leão e pelo filólogo José de Sá Nunes, que funcionará como secretário ou assessor técnico da comissão.

Uma vez chegados àquela capital, os ilustres viajantes deverão se entender com a Academia de Ciências da cidade, no sentido de estabelecer, de uma vez por todas, a unidade ortográfica entre o Brasil e Portugal, magno problema que tanto tem preocupado as grandes massas populares de um e de outro país.

E quando voltarem ao Brasil o sr. Claudio de Souza e seus companheiros de viagem, a aurora ralará para todos os homens, e as paisagens dos 21 Estados e territórios federados serão banhadas por esta luz divina que nos chegará de Lisboa, encaixotada nos porões do "Serpa Pinto", ao lado da papelada amarela da reforma ortográfica, que os próprios ratos de bordo respeitarão com orgulho.

E não haverá mais, dentro dos oito milhões de quilômetros quadrados da nossa terra, quem seja infeliz. A malária não será mais um problema mineiro, os transportes não serão mais uma calamidade no Rio Grande do Sul, a seca não castigará mais as pastagens e as culturas cearenses.

Uma paz permanente e próspera cobrirá os homens e as coisas. Todas as dificuldades estarão afastadas, os problemas de após-guerra não poderão nos interessar, pois a nossa situação estará definida e a felicidade será um monopólio nosso.

Ninguém poderá mais sofrer, pois os pronomes estarão sempre colocados em seus lugares, segundo os sábios ensinamentos lusos, e o sr. Claudio de Souza, emissário do bem e da verdade, nos terá ensinado direitinho onde devem ser postos as vírgulas e os pontos. Escrever-se-á "Baía" ou "Bahia", segundo resolverem os grandes de Lisboa, mas haverá em todos os papéis uma unidade perfeita de ortografia, o que nos livrará por certo dos problemas decorrentes da atual conflagração, das modificações políticas e sociais, das conquistas da medicina e da relatividade.

Em vista desta grande solução que se dará ao nosso maior problema, cessarão todas as convulsões, terão fim todas as controvérsias. A paz das letras redundará na paz dos homens. Os operários estarão satisfeitos com seus salários, sabendo como acentuar os homônimos. Os cariocas não se revoltarão mais contra as filas, quando souberem onde colocar cada til e cada crase.

Assim, queremos fazer justiça à embaixada da felicidade. Que os nossos jornais releguem a segundo plano o noticiário de guerra, para abrir "manchettes" em torno da viagem dos acadêmicos a Portugal. A guerra não é nada, comparada ao problema criado pelos neologismos. Devíamos mesmo, enquanto aguardamos as decisões de Lisboa, deixar de escrever, suspender a imprensa, à espera da nova constituição ortográfica luso-brasileira.

Aí estão as palavras que revelam o verdadeiro valor da notícia aparecida em um diário. Por elas se pode ver como andou bem o sr. Monteiro Lobato, quando recusou a Academia. Ele já lá estava, representado pelo seu personagem "Aldrovando Cantagalo", o colocador de pronomes.



Nem o Carnaval, este ano, conseguiu suplantir o assunto dominante destes últimos cinco anos. O próprio futebol, sempre em forte evidência, assunto de todas as rodas e de todos os tempos, também foi relegado para um plano inferior, em que pese todo o interesse inicial com a remessa dos "players" brasileiros além dos Andes. De tão escassos e racionados que andaram os jornais, onde apenas o noticiário da guerra ganhava curso, o público acabou se desinteressando pelas vistosas "manchettes". E os jornais cinematográficos de atualidades, impressionantes de realismo, devassando aos olhos tímidos do povo das retaguardas as verdades tremendas e destruidoras da luta de quase seis anos, também precisam, hoje, incluir um maior acontecimento para nos aguçar a curiosidade. O povo, em situação letárgica, deixava o tempo passar ambientando apenas viver, viver mais, esperando chegar ao

tempo em que as coisas mudassem. Este ano, o colapso carnavalesco não chegou a ser colapso, mas um simples desmaio, retornando tudo e todos às suas atividades rotineiras. Eis, porém, que a Quaresma, logo no início, é sacudida com um acontecimento máximo e capaz de nos devolver o entusiasmo das velhas datas... A visita de Stettinius, logo seguida da voz do ministro Marcondes Filho para anunciar,

Assim, para que ninguém pense que em Portugal o fascismo se apoderou do poder, a imprensa salazarista se encarrega de veicular, através de seus diários, os desejos pacíficos de seu chefe e os seus anhelos democráticos.

Mas a Espanha? Aí é que a coisa se torna mais confusa. A Espanha forma hoje com Portugal o bloco ibérico da política dúbia, que se baseia numa definição paradoxal, divulgada, segundo os próprios portugueses da América, para "inglês ver": "Democracia Autoritária".

O que entretanto querem os portugueses do "Comité Luso-Americano", e achamos razoável, é que o governo de Lisboa modifique o seu nome. Basta retirar uma palavra: ou bem será "democracia", ou bem será "autoritário". As duas coisas de uma vez é que não continuará sendo. Assim estão pedindo os portugueses da América.

E achamos que realmente eles têm razão. Que se expliquem pois os acusados de uma vez. Mesmo porque, segundo os novos acontecimentos, já passou a moda do "deixar como está, para ver como é que fica".

E esta é a derradeira oportunidade para que se retifiquem as atitudes, enquadrando-as dentro das novas circunstâncias, que cercam o momento político internacional.

AS ESCOLAS VÃO REABRIR



Terminou o período de férias escolares e já na semana vindoura alguns estabelecimentos educacionais vão reabrir-se. O início do ano letivo é o prenúncio da volta às atividades das crianças brasileiras, fazendo-o, este ano, exatamente quando o país se prepara para um acontecimento político de longo alcance, qual o das eleições presidenciais. Parece-nos oportuna uma advertência no sentido de não virem a ser interrompidas essas atividades, por esse ou por qualquer outro motivo, em prejuízo das nossas crianças. Elas devem ser amparadas e não prejudicadas. E desde que a simplificação do processo eleitoral é uma realidade, sem dúvida não será preciso quebrar a continuidade do ano letivo, que por sinal não começa nada cedo. Muitos colégios aqui do Rio vão reiniciar as aulas dia 15, quando logo na quinzena imediata se aproximam as comemorações da Semana Santa, com a eventual interrupção dessas mesmas aulas por espaço de três ou mais dias, não raro prejudicando os trabalhos de toda a semana. Isso em relação aos colégios públicos, onde os responsáveis pelos alunos não têm que desembolsar mensalidades, ainda constitui um simples prejuízo no desenvolvimento das matérias em estudo. Mas o prejuízo é maior quando diz respeito aos colégios pagos. Temos o exemplo de um amigo que nos mostrou o recibo da mensalidade de março, paga para o filho matriculado em um dos principais desses colégios. Mensalidade de semi-interno, agravada com as despesas de transporte, ela atinge a cifra respeitável de quinhentos e quarenta cruzeiros. Pois bem. As aulas só terão início dia 16. E as férias de Quaresma serão, no mínimo, de meia semana. Quer dizer que o pai do aluno em apêgo despendeu o equivalente a um mês inteiro, quando o filho não frequentará as aulas por mais de onze dias, descontados os feriados e domingos. O equivalente a um mês inteiro, inclusive o ônibus que o aluno não vai ocupar e a alimentação de semi-interno de que também não se aproveitará. Acresce a circunstância de terem sido majorados os preços da mensalidade, nessa como em outras escolas da capital da República, de resto sem qualquer autorização oficial, sabido que o assunto é atinente às respectivas autoridades de ensino.

Certamente não estão muito justificadas essas medidas, das quais os prejudicados vêm a ser, não os diretores das casas de educação, mas os alunos e seus responsáveis. Esperemos, pois, que fique tudo por aí, e outros empecilhos não venham, depois, agravar a situação já de si onerosa dos pais cujos filhos ainda estudam. Somos um país onde a educação não é acessível a qualquer um, mas onde constitui uma carga pesada nos orçamentos domésticos, a manutenção, mesmo em escola primária, de um filho ou filha. Os livros que já em fevereiro são solicitados pelos professores, nem sempre utilizados no curso das aulas do ano inteiro, as imposições de uniformes, pois o uniforme de guerra não chegou a vir, e tantas outras despesas imprevistas, que se desdobram de março a dezembro, contribuem para o desânimo dos pais cujas finanças não sejam das melhores. Muitos deles privam-se de um terno de roupa, e as mães de mais um par de sapatos, afim de não interromper os estudos daqueles em quem depositam o melhor de suas esperanças.

Em meio a tantos e tão delicados problemas, surgidos neste advento de 45, o da economia escolar assume, por certo, proporções relevantes. E para ele devem atentar os nossos governantes.

E A GUERRA?

categoricamente, pelo microfone da Hora do Brasil, o início da campanha eleitoral, foi um sôco no estômago de nós todos, brasileiros ou não. E desde essa noite marcante, que foi a de 22 de fevereiro de 1945, todos os assuntos, cotidianos, ficaram mais desprezados que um níquel de dez centavos. Inutilmente o locutor esportivo ficou bradando, lá de Santiago do Chile, os lances dramáticos das competições de futebol. Quem é que se interessava ainda pela conquista brasileira de um campeonato de pontapés, quando as cabeças, por aqui, voltavam a pensar e os lábios podiam discutir outros assuntos novamente inéditos, de tão repousados que se encontravam? O Congresso dos Escritores em São Paulo, prometendo pano para mangas com o incidente Pompeu de Souza, também acabou natimorto. E até a guerra, com a "arrancada" maravilhosa dos exércitos soviéticos em direção a terras italianas, o Monte Castelo, deixou de ter a repercussão que merecia e receberia até quinta-feira da semana passada. As "manchettes" da maioria dos jornais foram vasculhadas, mandando poderosos refletores para o assunto que vivia arquivado há tanto tempo. E as edições "Extra", com acontecimentos políticos brasileiros, ressurgiram, esgotando-se em poucos minutos. O carioca voltou para os penates mais tarde, deixando ficar-se na Avenida à espera das edições extraordinárias dando conta da reunião de Petrópolis. Em quarenta e oito horas modificava-se por completo a fisionomia de tantos desses jornais e da cidade...

"Naquele tempo a escola era rissonha e franca..." — o poeta era saudosista e o verso não é nada verdadeiro. Naquele tempo, isto é, num tempo que muitos pais de hoje ainda apanharam, a escola não era nada alegre, não era nada convidativa. Se não mais havia palmatórias nem varas de marmelo, nem por isso o ambiente era menos carrancudo e ameaçador. As salas de aula eram escuras e improvisadas. As professoras raramente eram bonitas, quase sempre solteironas e possuíam às vezes um buço que bem poderia ser chamado bigode. Daí o rigor habitual, que só hoje podemos compreender e perdoar. Mas quanto medo inútil, quanta raiva sofreada, e sobretudo quantas maldições ao mês de março, mês odiado, das aulas que se reabririam!

O sofrimento infantil das gerações passadas não foi, contudo, em vão. Nenhum sofrimento é em vão. O "kindergarten", que data de mais de um século, foi o primeiro passo feliz para a humanização das escolas do mundo. Começou do princípio, como devia ser. E' assim que as coisas boas começam. E nunca se poderá enaltecer bastante essa revolução que permitiu às crianças aprender brincando.

Hoje, finalmente, a criança que gosta da escola não é mais um fenômeno perturbador. As professoras são mais belas, mais esportivas, mais carinhosas e não raro têm filhos entre os seus discípulos.

— Quero o meu uniforme bem passado, mamãe, porque amanhã é o primeiro dia de aula! — E' o que em muitas casas se ouvirá.

Os tempos hoje mudaram. Ir à escola sem lágrimas, sem o pavor do castigo, tendo pelo estudo a mesma curiosidade iluminada que desperta um brinquedo novo, tudo isso é signo e promessa, signo de melhor compreensão, promessa de triunfos mais sólidos e duradouros.

A escola é a primeira imagem do trabalho na vida do homem, que deve trabalhar até morrer. Se a escola perde o seu caráter terrível de punição iminente, o trabalho, mais tarde, nada mais será do que um seu desenvolvimento suave e harmonioso.

Março... Reabrem-se as aulas. Passam os bandos infantís. Louras, morenas, pardas, pretinhas — como são invejáveis as crianças de hoje.



MARÇO

MARQUES REBELO





BELMONTE

VELHO MURO

Desenho de um muro antigo, com a inscrição "Muro de S. João". Bico de pena, com tinta branca sobre papel preto.

"A CARICATURA É UMA ARMA QUE DEVE SER USADA NA LUTA..." — afirma Belmonte, o pai de Juca Pato.

(Continuação da pág. 3).

clusive. Há também as obras de Eça, que Belmonte está relendo e ilustrando os personagens clássicos do romancista do "Primo Basílio". Muita coisa séria. Pouco ou nenhum humorista e quase absoluta ausência de retratos. Apenas de um lado uma fotografia esmaecida pelo tempo, do saudoso ator Leopoldo Froes, com amável dedicatória, e do outro lado outra de Joraci Camargo.

Não tivéssemos certeza de ser aquele o enderêço e podíamos admitir que estivessemos no gabinete de estudo de um pesquisador histórico, de um filólogo, de um erudito à moda antiga e nunca do esfuziante ilustrador da imprensa bandeirante.

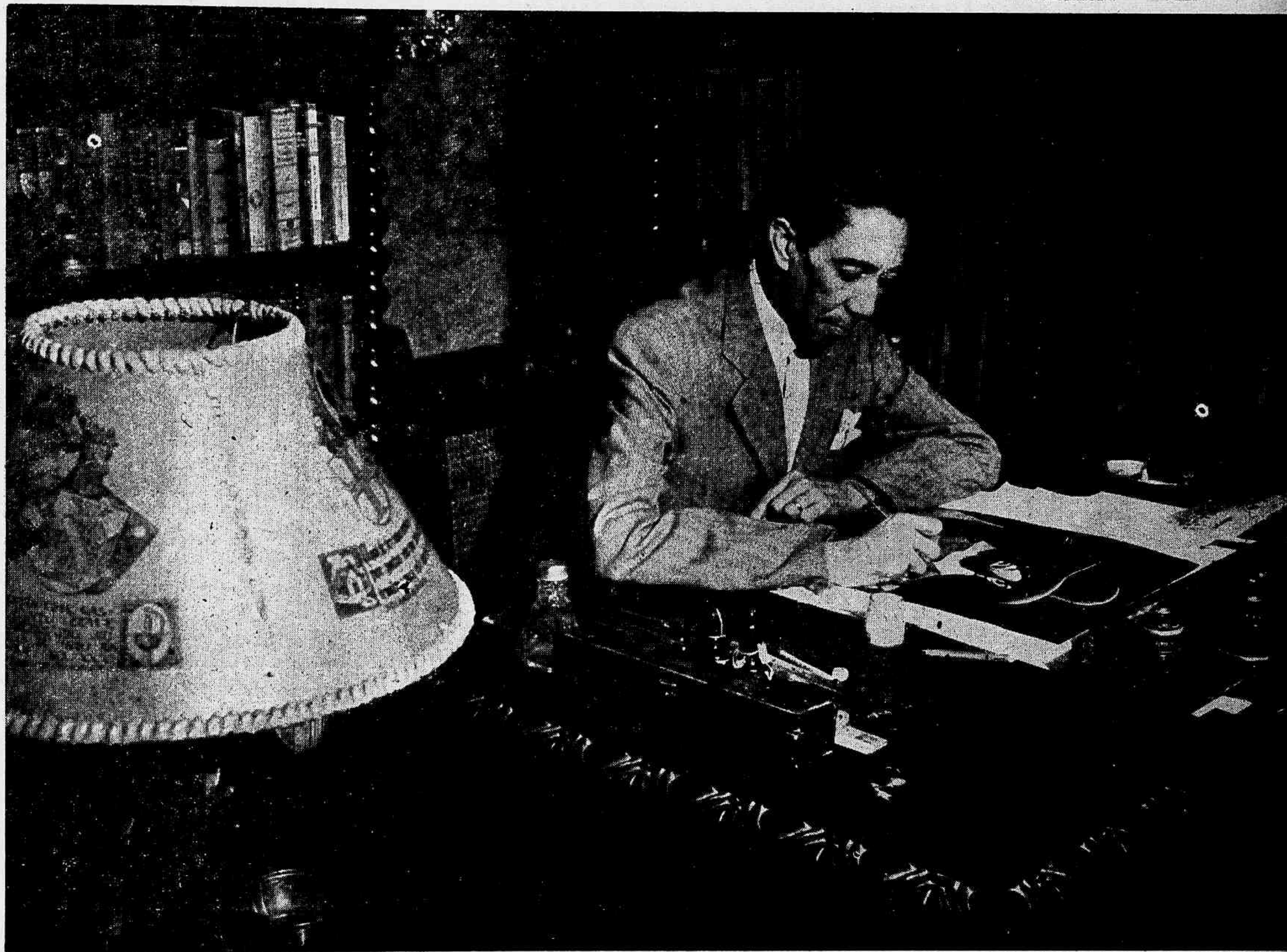
Mas em casa Belmonte é homem de hábitos morigerados, obedecendo ao relógio e submisso aos seus métodos de trabalho e de repouso. Dona Dalila, a esposa do nosso entrevistado, serve-nos agora o cafezinho matinal e participa da conversa onde Belmonte é quem fala menos, mas observa muito. Ele põe-se à nossa disposição para satisfazer a justa curiosidade do reporter, sem, com isso, estender-se em divagações além do que lhe indagamos. E sorri, com o seu modo triste e melancólico de olhar, os olhos fundos saindo das faces encovadas, os gestos lentos mas precisos.

QUEM É BELMONTE

Benedito de Bastos Barreto, filho do dr. João Canero de Bastos Barreto e d. Rita do Espírito Santo Barreto, nasceu na capital paulista em 15 de maio de 1896. Cursou a Escola Modelo "Caetano de Campos", o Ginásio Macedo Soa-

Publicou os seguintes trabalhos: "Angústias do Juca Pato" (Album de caricaturas — 1926); "O amor através os séculos" (Album de desenhos, em cores — 1927); "Assim falou Juca Pato" (Livro de crônicas, Comp. Editora Nacional — 1933); "Idéias de João Ninguém" (Livro de crônicas humorísticas, Livr. José Olimpio — 1935); "A Cidade de Ouro" (Livro para crianças, Comp. Ed. Nacional — 1938); "No tempo dos bandeirantes" (Livro de História, já em 3.ª edição); "Brasil de Outrora" (Album de desenhos, Edições Melhoramentos). Publicou três albums de caricaturas políticas: "No Reino da Confusão" (1939), "Música, Maestro!" (1940) e "A Guerra do Juca" (1941). Tem no prelo um album de desenhos em cores: "Trajes e costumes da América Latina", e em preparo um livro sobre Eça de Queiroz.

Foi Belmonte o criador das personagens dos livros infantis de Monteiro Lobato e tem ilustrado dezenas de livros nacionais.



Belmonte é muito caseiro. Na sua agradável vivenda de Pacaembú ele passa os dias lendo e desenhando ou escrevendo seus livros. Está preparando um sobre Eça de Queiroz, com farta documentação e muitas ilustrações de sua autoria, focalizando os principais personagens dos romances do escritor português. Aqui o vemos em seu gabinete, onde não há nenhuma evocação a Juca Pato. O "abat-jour" do primeiro plano foi decorado pelo grande artista paulistano.

Ele aparece enfim. Só o conhecíamos de retratos e esses mesmo antigos. Belmonte não foge à regra do autor que acusa uma disparidade absoluta da sua obra. Assim como J. Carlos não faz lembrar em nada os seus magníficos calungas, também o autor de Juca Pato poderia cruzar conosco à vontade, que não se denunciaria. E no entanto, na rua, seu tipo chamaria a atenção se Belmonte não fôsse um cidadão conhecidíssimo. Sua figura magra e esguia, mal se encobre sob aquela roupa pesada de casemira, imprópria para a tarde quente de fevereiro. Usa colete de gola e trespasse, colarinho engomado que lhe aperta o pescoço fino, e chapéu à moda antiga, de abas largas e copa alta. Seu jeitão característico se distingue à distância. E quando vai tomar um café expresso ou um refresco, invariavelmente já lhe pagaram a despesa. Um fã desconhecido, admirador anônimo, tem sempre a honra de prestar essa humilde homenagem ao "seu artista".

res, o Instituto de Ciências e Letras. Fez curso de preparatórios com o prof. Alfredo Paulino e curso de línguas com o prof. Henrique Geenen. Desistiu do estudo de medicina para dedicar-se ao jornalismo. Com rapazes seus amigos fundou a revista "Alvorada", onde iniciou os primeiros passos. Trabalhou, a seguir, nas revistas paulistanas "Kosmos", "Miscelânea", "Vida Paulista", "O Queixoso" e, em 1921, entrou para a "Fôlha da Noite", onde se encontra até hoje.

Nesse ano, iniciou sua colaboração em revistas cariocas: "D. Quixote", "Frou-Frou", "Careta", "Verde e Amarelo", "Cruzeiro", "Dom Casmurro", "Vamos Ler", tendo também publicado muitos trabalhos aqui na REVISTA DA SEMANA. É curioso mesmo registrar que os primeiros desenhos de Belmonte publicados no Rio o foram, em 1917, nesta publicação. Em 1925 criou o Juca Pato. Em 1926, o João Ninguém.

FALA O ARTISTA

Nosso contacto com Belmonte estendeu-se por vários encontros em casa, na rua, nos cafés, onde quer que o atraíam seus afazeres. E onde Belmonte aparecia, sentíamos o grau de simpatia e aprêço que lhe tributam os mais destacados e humildes representantes do povo.

Por isso, tivemos oportunidade bastante para ouvi-lo, em palestras descosidas, que agora tentamos alinhar:

— Belmonte, desde quando você revelou pendor para o desenho?

— Nós, quando crianças — diz-nos — desenhávamos nas paredes a carvão. Com o tempo, uns desistem, outros continuam. Eu sou dos que continuaram.

— E quando começou a escrever?

— Quando me disseram que a literatura não enriquece



Mesmo não bebendo, o artista possui um pequeno "bar", habilmente disfarçado em um móvel de estilo. E ali Belmonte serve aos amigos um delicioso aperitivo por ele mesmo preparado. No intervalo da palestra com o reporter, o autor de "No tempo dos bandeirantes" serve-lhe a sua composição predileta. Mas conserva-se abstinente...

A mesa de trabalho está permanentemente limpa. Quando o artista se ausenta, as coisas ficam em seus lugares e os lápis do desenhista confundem-se com a pena do escritor. Belmonte não usa máquina de escrever. Esse flagrante, batido enquanto o esperávamos para dar início à palestra, deixa ver, bem visível, uma série de "croquis" com Juca Pato, o herói dos "Fóllhas". E os livros históricos, de literatura ou biográficos, alinham-se nas prateleiras e armários, tudo meticulosamente conservado. Belmonte é um homem metódico.

ninguém. Não acreditei e quis tirar uma prova. Fiz como o português da anedota, que acendeu uma vela para ver se o tanque do seu carro tinha gasolina. Tinha. O luso não teve tempo de ver, mas eu tive.

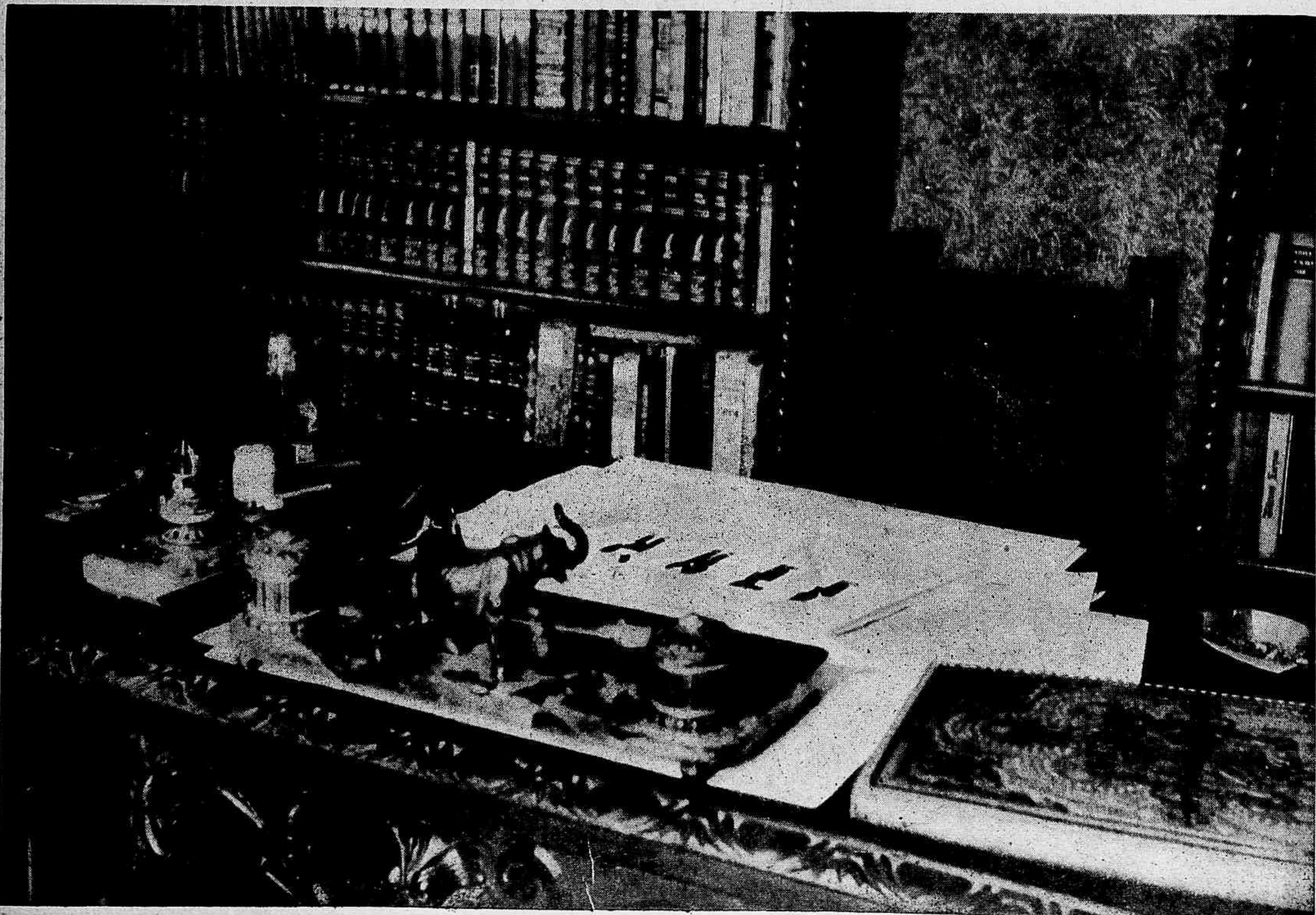
— E não desistiu.

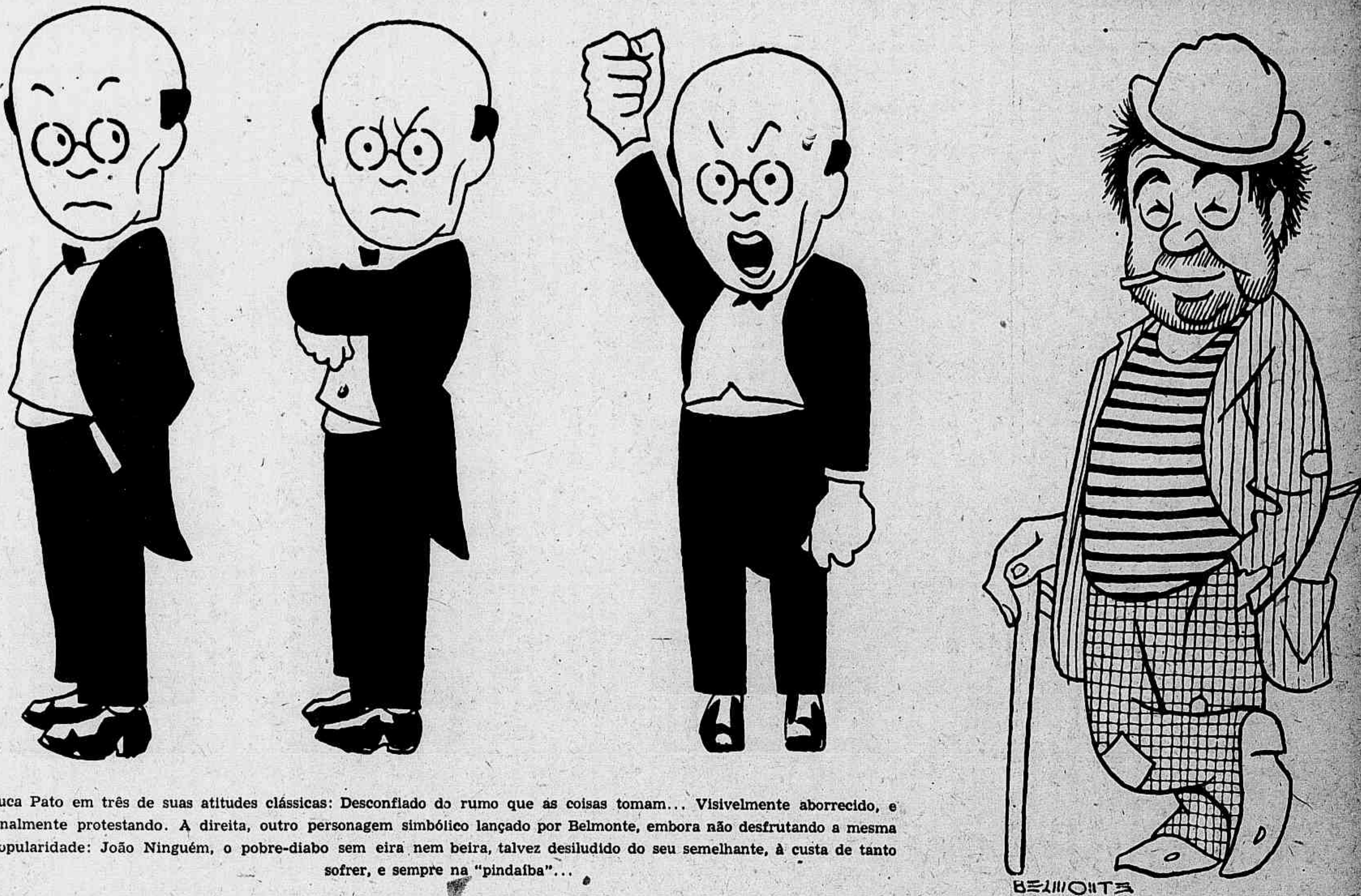
— Não era mais possível voltar atrás. Por esse tempo nós havíamos fundado o Centro Literário e Recreativo Liberdade, onde chegamos a formar excelente biblioteca, mercê das doações feitas pelas famílias de muitos dos associados. O Centro funcionava no magnífico porão da residência de um de nossos sócios, e ali realizávamos memoráveis tertúlias todas as tardes e, aos sábados, prolongados debates literários, com tamanho entusiasmo que, pouco a pouco, fomos transformando o pacífico grêmio numa ruidosa miniatura da Câmara dos Deputados, onde nos tratávamos gravemente por v. excia., para terminarmos as sessões em verdadeiros tumultos. E tantas fizemos que, uma noite, a família do sócio que nos emprestava a sede, não podendo sossegar com o barulho, deu um golpe de Estado e acabou com o nosso pobre Centro! Mas, durante o longo tempo em que ele existiu eu me inoculara fundamente de literatura. No livro "Testamento de uma Geração" publicado há pouco pela Livraria do Globo contei por miúdo esse caso. Meus ídolos então eram Eça de Queiroz, Voltaire, Nietzsche e Schopenhauer. E como é fácil de imaginar não foi em vão que essa avalanche de rebeldia, de negativismo e de troça se despenharia dentro de meu cérebro em formação aí deixando sulcos inapagáveis.

— E já fazia caricaturas nessa época?

— Fiz a primeira na revista "Rio Branco" que era o órgão oficial do Centro: uma caricatura absolutamente sem graça e sem consequência. Só quatro anos mais tarde em 1916 foi que me iniciei na "charge" política numa outra revista, "Alvorada", revista de rapazes que se publicava de vez em quando. Aí publiquei também o meu primeiro conto onde havia uma condessa loira, um conde feroz e um menestrel romântico à sombra de um castelo medieval cheio de setelras, barbacas e pontes levadiças. Essa tentativa, porém, não me agradou e lancei-me ao humorismo, à crítica e à sátira, escrevendo ou desenhando.

— Houve a influência de outros artistas do lápis na formação do seu estilo?





Juca Pato em três de suas atitudes clássicas: Desconfiado do rumo que as coisas tomam... Visivelmente aborrecido, e finalmente protestando. À direita, outro personagem simbólico lançado por Belmonte, embora não desfrutando a mesma popularidade: João Ninguém, o pobre-diabo sem eira nem beira, talvez desiludido do seu semelhante, à custa de tanto sofrer, e sempre na "pindaíba"...

— Meus trabalhos dessa época — continua Belmonte — foram muito influenciados por dois artistas franceses: René Vincent e Charles Héroard. E por J. Carlos, que já era um mestre.

O aparecimento de Belmonte, aquela noite chuvosa, no café-expresso da Avenida São João, constituiu motivo de sensação. Ele é querido do povo, e onde aparece logo o envolve um círculo de simpatia e aprêço. Uma taça da "preciosa rubiácea" reanima o grupo que vai, após, continuar seu giro pela São Paulo noturna, em companhia do artista, sempre e cada vez mais apaixonado da terra da garôa, mesmo quando não há garôa...

SÃO PAULO ANTIGA

A palestra continua, agora evocando a terra bandeirante de outros dias:

— Houve grandes modificações nos hábitos e costumes de São Paulo desde quando você desenha e escreve?

Belmonte fala com emoção:

— Nesse tempo, São Paulo era ainda uma cidade provinciana, onde existiam boêmios literários que acreditavam no absinto de Verlaine, no Quartier Latin e em outras calamidades adjacentes. O caricaturista dominante era Voltolino, um artista profundamente paulistano que fazia "charges" maravilhosas no "Pirralho", a famosa revista do coronel Vieira, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e "Juó Bananere", o saudoso Alexandre Marcondes Machado. Este, com Moacir Piza, constituíam a dupla de humoristas mais terrível e mais inteligente que já vi.

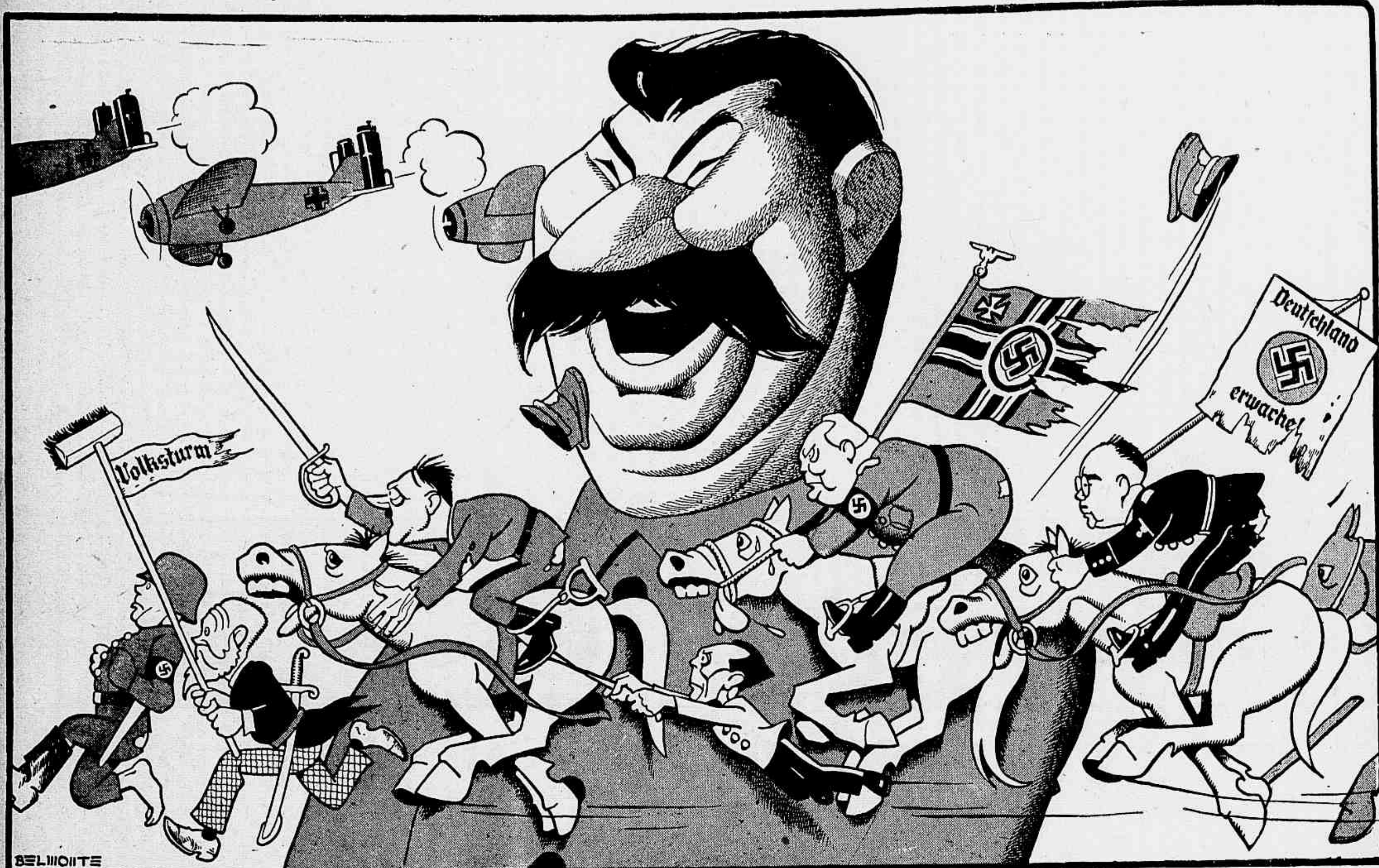
— Você colaborou no "Pirralho"?

— Não. Por esse tempo eu era ainda um principiante e preparava-me para ingressar na Faculdade de Medicina. No curso de preparatórios que, já então, frequentava, tive como companheiro de banco o Jefferson que, alguns anos depois, se transferiu para o Rio, onde colaborou em algumas revistas e agora anda perdido em Niterói. Mas Voltolino foi, acima de tudo, um extraordinário fixador de tipos populares da Paulicéia.

— Existem ainda tipos populares em São Paulo?

— Hoje não há mais desses tipos por aqui. As próprias condições da vida moderna nas grandes cidades não lhes favorecem a existência. Eu ainda me lembro de três deles, creio que os últimos abencerragens dessa fauna exótica. Um deles era o "Brodo". Tratava-se de um italiano já velhusco que percorria o centro da cidade, geralmente à noite, andando em passos majestosos, com a mão em concha junto à orelha esquerda. E cantava. Cantava sem cessar, com uma tremenda voz de barítono constipado. Durante longos anos ninguém conseguiu saber jamais o que





A campanha anti-nazista empreendida por Belmonte com o seu lapis tem-lhe proporcionado enorme sucesso, mas também o recebimento de algumas divertidas cartas anônimas contendo ameaças pueris, às quais liga muito pouca ou nenhuma importância. Esta, "Avante! Para Berlim!", é das mais felizes, focalizando o panorama da guerra na sua fase atual. Muitos de seus desenhos têm sido reproduzidos pelos jornais e revistas de outros países.

é que o "Brodo" cantava. Durante o dia era um homem perfeitamente normal e trabalhava como todo mundo. O delírio ambulatório e melódico só lhe dava à noite. Antes dele, porém, havia um outro mais curioso: o padre Pascoal. Também era italiano. Morava no Piques, quando o meu dinâmico amigo Prestes Maia ainda não havia posto abaixo essa "favela" paulistana. O padre Pascoal era proprietário de um correr de casas na ladeira S. Francisco e alugava os andares térreos dessas casas a uma porção de senhoras que só não eram de reputação duvidosa porque não podia haver a menor dúvida sobre a ausência absoluta de reputação. Mas o certo é que, todos os dias, metido na sua batina enxovalhada — apesar de ter sido suspenso de ordens há muito tempo — o "padre" Pascoal ia de casa em casa, exigente e resmungão, recolhendo o aluguel dos

seus pardieiros e descompondo as inquilinas que se atarravam. Um "número", o "padre" Pascoal!

— E o outro, Belmonte?

— O último era um alemão. Como você vê, o elemento nacional não sofria muito da "bola". Ninguém lhe sabia o nome. Apelidaram-no "O Filósofo".

— Por que?

— Pelo seu jeitão esquisito e misterioso. Era alto, magro, com uma barbicha rala e ruiva, de longa rabona e trazendo sempre sobre o braço uma porção de jornais e revistas que ia retirar diariamente na posta-restante dos Correios. Não falava com ninguém e trazia nos lábios, invariavelmente, um sorriso misterioso. Inúmeros reportes tentaram entrevistar o "Filósofo" mas esbarraram sempre diante do seu mutismo. O homem ouvia as perguntas

e sorria. Não ia além desse sorriso encabulante! Acabaram deixando-o em paz.

— Uma outra pergunta: como aprecia o panorama atual da caricatura no Brasil?

Belmonte sorri discretamente:

— A caricatura brasileira parece que vai bem, você não acha?

— Não sei. O entrevistado é você.

— Tem razão. Mas eu acho que os críticos é que devem julgar o que a caricatura brasileira tem feito atualmente. Parece-me, contudo, que ela existe em plena vitalidade e ainda prestando excelentes serviços ao povo. Ainda há pouco tempo desenvolvi, em "charges", uma tremenda campanha contra os exploradores do povo, e posso afirmar que ela produziu os melhores resultados. O número de cartas que recebo todos os dias, com apelos ao meu lapis para a defesa de causas populares, é uma arma poderosíssima quando manejada com independência e com honestidade.

A família Belmonte reúne-se para conversar com o reporter, ouvir um pouco de rádio ou comentar os acontecimentos. Pai, mãe e filha: Dona Dalila recorda episódios pitorescos da carreira do artista, e a jovem Lais limita-se a sorrir, quase não dizendo palavra. Belmonte deve estar pensando: — "Quanto tempo perdido... Podia estar desenhando ou escrevendo alguma coisa"...

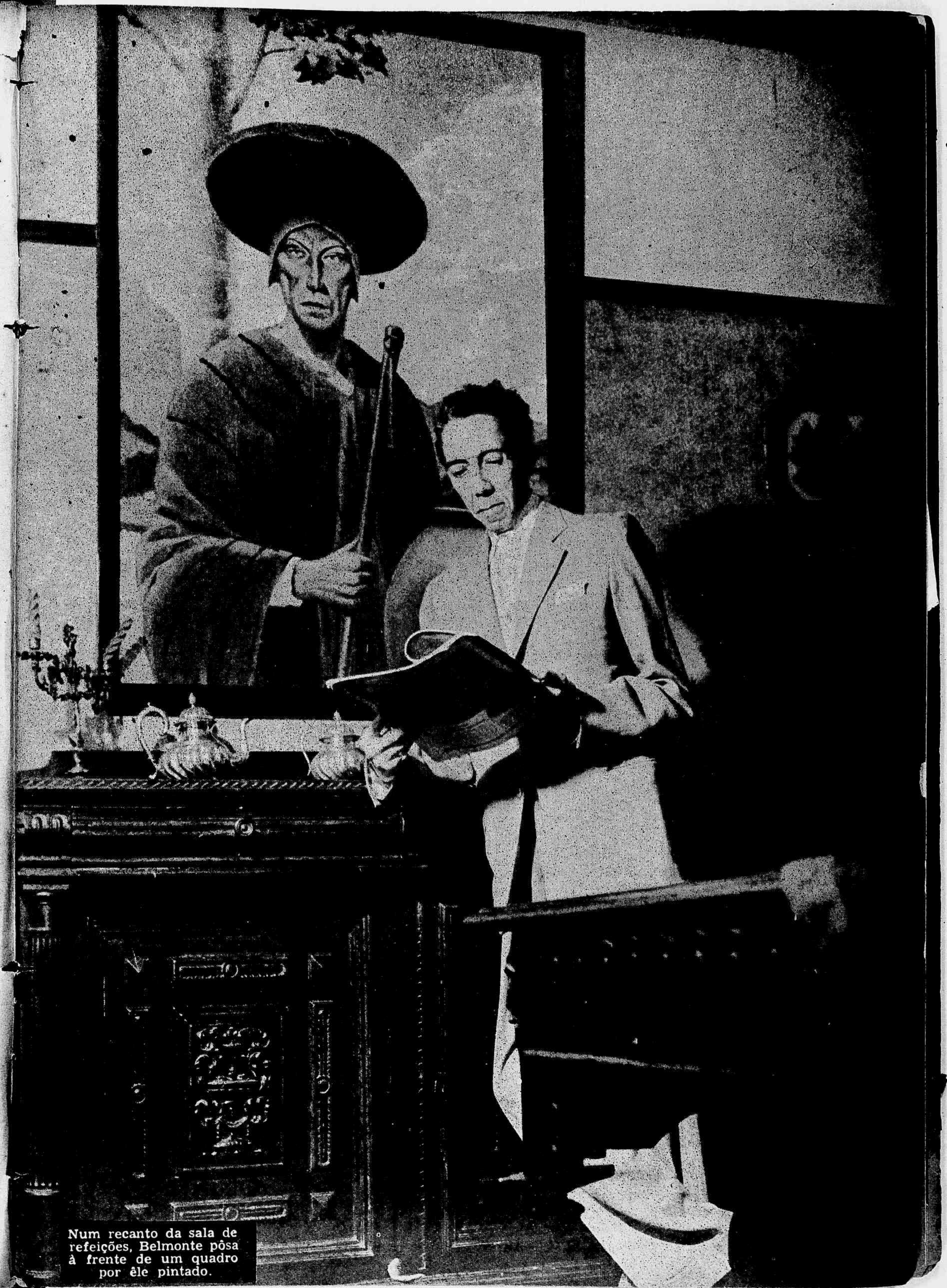
CARICATURA E CARICATURISTAS

— Você acha, Belmonte, que os nossos artistas do lapis têm sido prejudicados pela difusão das histórias de quadrinhos norte-americanas?

— Os caricaturistas, não. Mas os que desenhavam para crianças, sim. Isso, todavia, provém de um mal maior: o cinema. Este tem-desvirtuado de tal forma a mentalidade infantil, que a criança de hoje não aceita mais as ingênuas histórias de outros tempos, a não ser quando muito bem apresentadas, quer em filmes, quer em livros ou revistas. Mas, a não ser os filmes de Disney, nada mais existe. O cinema nacional ainda é um cinema para os adultos — quando o é, realmente — e quanto a livros e revistas infantis, só temos Lobato e o "Tico-Tico". Mas você não acha que isso é quase nada? Creio que os poderes públicos deveriam incentivar por todos os meios a literatura e a ilustração infantil, restituindo-as às suas verdadeiras finalidades, de modo a não estarmos formando uma geração de "gangsters" e "boxeurs".

— Na sua opinião, quais foram, entre os vivos e mortos, os maiores caricaturistas destes últimos tempos?





Num recanto da sala de refeições, Belmonte põsa à frente de um quadro por êle pintado.

realmente uma crítica, valeu-me um processo. Mas fui absolvido.

— O que mais ambiciona você, Belmonte?

— Nunca fui ambicioso.

— E o que mais detesta?

— A ambição.

— Que faz você quando não desenha nem escreve?

— Leio. Como vê, minha sala de trabalho tem mais livros do que material de desenho. Para desenhar, bastam-me uma mesa, duas canetas, alguns pincéis, um vidro de nanquim, uma borracha, um lapis e uma régua. Para que mais? Entretanto, não há livros que cheguem. O livro é tudo. V. está se lembrando ainda do "Filósofo" de que lhe falei há pouco? Todo mundo pensava que sua barba mal tratada, seus cabelos hirsutos, sua roupa enxovalhada e suas botas cambadas eram "filosofia". O homem não seria um pobreto, era um "Filósofo". Por que? Porque trazia sob o braço, jornais, folhetos, livros... Se lhe tirassem esses jornais e esses livros e lhe pusessem na mão um embrulho ou um bastão, já não seria o "Filósofo". Seria um pobreto como qualquer outro, talvez um mendigo. Toda gente o olharia com desprezo, os cães lhe ameaçariam os calcanhares e a polícia não lhe daria sossego. Mas o pobre diabo, com seus livros e suas revistas subia tremendamente de cotação, apesar da roupa no fio e das botas cambadas. Era o "Filósofo", que os cães temiam e a polícia respeitava. O livro produz desses milagres.

— E afinal, por que você prefere a caricatura política?

A resposta de Belmonte vale por uma alusão à própria época:

— O homem é um ser essencialmente político. E, num momento cruciante como este, quando todo intelectual deve ser um combatente e um orientador, parece-me pouco agradável estar se fazendo caricaturas incoerentes. A caricatura é uma arma que deve ser usada na luta, em defesa dos exploradores e dos fracos, ou então pela vitória de uma idéia política, de um princípio filosófico ou de uma doutrina social. Dramática ou humorística, mas combativa, fina e cintilante como uma espada. Agir de outro modo seria o mesmo que, em pleno combate, empunhar essa espada e ir com ela, placidamente, descascar batatas...

As últimas palavras de Belmonte eram bastantes. E nós o deixamos, entregue às novas reclamações do seu Juca Pato glorioso, meditando de olhos fixos no busto de Dante e com o lapis — quem sabe! — ensaiando-se para novas e mais decisivas batalhas...

Primeiro ele assinava seus bonecos: "B. Barreto". Depois, por extenso: "Bastos Barreto". Mais tarde, Bertaro, e finalmente Belmonte, que lhe deu mais sorte e enorme popularidade.



— "O estádio de Pacaembú fica ali adiante" — e Belmonte mostra-nos da varanda de sua residência o monumental campo esportivo. "Mas não costumo frequentá-lo" — acrescenta — "e apenas chega até mim, nos domingos de grandes competições, o ruído estridente da "torcida"..."

— Dos mortos posso citar três de que me lembro no momento: Angelo Agostini, Gil e Voltolino. Dos vivos prefiro não falar porque não gosto de meter a mão em combustão.

— E a guerra? Serviu-lhe de assunto, realmente. Mas não lhe tem causado também dissabores em consequência de suas "charges" contra o eixo?

— Não — responde Belmonte, que já foi por duas vezes comentado nas transmissões de Berlim. A não ser cartas anônimas em que me xingam de todos os nomes feios e nas quais prometem me quebrar os ossos. Até agora, porém — diz, sorrindo — estou com todos os ossos intactos e nos devidos lugares.

— De uma vez foi noticiado que você seguiria para os Estados Unidos. O que o levou a desistir da viagem?

— O fato de que eu não sei morar fora de São Paulo.

— Está satisfeito com o proveito pecuniário que seus trabalhos lhe têm dado?

— Plenamente satisfeito. Como trabalho dezoito horas por dia, desenhando e escrevendo, não tenho do que me queixar. Mas ainda não cheguei ao ponto de pagar imposto sobre lucros extraordinários...

— E agora, com o período de eleições e as naturais modificações daí decorrentes, acha que a caricatura vai recuperar o terreno perdido?

Outro sorriso sereno de Belmonte e outra resposta:

— Tudo faz crer que sim, embora, como é natural, não se possa afirmar nada com certeza...

— Teve resultado financeiro na exposição de quadros que levou a efeito recentemente?

— Tive. E muito além do que esperava.

— Quanto ganhou pelo seu primeiro desenho publicado?

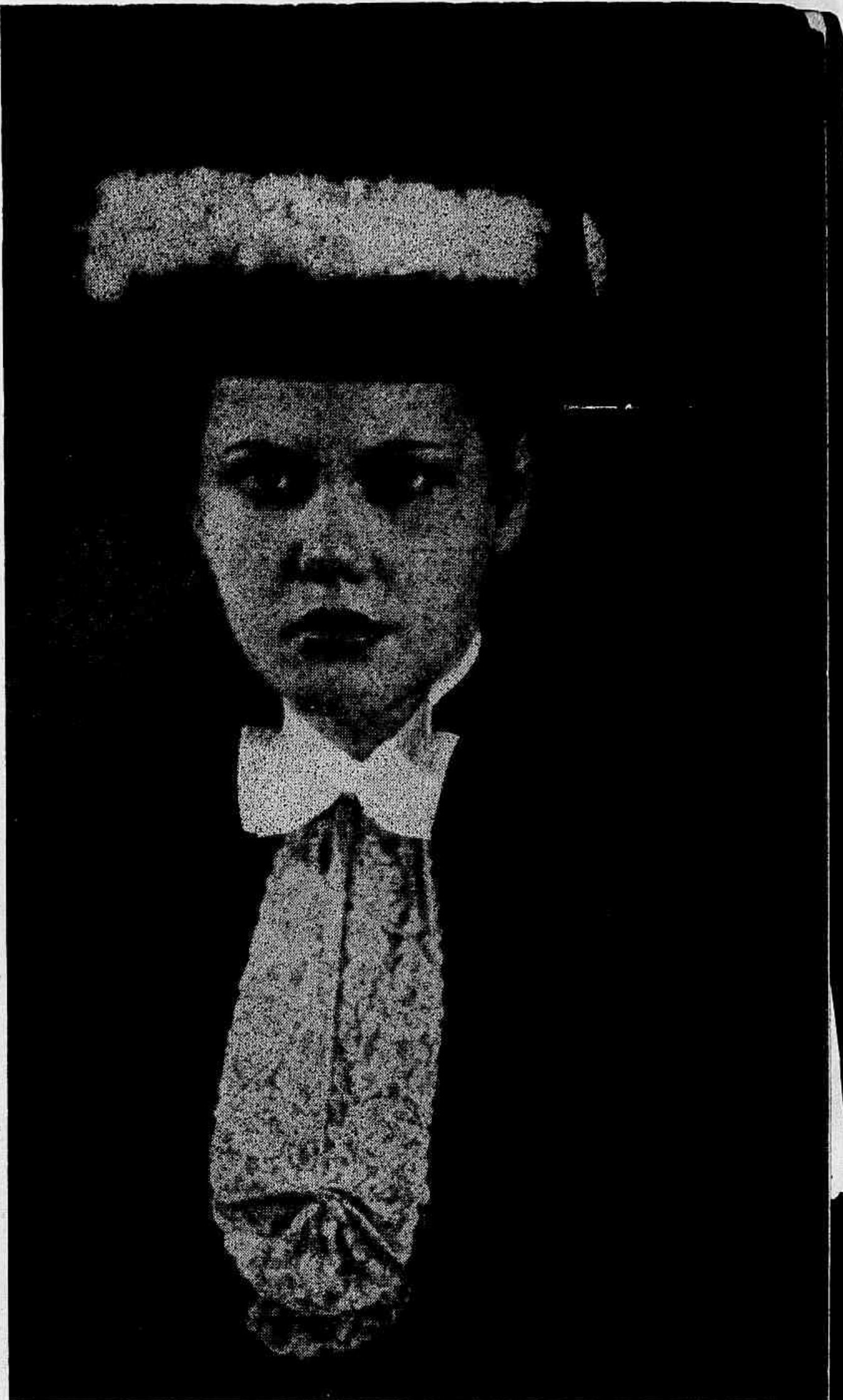
— O primeiro não me rendeu nada. O primeiro que rendeu, deu-me cinco mil réis. E o primeiro em que fiz



A POETISA ANNA A. LEITE, AUTORA DA LETRA DA VALSA "SENSIBILIDADE", MUSICADA POR ALBERTO MONTALVÃO, QUE VEM OBTENDO GRANDE SUCESSO



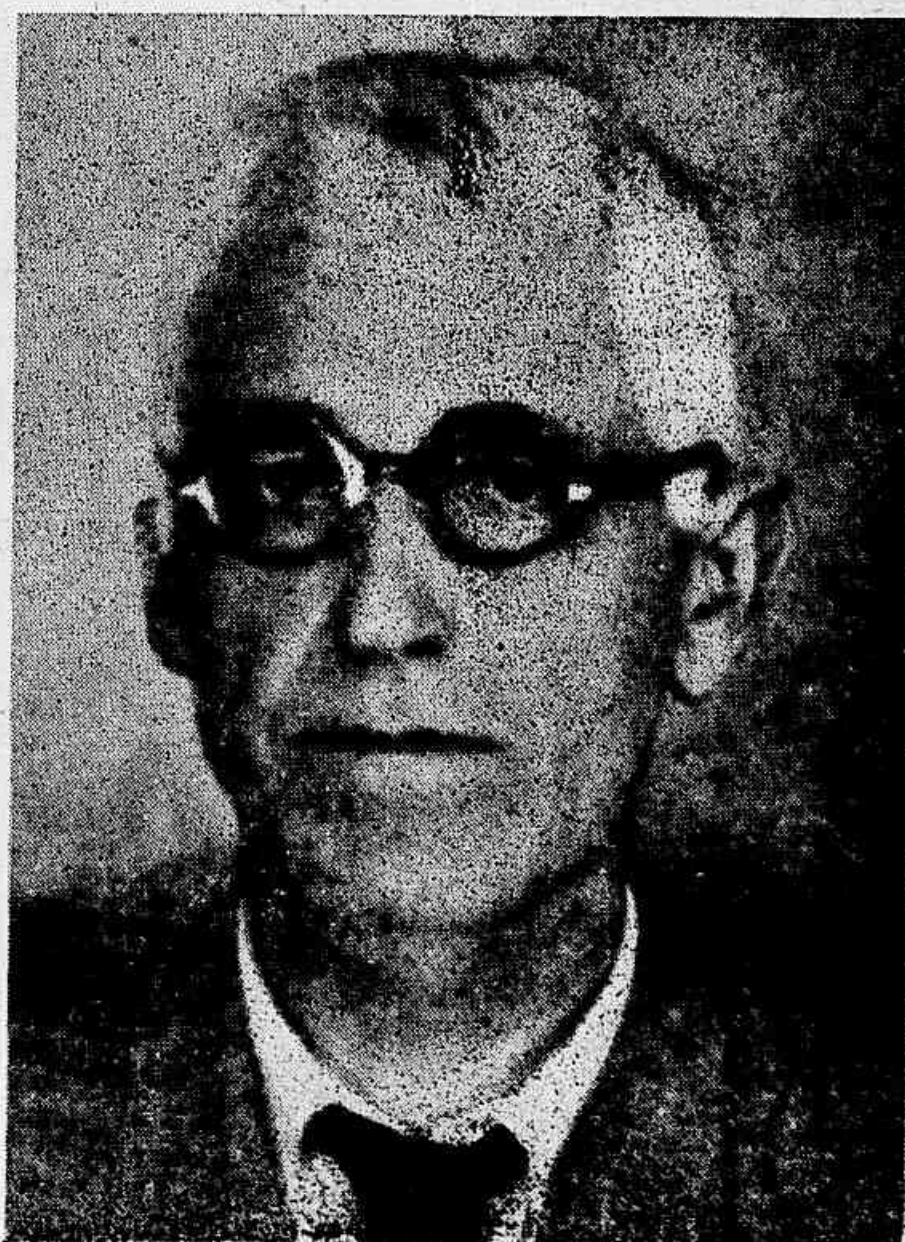
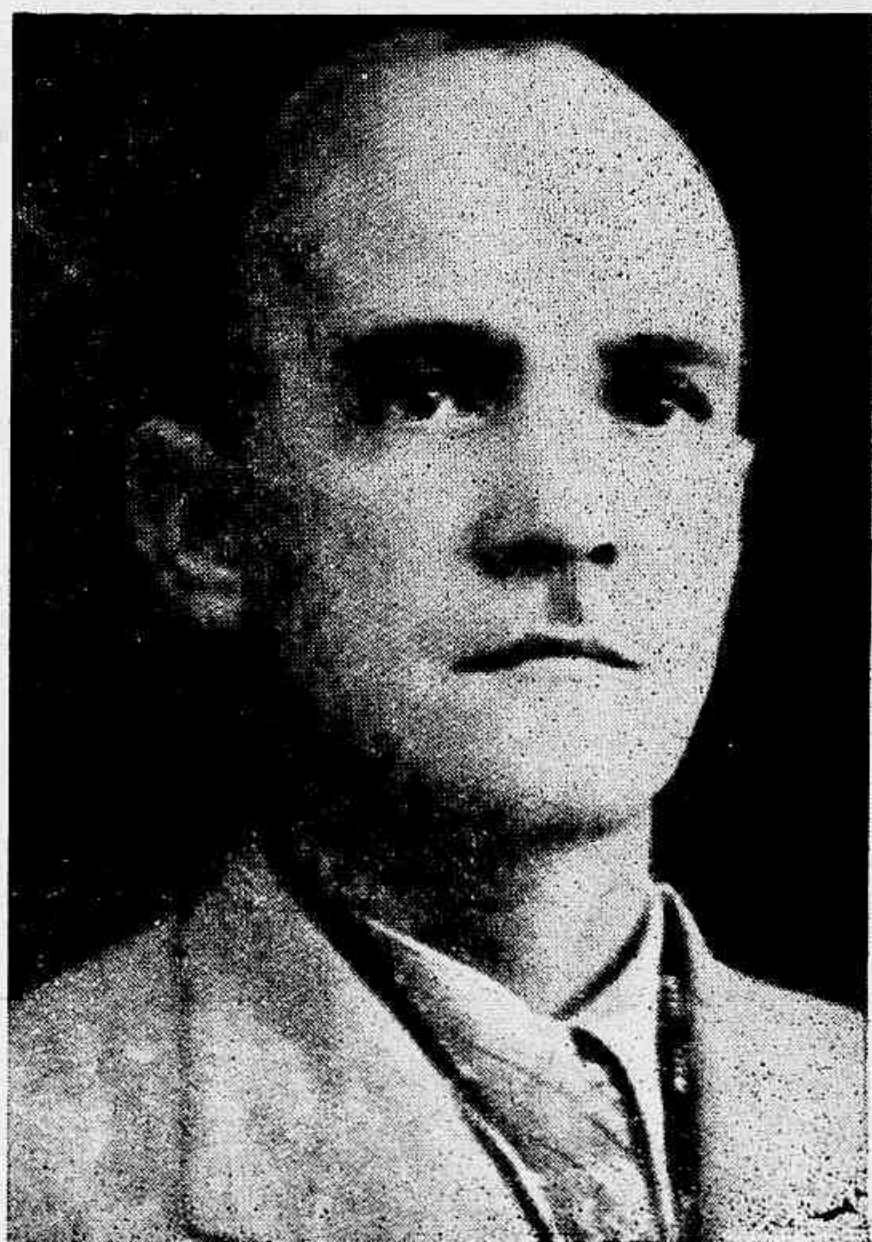
GILDA, FILHINHA DO CASAL MILTON — SILVIA TEIXEIRA, RESIDENTE EM SÃO JOÃO DEL-REI



SENHORA AUREA DE FARIAS FRANÇA, DA SOCIEDADE CARIOCA, QUE VEM DE CONCLUIR COM BRILHO O CURSO DE MEDICINA NA FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DESTA CAPITAL

• FIGURAS E FATOS •

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SRS. ANTONIO OTTONI DE CARVALHO SOBRINHO, PRESIDENTE DO ATLÉTICO F. C. DE SÃO JOÃO D'EL-REI; MANOEL DE ALMEIDA NETO E SERGIO GARCIA, GRANDES INDUSTRIAIS DAQUELA PROSPEFA CÍDADE MINEIRA...



DE RADIO

Redator: **DJALMA MACIEL**

Essa história de transmissões exclusivas das grandes competições esportivas não é de hoje. Vem de longe... Quem não perdeu a memória deve lembrar-se do ano em que a Rádio Clube do Brasil, pela voz de Gagliano Neto, adquiriu a exclusividade de transmitir o Campeonato do Mundo. Foi quando surgiram as primeiras reclamações. Daquela vez, a Mayrink tentou fazer um serviço informativo com telegramas. Porém, lá dentro mesmo, o pessoal entusiasmou-se tanto com a irradiação da rua 13 de Maio que nem ligou muita importância aos telegramas. Foi então que a P. R. A-9 cuidou de obter exclusividade semelhante em Montevideú. Dessa vez, houve a interferência da Rádio Tupi, com Ari Barroso. Houve barulho do bom. Este ano repetiu-se a proeza com nova exclusividade da Mayrink e uma tentativa de "furo" da Globo.

E futuramente? Será que teremos outras exclusividades semelhantes?

Falou-se esta semana na possibilidade de Lauro Borges transferir-se da Mayrink para outra emissora. Tão depressa? O ingresso da PRK-20 na estação do Ladeira é recentíssimo. Que é que há?

Tendo de entregar o Rival Teatro à companhia Déa-Cazarré, que ali estreou ante-ontem, a Rádio Globo contratou por longo prazo — parece que por um ano — o Teatro Carlos Gomes, onde, além de suas atuações normais, realizará espetáculos de teatro. No entanto, as demais dependências da PRE-3 continuam no Edifício Sul-Riograndense, na Avenida, onde haverá também, no primeiro andar, um grande estúdio.

Pessoal de rádio-teatro será aproveitado numa decisiva experiência de aproveitamento para o palco, com a temporada das 2.ªs feiras, no Fenix, em abril. Mas o rádio-teatro devolverá ao teatro propriamente dito, nessa experiência, alguns elementos veteranos e populares deste último: Maria Sampaio e Sarah Nobre, por exemplo. A peça de estréia, "Luz de gás", é a mesma de onde foi extraído o filme "A meia-luz", que a Metro deve estreitar proxima-mente com Charles Boyer. De qualquer modo, a temporada das 2.ªs feiras será interessante e, por certo, vitoriosa. Podemos adiantar que, uma vez formado repertório, esse elenco visitará São Paulo, onde vai dar espetáculos todas as noites. E se tudo der certo, é provável que, de volta, se instale também definitivamente em um dos nossos teatros.

E os cantores populares? As horas de calouros? Os locutores famosos que dirigiam amáveis galanteios às suas fãs? Os sambistas popularíssimos?

O vento levou... (O vento ou o rádio-teatro?).

A "Cadeira de Barbeiro" conseguiu ser um programa dos mais ouvidos em São Paulo. Isso em uma cidade onde o rádio não é, para que se diga, uma forte atração para o grande público. Aqui no Rio, porém, a "Cadeira de Barbeiro" ainda não despertou o mesmo interesse.

E' preciso ter acompanhado o nosso ambiente radio-fônico nestes últimos dez anos para sentir o seu grau de desenvolvimento. Em que pesem todas as falhas nele ainda



OSWALDO DINIZ MAGALHÃES está, agora, com a sua excelente "Hora da Ginástica" no setor da Rádio Globo. Foi, sem dúvida, outra proveitosa aquisição da novel emissora carioca.

VICENTE PAIVA, num momento em que se entregava ao preparo de uma nova composição para a sua popular orquestra.

← existentes, manda a verdade dizer que o "broadcasting" nacional, e não só o carioca, tem realmente evoluído. Naquele tempo um redator, um cronista, um autor não encontraria lugar razoavelmente pago em nenhuma emissora, quando, agora, apreciáveis elementos de nossas letras dão o seu concurso às estações de rádio, ganham projeção maior e percebem salários interessantes. A ascensão do elemento intelectual, se ainda não chegou ao que pode e deve ser, já se pronunciou, na razão direta do declínio dos subvalores, dos elementos falhados em outros setores de atividade. Certo, há muito mais ainda a fazer. Esperemos que a febre das novelas passe e que o ouvinte dê o mesmo interesse aos programas realmente bem trabalhados...

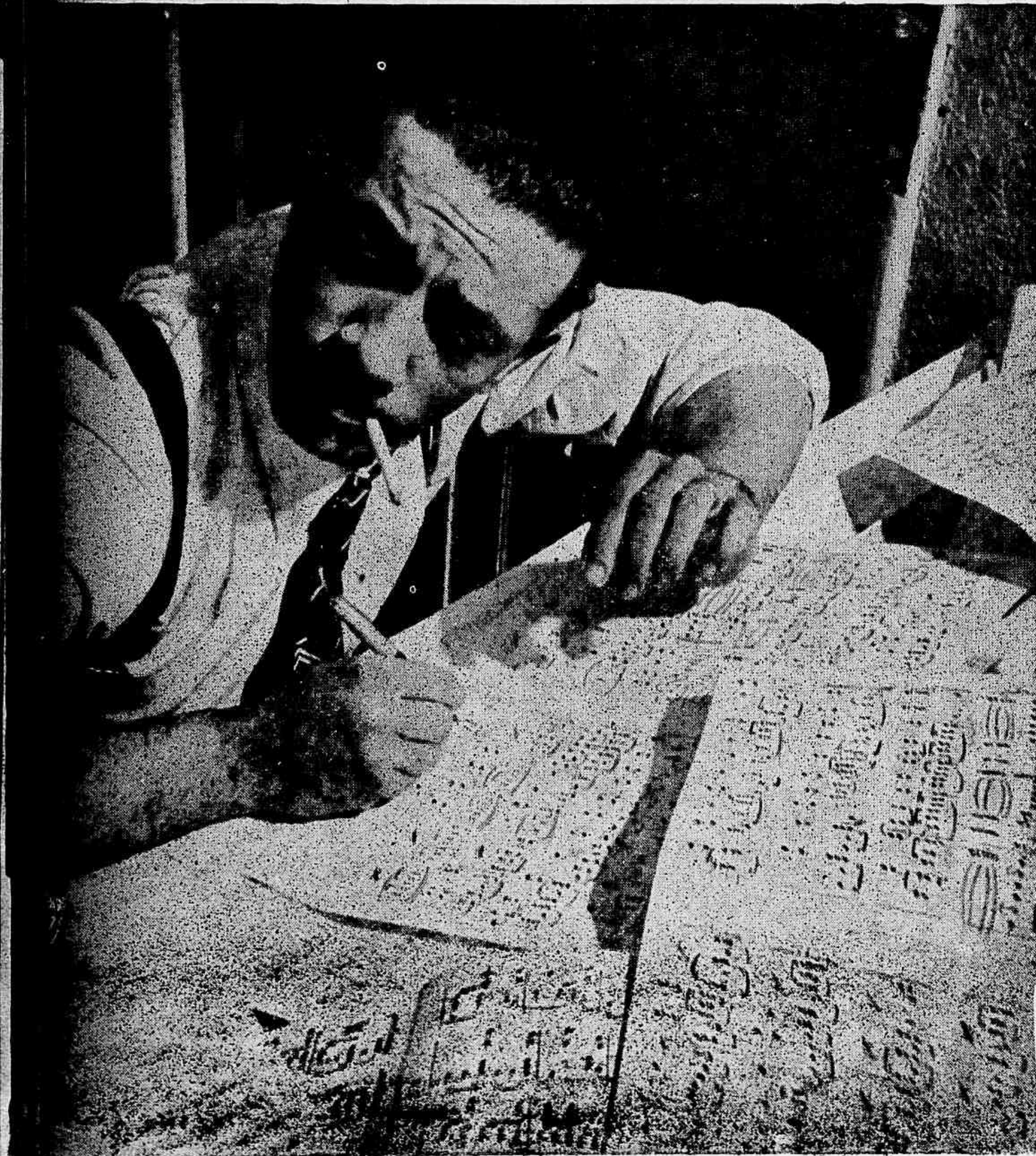
Em carta aberta publicada no "Diário de Notícias", a cronista Mag estranhou o fato de ter sido premiada em primeiro lugar a Biblioteca do Ar, no concurso da Prefeitura, pois, ao contrário do que exige o citado prêmio, o acreditado programa literário de Genolino Amado nada tem de musical.

Afirma-se que a permanência de Ari Barroso nos Estados Unidos será mais prolongada do que se esperava. Seu contrato teria sido renovado e, mesmo quando tenha de visitar o Brasil, o fará por curto espaço de tempo, voltando a Hollywood onde suas músicas estão em grande moda. Diante disso, é certo que a Tupi continua apresentando uma lacuna sensível no seu setor desportivo, em que pesem a boa vontade e o esforço de Mario Provenzano.

A Globo está apresentando aos domingos à noite, "Cine-Rádio Teatro" com a teatralização, na íntegra, de um filme cinematográfico, feita por Celestino Silveira. Domingo último, Sagramor Scuvero reviveu a criação memorável de Greer Garson em "Flôres de Pó".

Subst.

ALÔ... ALÔ...



Ele era um chinês estranho... seria mesmo chinês?

COLLINS não era um policial inteligente. Não quero ser injusto, mas, afinal de contas, seria um exagero a irmar que ele primava pelos dotes intelectuais. Entretanto, esse defeito era compensado por um sem número de qualidades que o tornavam especialmente apto para o serviço que fazia. Sua tarefa era patrulhar o bairro chinês. Muitos dos seus colegas, de maior acuidade mental, não teriam coragem para desempenhar da maneira que ele desempenhava, a sua função. Porque um dos maiores atributos de Collins era a coragem. Era, talvez, a insensibilidade das pessoas que não possuem imaginação. Seu raciocínio moroso não o permitia imaginar um perigo antes de ver-se diante dele e, então, não havia mais tempo para a retirada. E, honra lhe seja feita, ele enfrentava a morte com um ar de determinação e força que assustava os mais audaciosos criminosos. Era aliás uma outra de suas qualidades — qualidade, pelo menos, porque útil na sua profissão — uma força extraordinária.

Collins fazia sua patrulha noturna pelas ruas escuras do Bairro Chinês quando, de repente, ouviu rumor de passos apressados. Virou-se para ver quem subia apressadamente e em hora tão insólita aquela via mal frequentada. Ora, Collins, como já dissemos, era desprovido, totalmente, de imaginação, e, portanto, pela sua incapacidade de formular uma hipótese explicativa, espantou-se muito mais com o que viu.

— Boa noite, guarda.

Uma voz cariciosa, um rosto de estonteante beleza. Com muito esforço, Collins pensou: decididamente fora de seu ambiente, nesse meio. De fato, um vestido de baile de setim branco não seria justamente o traje adequado para passear pelos ruas do bairro chinês. Muito menos com aquele colar de brilhantes que cintilavam na escuridão.

Collins fez o possível para explicar à moça que ela não deveria andar sozinha e naqueles trajes naquela rua.

— Mas eu não tenho receio...

— Minha senhora, eu...

— Senhorita, por favor. Senhorita.

— Isso, então; senhorita. Mas não deve ficar aqui...

— Não tenha medo. Eu não me perderei.

Nesse momento, abriu-se uma porta e saiu por ela um chinês, que se aproximou:

— Miss Lang?

— Eu mesma.

— Siga-me, por favor.

— Ei! protestou Collins, que quer com esta senhora?

O chinês parou, olhou para ela, e disse:

— Não quer vir?

— Claro que sim. Não lhe dê atenção.

— Nesse caso, vamos.

E antes que Collins pudesse dizer mais uma palavra, eles desapareceram numa casa.

Havia, a um canto, uma gigantesca estátua. Uma imagem de Buda. O chinês apertou um botão e a estátua começou a girar lentamente sobre dobradiças bem lubrificadas.

— Ele está lá? perguntou a moça.

— Está esperando, impaciente.

— Vamos.

O corredor escuro alongava-se, interminável e ela, nervosa, andava mais depressa, para chegar logo a ele, para vê-lo. Chang Ling!... Quantas recordações!

Conhecera-o na China, antes da guerra contra o Japão. Ela era reporter de um jornal americano e fora enviada ao Oriente à cata de assunto interessante para uma reportagem.

Uma manhã ia saindo do hotel quando o gerente falou-lhe:

— Por que não visita Chang Ling?

— Quem é ele?

— Um dos escritores chineses mais famosos. Presentemente está ocupado em prevenir o povo contra o perigo japonês.

— Faz muito bem. Pelo que eu vi do Japão, a China muito breve lhe servirá de petisco. Onde mora ele?

Chang Ling sorriu enigmáticamente. Alice estava surpreendida Não esperava encon-

trar um homem moço. Além disso, o olhar dela lhe dissera que a entrevistada seria ela.

Ele, aliás, enchia-a de perguntas sobre a América do Norte e os americanos. Em seguida, recostou-se na cadeira, bebeu mais um gole de chá e encarou-a com os pequenos olhos oblíquos brilhando. Ela, durante todo aquele tempo observava-o. Nunca pensara que um chinês pudesse ser tão alto, nem de ombros tão largos. Chineses para ela era pequenos anões, com riso amarelo. Ele falou, finalmente.

— Passel?

— Como?

— Passel no exame?

— Não o entendo.

— Estava me examinando. Pergunto se passel.

— Passou. E' um belo rapaz.

— Obrigado.

— Peço que não leve isso a mal. Na América do Norte uma moça pode dizer a um rapaz que ele é belo sem que ela se torne insuportável.

— Esforçar-me-ei por portar-me como um seu pátrio.

— Muito bem. Mas, vamos à entrevista, eu...

— A senhorita pensa, mesmo, que veio aqui entrevistar-me?

— Sim.

— Pois engana-se. Em primeiro lugar nem sabia o meu nome.

— Não leio a literatura chinesa por falta de conhecimento da língua.

— Mas nunca ouvira falar em Chang Ling.

— Confesso que não.

— E no entanto quer entrevistá-lo. Que tem ele de interessante?

— Uma questão com os japoneses... Ele sorriu:

— Os japoneses não gostam de mim...

Mas, para falar a verdade, Miss Lang, quem está sendo entrevistada é a senhorita. Em primeiro lugar, fui eu quem sabendo da sua presença nesta cidade, disse

ao gerente do hotel que lhe falasse em meu nome. Fui também eu quem consegui, à custa de generosa gorjeta, que ele falasse em grande escritor referindo-se a mim quando eu sou dos mais humildes rabisadores da China...

Ela riu:

— E por que me fez vir até aqui, então? Querla conhecer-me?

— Isso é mais alguma coisa. Preciso de sua ajuda.

Terminou, finalmente, o corredor. Uma porta, ao fundo, abriu-se e Chang Ling saiu.

— Chang!

— Alice!

O chinês que a conduzia afastou-se, discretamente.

— Eu preciso falar com você, urgentemente.

— Eu sei. Se você me mandou chamar...

— Alice, lembra-se do que eu lhe disse, logo à primeira vez que nos encontramos?

— Sim.

— Chegou o momento de revelar mais alguma coisa a você porque a luta vai começar.

Naquele primeiro encontro, ela perguntara em que poderia ajudá-lo e ele a convenceria de que era preciso lutar contra um perigo iminente, um perigo que se aproximava cada vez mais, inexorável. O Japão... de volta aos Estados Unidos ela formara com aquele pequeno grupo de jornalistas que não se tinham deixado levar pelas intrigas nipônicas.

Ela abriu os olhos desmesuradamente e depois disse, vendo-o sorridente à sua frente:

— Pensei que tudo isso se tivesse passado com Rocambole!

— Pois enganou-se!

Ela vira, com os próprios olhos e ainda assim, não poderia acreditar no que vira. O chinês Chang Ling se transformara num americano, lentamente, os olhos tinham perdido a sua obliquidade e com uma esponja molhada com um líquido escuro, o amarelo do rosto desapareceu.

— Como...?

Era uma longa história. Resumia-se nisso: um rapaz americano não estava satisfeito com os japoneses... Isto pode parecer tolice, pois naquele tempo ainda o Japão tratava os Estados Unidos muito bem, ainda a golpe traigoelro não fora vibrado, porém havia um fato que bastava para explicar tudo. Harry Lane era americano mas nascera no Japão e lá vivera muitos anos. Conhecera aquele povo melhor do que os seus compatriotas e sabia bem as intenções suas.

Subitamente, aparecera, na China, um novo escritor. Como já sabemos um escritor muito pouco conhecido, mas conhecido suficientemente para que ninguém se tornasse indevidamente curioso sobre sua profissão. Este rapaz já passara pelos escritórios de Washington, esperara em longas filas para falar com alguns homens importantes, mas não conseguira convencê-los. Resolvera, então, partir para a China. Lá encontraria quem o acreditasse, mas em breve os japoneses transformavam suas ameaças em realidades, e ele tinha que voltar para a sua pátria.

— Não compreendi bem quando você disse que chegara o momento de lutar...

— E' simples. Ouve-se muito falar sobre a quinta coluna, mas ainda não ouvi referências à espionagem japonesa...

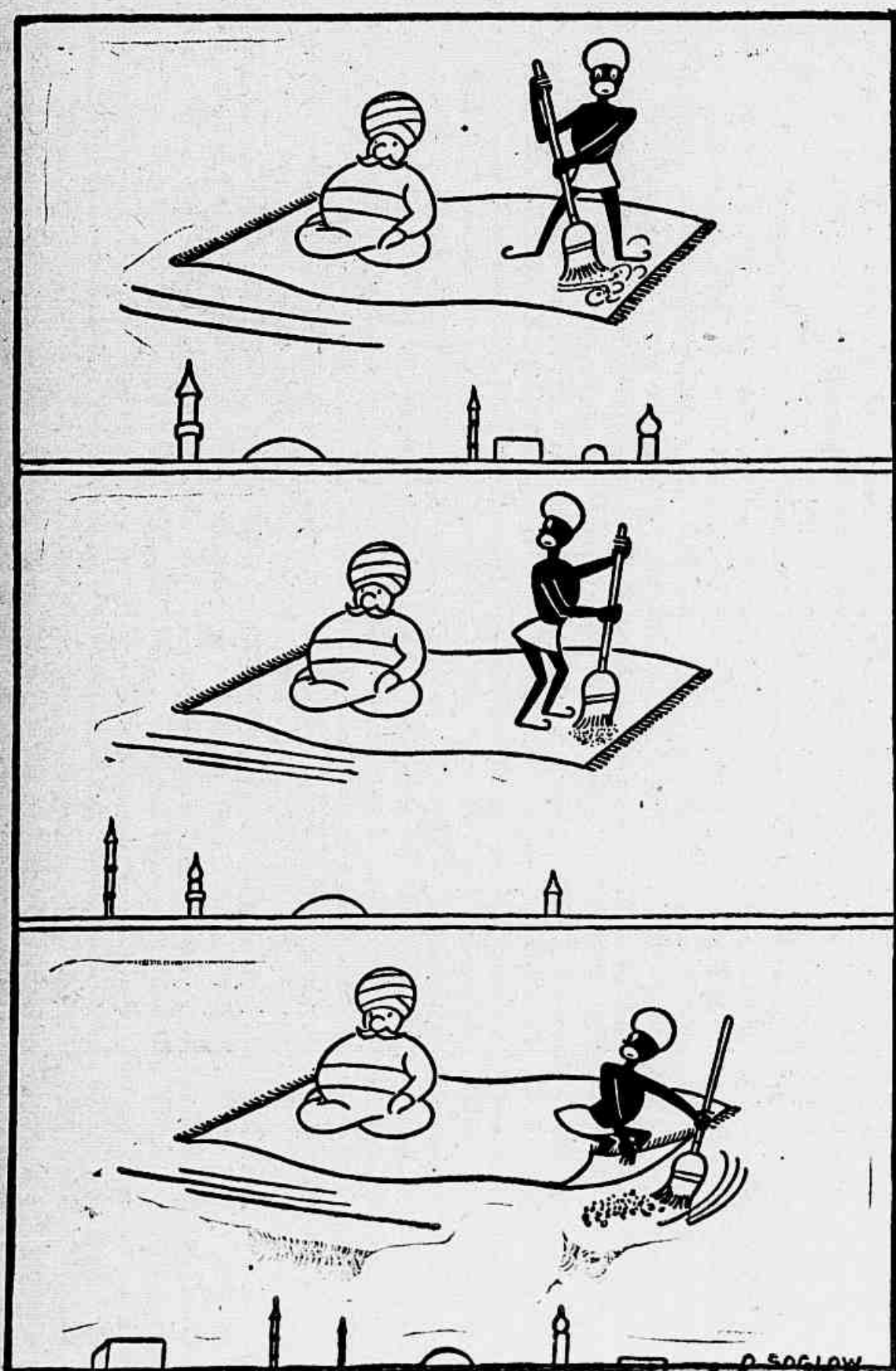
(Continua no próximo número)

UM CASO DE ESPIONAGEM

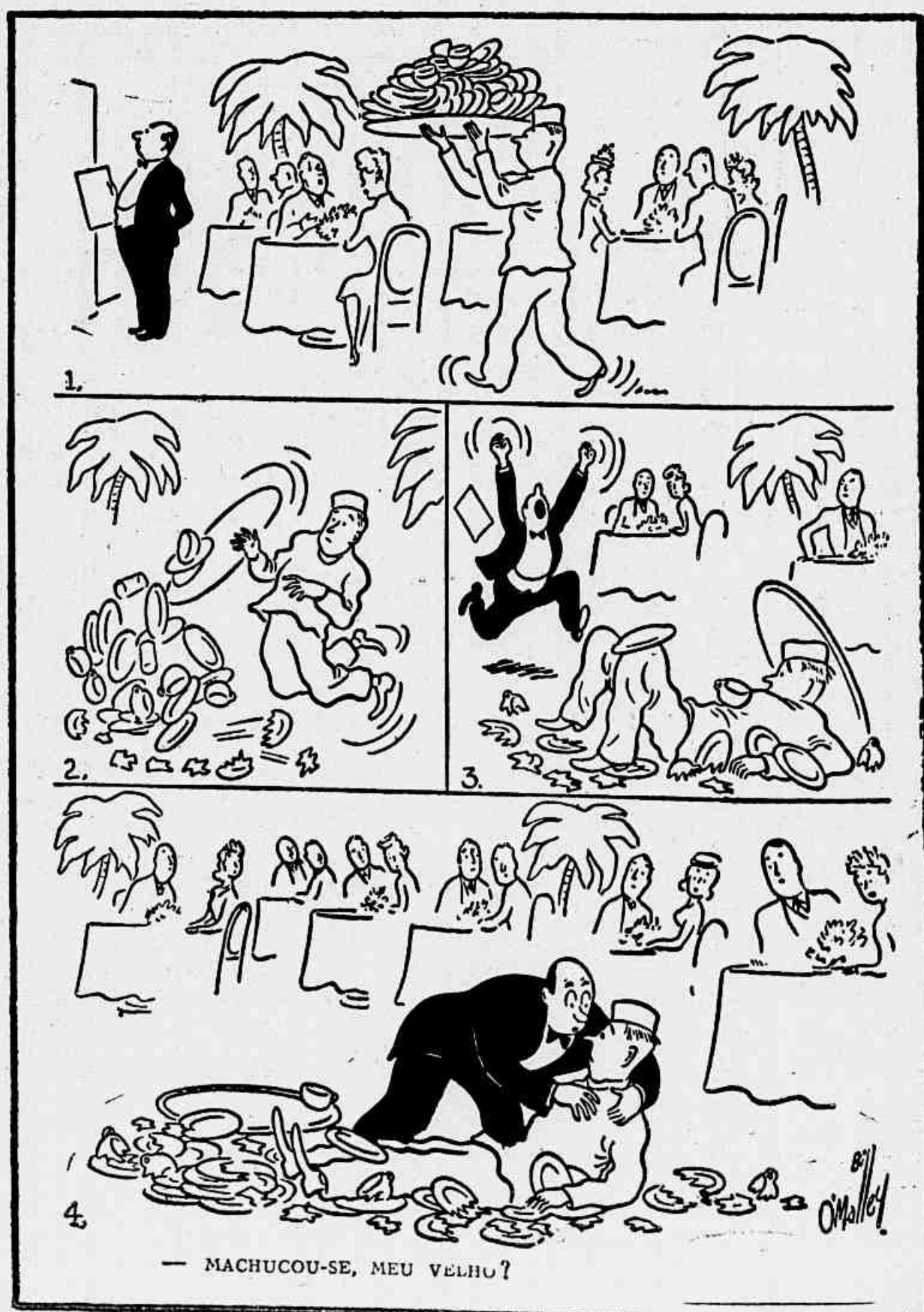
NOVELA DE
JOHN MURRAY

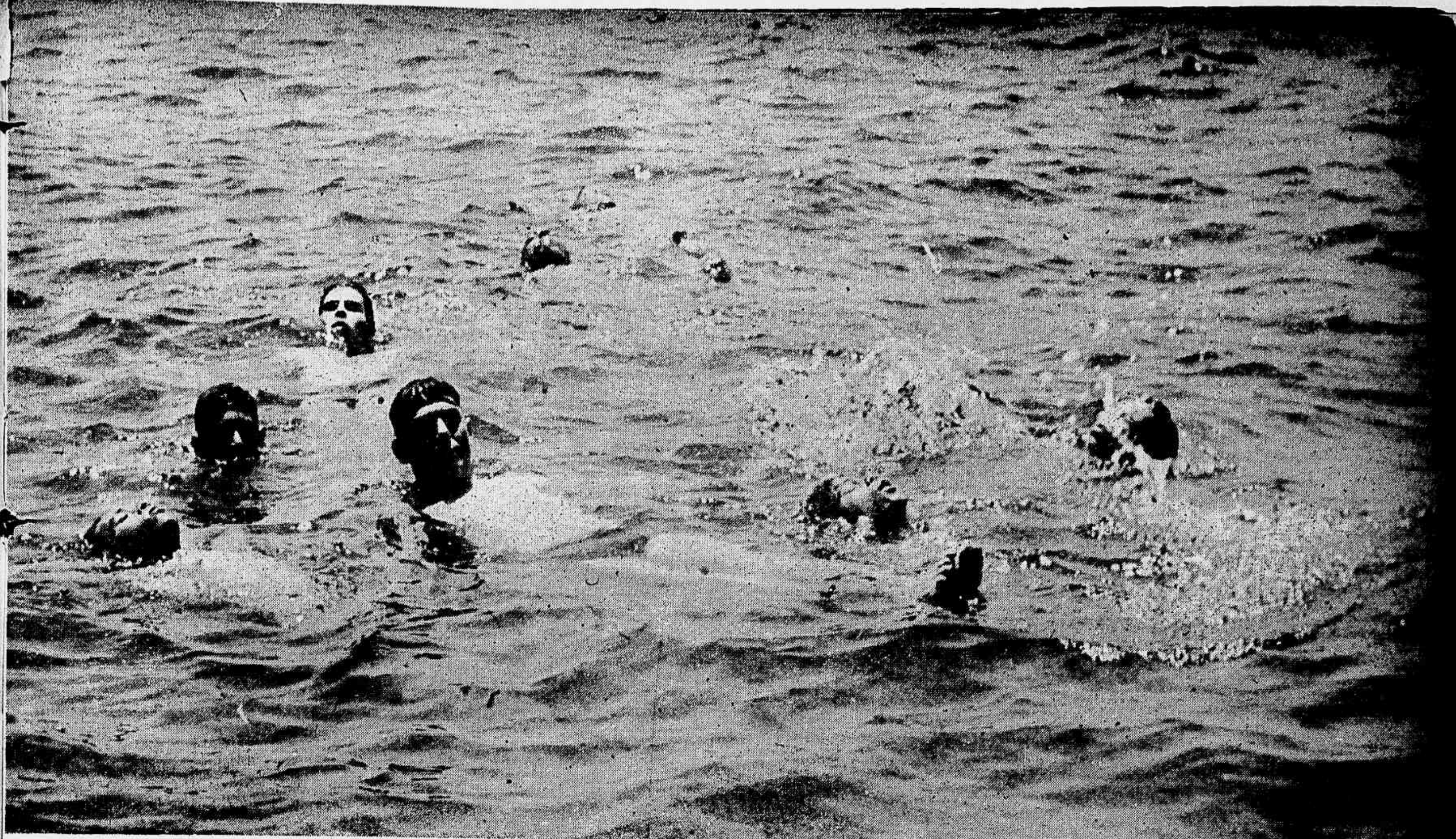


— QUANDO MRS. NEWBOLD SE LEVANTAR, PRESTE ATENÇÃO E VEJA COMO É LINDO O SEU VESTIDO



DE BOM HUMOR





Na Praia das Virtudes, a mais popular do Rio de Janeiro, numa promiscuidade democrática, negros, mulatos e brancos gozam a refrigeração gratuita da água salgada, bolando nas ondas.

NOSSO AMIGO, O VERÃO

"Uff! Que calor!" — E o pobre carioca se derrete dentro dessa fornalha aberta em que se transformou o Rio de Janeiro, desde o princípio deste horrível verão, que ainda não foi batizado, até agora, pela misericórdia de um respingo.

Assim, uma população de quase dois milhões de pessoas vive há dois longos meses, sob os raios causticantes de um sol senegalês, à espera de que possa dizer, num suspiro de desabafo: "...E as chuvas chegaram".

Elas, porém, as benditas chuvas, teimam em cair longe da grande metrópole, e o sol continua, impiedoso e cruel, a castigar os cariocas, que assim se vêem forçados a utilizar todos os meios possíveis de defesa, para se livrar deste verdadeiro flagelo.

Os ricos, os "granfinos", para quem as medidas de racionamento não se estendem às notas de quinhentos cruzeiros, procuram as estâncias mineiras, para onde o calor não comprou passagem.

Os milionários, estes não precisam ir tão longe. Entricheiram-se contra o calor aqui mesmo, nas residências de verão do Alto da Boa Vista ou do Silvestre, ou chegam mesmo a Petrópolis e às outras cidades serranas, o que lhes facilita as frequentes visitas ao Rio, em dias de sol menos quente.

OS QUE FICARAM

Na "Cidade Maravilhosa" continuam entretanto todos aqueles que daqui não se podem afastar, presos por suas obrigações e por seus deveres.

Estes constituem mais de noventa e cinco por cento da população, que se torra agora, durante vinte e quatro horas por dia, neste Sahara habitado em que vivemos atualmente.

E durante vinte e quatro horas por dia, o carioca se encharca de cerveja e laranjada, trabalhando e dormindo sob uma canícula sufocante.

Os lenços se molham nas testas suarentas, os copos de refrescos se esvaziam, os ventiladores

COMO VIVE O CARIOCA SOB A CANÍCULA — SISTEMAS DE DEFESA CONTRA O CALOR — A VIDA SEM AR REFRIGERADO E' BEM PIOR — PRAIA DAS VIRTUDES, REFRIGERANTE GRATUITO — VENTILADOR, MIGALHA-DE BRISA — O PASSEIO PÚBLICO E' UM OASIS

sibilam, as fronteiras cansadas se debruçam sobre as mesas de trabalho.

E nos momentos de folga, o carioca sai de uma casa de laranjada para assentar-se a uma mesa de chopp.

As vezes há o consolo caro de um cinema com ar condicionado, no fim de um dia de trabalho na fornalha infernal.

Mas nem todos se podem dar a esse luxo. E recolhem-se, mal toca a sineta, à casa.

Antes porém de chegar à sua residência e atirar-se sobre a cama numa indolência mole, o homem da rua tem ainda que enfrentar o calor nos ônibus cheios, nos trens superlotados, nos bondes onde não há mais espaço para um mosquito. E sempre com ele viaja esse passageiro indesejável: o calor. Quando desce na estação ou no ponto mais próximo de sua casa, é o calor ainda que o acompanha, forçando-o a entrar no botequim da esquina e emborcar, mesmo pelo gargalo, a garrafinha de refresco gelado, que lhe dá uma ligeira sensação de alívio.

Antes de se sentar à mesa para o jantar, ele grita sempre para a criada: "Maria, vá à venda e peça duas garrafas de cerveja, bem geladinhas. Geladas de queimar!"

E enquanto janta, sem apetite, ingere a bebida espumante.

A noite, quando o sol se esconde, deixando apenas aos homens, como uma lembrança peregrina, a herança de seu calor, o homem se senta à porta de sua casinha suburbana, numa cadeira de vime, enquanto os filhos brincam de "pega-

pega" na calçada. E lá está ele, banhado em suor, ingerindo o picolé que comprou do sorveteiro, ponto final de seu dia de verão.

UM LUGAR A SOMBRA

Foi num desses dias de calor inclemente, que percorremos as ruas centrais da cidade, afim de colher alguns aspectos da vida do carioca durante o verão.

E encontramos uma multidão trabalhadora e apressada, fugindo sempre da inclemência do sol, contra o qual não encontravam entretanto um abrigo fácil, nem um remédio eficiente.

Nos bancos das praças públicas, apertavam-se os homens, procurando todos um lugar à sombra, por mais exíguo que fosse. O que queriam era apenas se livrar do sol abrasador, apenas durante alguns segundos, para recuperar o fôlego e continuar o seu caminho.

Os que se podiam demorar mais tempo gozando as delícias da sombra do arvoredado, abanavam-se reconfortados pela brisa.

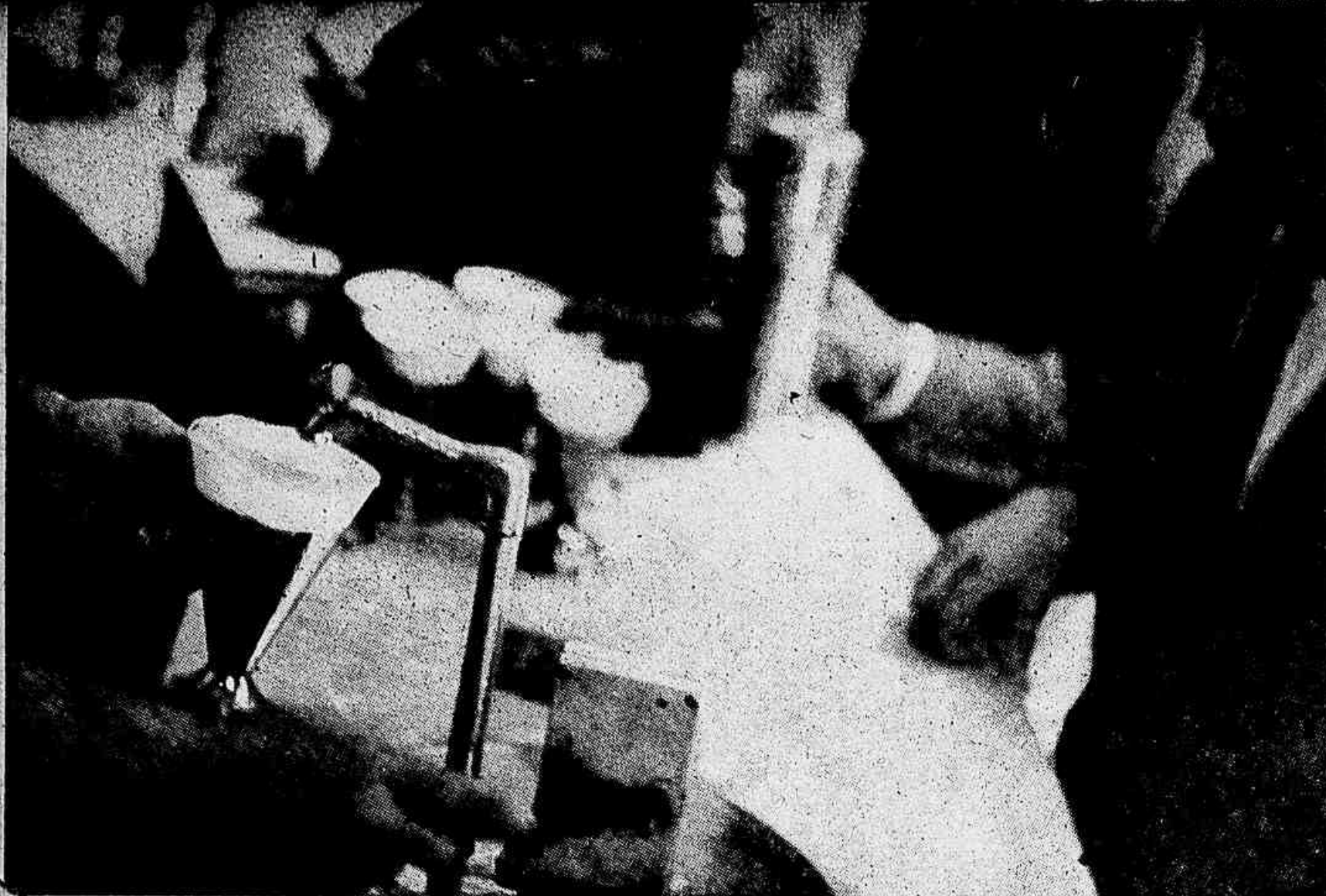
O Passeio Público era um oásis abençoado. Ali espreciam os homens, cansados de se movimentarem sob os raios do sol de estio, capaz de fundir estanho.

Ali estavam assentados aos grupos ou isolados, todos aqueles a quem era permitido um momento de descanso, à sombra das árvores frondosas.

O sopro do terral não conseguia porém afastar o mormaço sufocante. E os próprios bustos de bronze pareciam suar.

E, gozado um minuto de descanso no parque sombreado, lá se iam os homens, marchando para o trabalho, sob a inclemência do sol, sob a adversidade do calor, marchando sempre, cansados, suarentos...

À espera de que as repartições se abrissem lá estavam eles na Esplanada do Castelo, apinhados sob as marquises acolhedoras, num medo pânico do sol, que reverberava no asfalto, ameaçador e tórrido.



laranjada. O líquido amarelo, geladinho, é um doce consólo para a garganta seca. E os fregueses se enfileiram no balcão de mármore. O garçon não tem um minuto de folga.

E os homens do trabalho se espalhavam às portas dos bancos e das casas comerciais, sob as sombras restritas das árvores minguadas, que pareciam também se encolher, ao contacto ardente dos raios solares.

Todos procuravam um refúgio, um abrigo, com as fisionomias abatidas e os corpos cansados, antes mesmo de iniciarem os trabalhos do dia.

CASEMIRA, MORTALHA DE FOGO

E o calor continua violento, impiedoso,

Os homens do trabalho, operários, funcionários públicos, bancários, empregados no comércio, já não têm o consólo de uma roupa de linho, que o pouco custo lhes garantia outrora.

Isto porque, estudadas as condições climáticas de nossa cidade, os comerciantes descobriram, dentro de sua ganância, o valor que representavam os tecidos tropicais para o carioca.

E chegaram à conclusão de que deviam au-

mentar o preço destes mesmos tecidos, afim de obterem maiores lucros, que hoje atingem cifras verdadeiramente astronômicas.

Assim, um terno de linho que antigamente custava de quatrocentos a quinhentos mil réis, hoje não é fornecido ao habitante do Rio de Janeiro por menos de mil cruzeiros.

O pobre carioca tem assim de se limitar aos ternos de casemira de meia confecção, pagos em dez prestações, adquirindo assim, pelos sistemas de crédito, o seu suplicio horrível, que o faz atravessar a estação do estio inexoravelmente prêso a uma mortalha de fogo.

E o que o infeliz não pode gastar de uma vez na feitura de uma roupa de verão, gasta agora aos poucos, em refrescos e sorvetes, sem seguros contra os resfriados e com o risco de pneumonia.

Mas ainda, dentro do Rio, os que não podem dispor, dentro de sua verba reduzida, nem de sessenta centavos para uma laranjada, esses se aproveitam então dos copos d'água gelada, en-

fileirados sobre os balcões dos bars, que nada custam aos sedentos.

E os garçons suarentos retiram ininterruptamente os copos vazios e colocam em seus lugares outros cheios, que vão logo sendo esvaziados pela sede insaciável dos fregueses que entram.

PRAIA DAS VIRTUDES, REFRIGERANTE GRATUITO

Nos cafés das Cinelândia é assim...

Passemos agora a outro local muito visitado pelos menos favorecidos pela fortuna, nesses dias caniculares: a Praia das Virtudes.

Ali, durante todo o dia sucedem-se as turmas de banhistas, que buscam no falso elemento um lenitivo para o flagelo solar.

Dezenas e dezenas de rapazes, durante os momentos de ócio, procuram, nas águas mansas da baía encontrar um refrigerante que lhes permita aguentar o calor durante o resto do dia.

E lá ficam eles, horas e horas, aos magotes, boiando serenamente com as mãos na nuca, abandonados à carícia fria das ondas.

E, pelo menos durante o tempo em que permanecem dentro d'água, eles conseguem de fato se livrar do calor, sem despendar de qualquer quantia. Este é, segundo os "habitués" da Praia das Virtudes, o melhor método de combater a canícula, e tem ainda a vantagem de ser o mais econômico processo de refrigeração.

Na popular praia, se assim se pode chamar ao amontoado de pedras do início da Avenida Beira Mar, todos se lançam às águas mais por uma imposição do clima, que por qualquer espírito esportivo ou vontade de recreação.

Ali encontramos até uma velha, muito conhecida por todos os que transitam pela Lapa e pela Cinelândia. Era a mais idosa banhista jamais encontrada em qualquer praia do Rio. Pela sua fisionomia cansada e pelos seus longos cabelos brancos, fazia adivinhar uma idade muitíssimo avançada.

Mas a velhinha, apesar da idade, apesar das cans, não titubeou em aderir também ao alegre grupo de banhistas. E tangida pelo calor, atirou-se, mesmo de vestido, à frialdade do mar, permanecendo durante quase todo o dia dentro

A sombra das árvores do Passeio Público, abancam-se os transeuntes suarentos. Abaixo os preconceitos! Fora os paletós!



d'água, apenas com a cabeça branca a emergir das ondas, agarrada, para evitar a possibilidade de um afogamento, à prancha de salto. E os banhistas pulava cuidadosamente, evitando atropelar a colega octogenária.

E cada vez crescia mais o número de banhistas. Chegavam garotos e rapazinhos. Os meninos tinham apenas o trabalho de tirar a blusa e cair n'água mesmo de calça. E enquanto uns principiavam o seu banho reconfortante, outros se estiravam sobre as pedras, afim de secarem a calça de brim, já destituída da função de calção.

Assim é a Praia das Virtudes, para a qual o povo já arranhou um apelido pitoresco, bem sugestivo — democrática, sem preconceitos. Nas suas águas igualitárias, banham-se numa promiscuidade ampla, negros, brancos, mulatos, meninos e velhos, e o mar os recebe a todos com a mesma hospitalidade e a todos dá a bênção de seu conforto.

Deixemos porém que os banhistas se refresquem nas águas da popular praia e voltemos ao Passeio Público.

QUE SEDE!

Nos jardins, os empregados da Prefeitura se entregavam àquela hora, à tarefa de regar os canteiros verdejantes. A água jorrava alegre e cristalina das mangueiras grossas e os transeuntes que passavam e olhavam cobiçosos para o jato frio, murmurando entre os dentes: "Que sede!".

E entravam no primeiro bar, à procura de um gelado.

E, presos às convenções sociais e à sua posição, nenhum deles se atrevia a pedir ao jardineiro a caridade de um gole do precioso líquido.

Passavam os homens sequiosos, olhavam de soslaio para a água generosa que se expunha cruelmente aos seus olhares e, sem coragem de se abaixarem para beber, continuavam o seu caminho sem que a carícia da água fria lhes consolasse a garganta ressequida.

Passou uma criança. Viu a água jorrar da mangueira e não teve escrúpulo: pediu licença ao jardineiro, apanhou a mangueira e inclinando a cabeça sorveu longamente, em grandes goles, a água pura e cristalina.

Chegou um homem, perdeu a vergonha, agachou-se também e seguiu o exemplo do colegial. Estava aberto o caminho. Outros transeuntes pararam e mitigaram a sede naquela fonte providencial de borracha que deparavam no caminho.

Em dado momento, estava formada uma fila diante da mangueira. Todos queriam beber água, todos queriam umedecer a garganta.

Mas percorridos mais cem metros, sob a inclemência do sol de verão, os homens sentiam-se novamente sequiosos, voltavam a murmurar: "Que sede!"

E como uma resposta irônica, o sol continuava a cobrir tudo, jardins e praças, arranha-céus e sobrados, com o seu manto ardente de fogo.

E o panorama parecia encolher-se, com medo do sol que queimava.

O SUPLÍCIO DAS FILAS

Mas o maior de todos os suplícios, verdadeira tortura chinesa, um martírio digno de ser aproveitado por Torquemada, é a longa espera do ônibus, do bilhete, da carne, do leite, nas filas que se estendem, intermináveis e adversas, por todos os meio-fios da urbs.

E nelas, o cidadão tem que permanecer custe o que custar, afim de conseguir o fim a que se destina.

Ali ele não pode nunca esperar o consolo de sorvete ou conforto de uma laranjada. O chopp geladinho é uma lembrança terrível, que faz o carioca passar repetidas vezes a língua sobre os lábios, enquanto espera na fila pelo ônibus que não vem.

E em tôdas as filas, lá está, onipresente como um Jeová inimigo, abraçado a todos os que



O garoto não teve escrúpulos. Agarrou a mangueira e refrescou-se com a generosa água destinada a mitigar a sede das plantas. Vieram depois outros transeuntes, que seguiram o seu exemplo.

As terraces dos bars são verdadeiros oásis. Os copos se revesam, as garrafas se esvaziam, os homens se reconfortavam abençoado seja Mambrinus.





"Que calor!" Mas apesar da temperatura de cratera vulcânica, o trabalho continua a ser uma obrigação. O ventilador acaricia o cabelo do infeliz datilógrafo, oferecendo-lhe uma migalha de brisa.

esperam, do primeiro ao último, nosso amigo, o verão.

E durante horas a fio, o homem da rua espera pacientemente na fila, que o ônibus chegue e que o verão se vá.

Mas nada disto acontece. Ao contrário, o ônibus demora sempre e o calor parece cada vez mais inclemente.

E a paciência se esgota, as pragas são murmuradas, num crescendo vagaroso.

Chegou porém o ônibus afinal. Já era tempo. Do contrário, as pragas arrebetariam, os ânimos se exaltariam e seria o diabo.

Mas já os passageiros entram no veículo, perguntando sempre ao "chauffeur" qual é o lado da sombra.

Partiu por fim o ônibus. Um forno ambulante. E o chopp geladinho continua a martirizar a imaginação do passageiro.

OUTRO OASIS — TERRACE DE BAR

Mais felizes são os que se podem abancar durante algum tempo na terrace de um bar e ingerir com alegria alguns chopps duplos ou uns copos de laranja.

As terraces são outros tantos oasis dispostos ao longo das ruas, onde os transeuntes podem se retemperar para continuar o seus afazeres um tanto ou quanto mais animados.

Os que dispõem de mais tempo, deixam-se estar atirados nas cadeiras de vime, num "dulce far niente" agradável e consolador, à sombra das marquises de cimento, que vedam a passagem dos raios solares, fregueses indesejáveis que não podem se sentar nas terraces.

E as mesinhas se enchem de garrafas e canecas de cristal, que se renovam a cada instante.

E as gargantas se secam novamente, e exigem mais cerveja e mais limonada. Os garçons são solicitados a cada minuto e passam de um lado para outro, numa azáfama febril.

Na rua continuam a passar os ônibus e os bondes carregando os infelizes que não podem dispensar um minuto às doçuras da terrace de um bar. E outros passam, estes verdadeiras imagens do desalento, carregados de embrulhos, outros ainda mais desaventurados, arrastando carinhos carregados de mobílias, como um caramujo que se dispusesse, em dia de 60 graus à sombra, a atravessar o Sahara, levando consigo a sua casa.

VERDADEIROS HERÓIS

São porém os mais sacrificados, verdadeiros heróis dos trabalhos, dignos do nosso respeito e da nossa admiração, aqueles que durante oito horas por dia, durante todo este causticante estio carioca, se trancam nos escritórios pouco areja-

Nos balcões, os copos d'água gelada estão sempre presentes. Os fregueses esvasiam rapidamente este maná, e o garçon se vê obrigado a renovar constantemente as doses.



dos, e ali enfrentam o trabalho ingrato, sem direito sequer a um copo d'água gelada.

Este não tem tempo disponível para uma chegada até o bar da esquina, afim de ingerir às pressas um refresco barato.

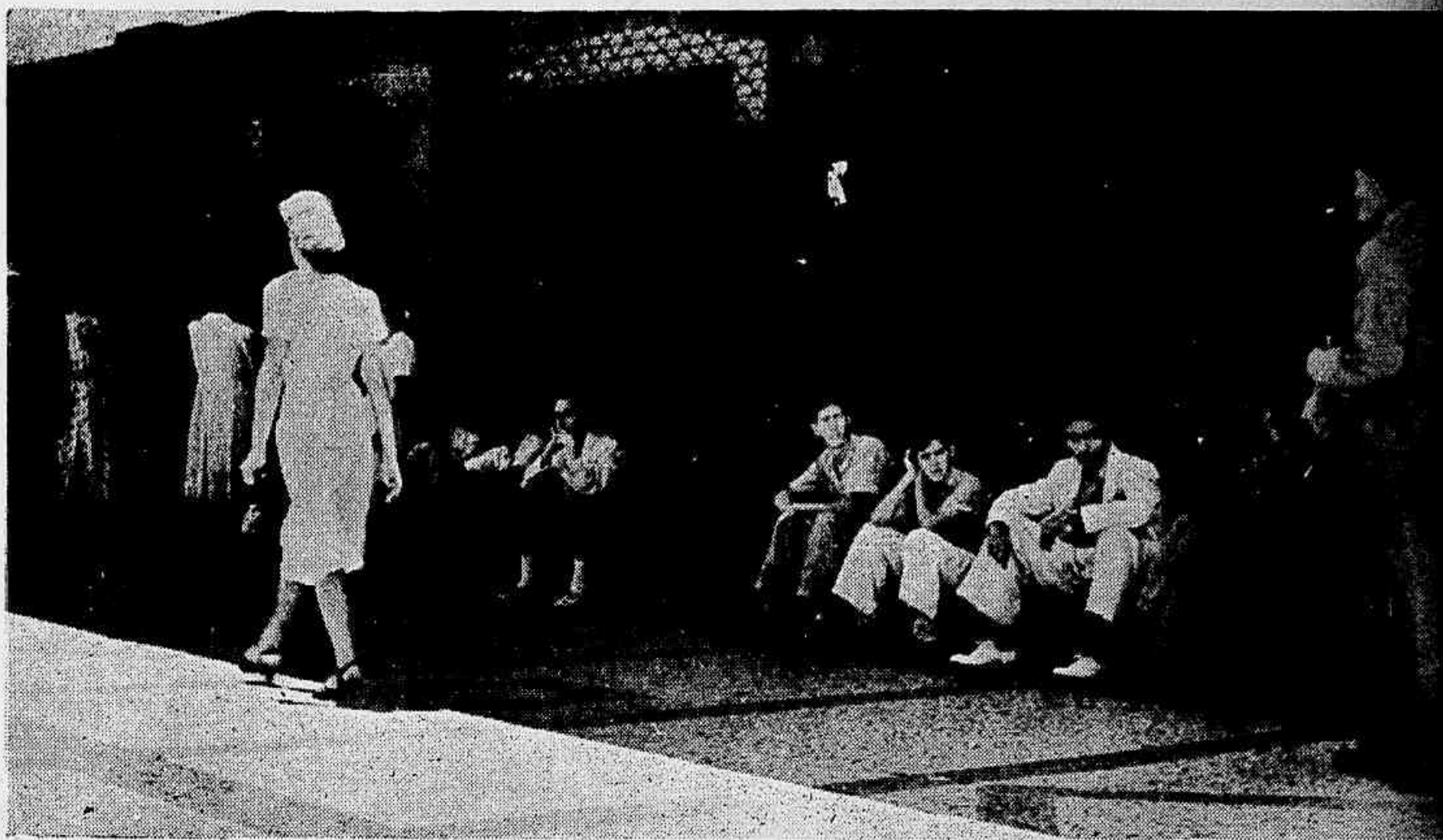
O tempo é escasso para o trabalho e este o impede de qualquer ação alheia à sua tarefa, que o faz martelar, debaixo da opressão horrível da temperatura senegalesa, o teclado da máquina de escrever, que parece queimar as pontas de seus dedos.

E o pobre mártir tem, assim mesmo raramente, o consolo de um ventilador moroso, que lhe pode oferecer apenas uma migalha de brisa.

E à noite, o pobre homem já nem pode jantar, pois lhe falta o apetite. O sono custa a chegar, afastado pelo calor impiedoso e cruel.

E a vida continuará amanhã, com os mesmos trabalhos, a mesma cansaça, o mesmo torpor que o calor lhe dá ao corpo cansado, ao qual ele não pode oferecer sequer um picolé de cinquenta centavos ou um refresco de guaraná ou mate gelado.

Mas amanhã, apesar do calor, chova ou faça sol, ele estará novamente assentado à sua mesa de trabalho, lutando pelo pão de cada dia, conquistado sempre com o suor de seu rosto. E nunca, para ele, como neste verão, teve essa frase tamanha significação: "O suor de seu rosto". Só



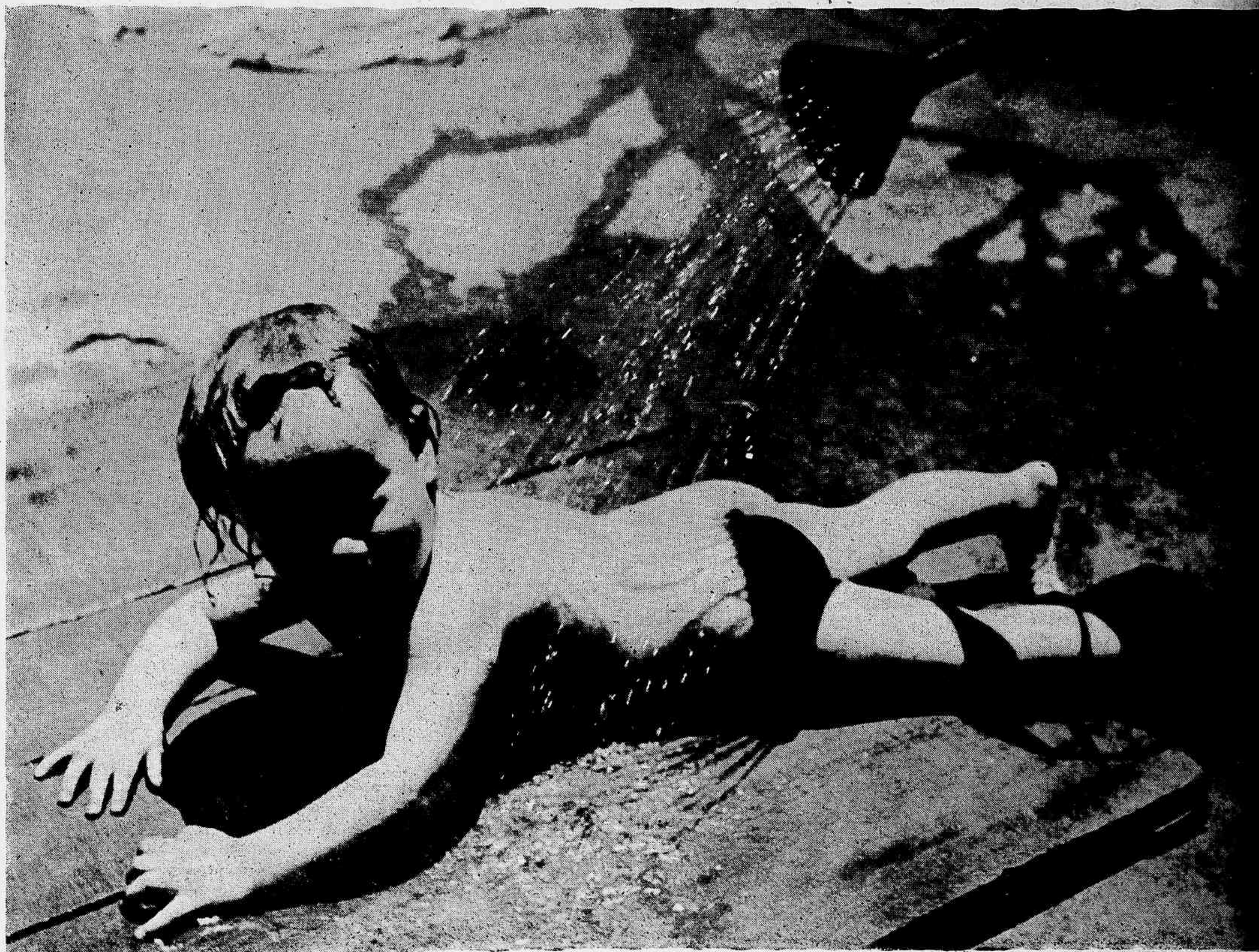
Todos procuram a sombra acolhedora das marquises, fugindo ao sol causticante que amolece o asfalto e põe em fogo a cabeça dos que se aventuram a caminhar sob os seus raios.

o carioca pode ter uma idéia exata do que signifique esta frase, da dura verdade que ela encerra.

Em verdade, é preciso ter-se coragem para viver assim, durante três meses cada ano, abraçados sempre ao nosso mais velho companheiro, ao mais antigo habitante do Rio de Janeiro:

"Nosso amigo, o verão". Sim, pois agora, durante todo o dia e durante toda a noite, está sempre ao nosso lado, dormindo conosco, assentando-se conosco à mesa, trabalhando e andando conosco, nosso amigo, o verão. Nosso "amigo"... da onça!

"Ai! Que gostoso!" Este garotinho soube se defender contra a canícula. O regador é um derivativo barato. E com a língua de fora, ele goza as delícias de um banho gelado.





A rigor, entre a nossa casa e a do comandante Rocha Dias não havia separação. Para nós, não passava esta de um prolongamento do nosso lar, e, desde criança, que estávamos habituados a ver na figura pálida de d. Rosinha uma espécie de tia querida.

A filha do casal, a Ruth, por uma coincidência feliz, nascera no mesmo dia que a minha irmã, e isto constituía para ambas as famílias como que um sinal auspicioso e sempre lembrado de amizade perfeita.

— A Mimi nasceu às 8 da manhã e a Ruth às 10, e se batizaram no mesmo dia e na mesma igreja, dizia com frequência d. Rosinha, pespontando à luz mortícia do lampeão as suas costuras.

— Na escola, ambas sempre foram as primeiras em geografia e as últimas em aritmética, comentava por seu turno minha mãe, trazendo à baila a identidade de datas e de inteligência das duas meninas.

Quanto a mim, desde pequena que me senti tão à vontade na casa do comandante que jamais me passou pela cabeça que aquêle pomar e aquelas salas cheias de litografias pelas paredes não pertencessem aos meus.

A princípio, havia um muro separando os nossos quintais, mas com o tempo êle desapareceu e eu apenas tinha idéias dos limites do nosso terreno por ter ouvido, certa vez, meu pai dizer a alguém que "a partir do limoeiro, o chão pertencia ao comandante". Confesso que, à ocasião, achei essa explicação perfeitamente egolista, pois não podia compreender que entre nós e a gente de d. Rosinha existissem separações. O detalhe do limoeiro, prin-

cipalmente, me chocou fundo. Achei-o grosseiro e injusto. Deu-me uma impressão de soyinice lamentável. Era como se tivesse ouvido meu pai negar limões a Ruth, coitada...

Quando completei vinte anos, o comandante se aposentou e a sua volta ao lar marcou para todos nós um dia de grande festa. Fomos esperá-lo no cais, mandamos dizer missa na igreja do bairro e, com as moças e os rapazes da rua, improvisamos um baile que deixou saudades. Recordo-me que para êsses festejos trabalhamos como nunca, fazendo doces, cortando papel de côres para enfeitar os bolos, arrumando as mesas sob o parreiral.

O comandante Rocha Dias passava dos sessenta e não era muito forte. Sofria do estômago e isto lhe dava um ar tristonho de convalescente pouco seguro da sua cura.

Não falava muito, mas só nós sabíamos quanto êle era bom e carinhoso.

— E' preciso estar sempre com os olhos em cima do Bentica, ao contrário êle é capaz de dar até a roupa do corpo, dizia d. Rosinha, fingindo-se zangada, mas no fundo cada vez mais vaidosa com a bondade do marido.

O comandante sorria, mas não respondia.

Depois que deixou o mar, raramente saía de casa.

— Não posso, afirmava êle. Tenho sempre tanta coisa que fazer, que não me sobra tempo para trocar pernas pela Avenida...

E, de fato, trabalhava o dia todo — era no pomar, podando as árvores; era no jardim, armado de regador e pá; era trepado no telhado, concertando a caixa d'água ou alguma telha quebrada; era

cuidando das suas galinhas e dos seus canários.

Quando folgava um pouco, vinha até à varanda da nossa casa e ali ficava conversando com os meus pais, os olhos bisbilhotando onde fazer alguma coisa.

Aos sábados, à noite, o comandante vestia o seu terno azul e recebia as suas relações. Às vezes jogavam a manilha, mas quase sempre a reunião não passava de conversa fiada, que se estendia monótona até cerca de meia noite.

Nós, as moças, não gostávamos nada dessas tertúlias, onde só apareciam velhos e velhas. A d. Rosinha, porém, nos pedia com tanta ternura nos olhos para que ficássemos que acabávamos cedendo. E lá ficávamos cabeceando de sono pelas poltronas, ouvindo as anedotas sem graça do desembargador Bernardes ou a tragédia permanente da falta de ar da d. Carlinda, a viúva de um primo de minha mãe. Essa d. Carlinda devia pesar uns cem quilos e levava um tempão para se arrastar do ponto do bonde à porta da casa do comandante. Mas, apesar da sua gordura e da sua dispnéia, não faltava jamais aos sábados.

Lá uma vez ou outra, o velho Guedes aparecia com os sobrinhos, dois rapagões simpáticos, e então a coisa mudava de figura para nós. Infelizmente, porém, ambos eram alunos da Escola Naval e nem sempre podiam sair. O resto, entretanto, não trazia ninguém...

Foi ao correr de uma dessas reuniões que ouvi da boca do comandante uma história que até hoje guardo na minha memória como das mais estranhas narrativas de que já tive notícia.

Chovia muito e a reunião apenas em consequência do aguaceiro ainda se prolongava, arrastando-se numa conversa sobre assombrações, almas do outro mundo, e transmissões de pensamento.

Muito espreitada, os cabelos armados em dezenas de cachinhos, a d. Felícia, uma velha parenta do comandante, dava gritinhos e batia o leque no braço da cadeira, protestando "contra essas bobagens". Na sua opinião, tôdas essas histórias não passavam de alucinações, fruto da ignorância e de uma educação errada.

— Como professora pública, passei trinta anos mostrando às crianças quão absurdas são essas coisas, exclamou por fim, cruzando com energia as pernas magras e provocando um pequeno vendaval com os seus babados e os seus laços de fita.

E batendo no peito achatado, a voz em agudo:

— Cumpri o meu dever! Cumpri o meu dever!...

O desembargador Bernardes moveu a cabeça descrente. Certo que havia muito exagero, que era uma grande missão guiar as crianças para a coragem, que era preciso muita cautela ante essas coisas, etc.

— Mas, nem tudo, d. Felícia, são patranhas, continuou, limpando as unhas com um palito de fósforo. A senhora não poderá negar a telepatia, por exemplo. E' um fenômeno que se constata, hoje em dia, até nos teatros de variedades.

— Sim, mas o senhor não vai querer me convencer, atalhou-rápido a professora, o leque em riste, que não existem mil e uma mistificações nessas demonstrações públicas de telepatia a tanto por entrada!

E, riscando o ar com gestos enérgicos, contou um caso escabroso em que aparecia um "mágico", agindo de combinação com meia dúzia de sujeitos, para melhor "roubar o público".

— Isto foi provado! Conheci os personagens, disse, sacudindo os cachinhos em tôdas as direções, muito agitada, o nariz mais esticado do que nunca, à evocação de tanto escândalo.

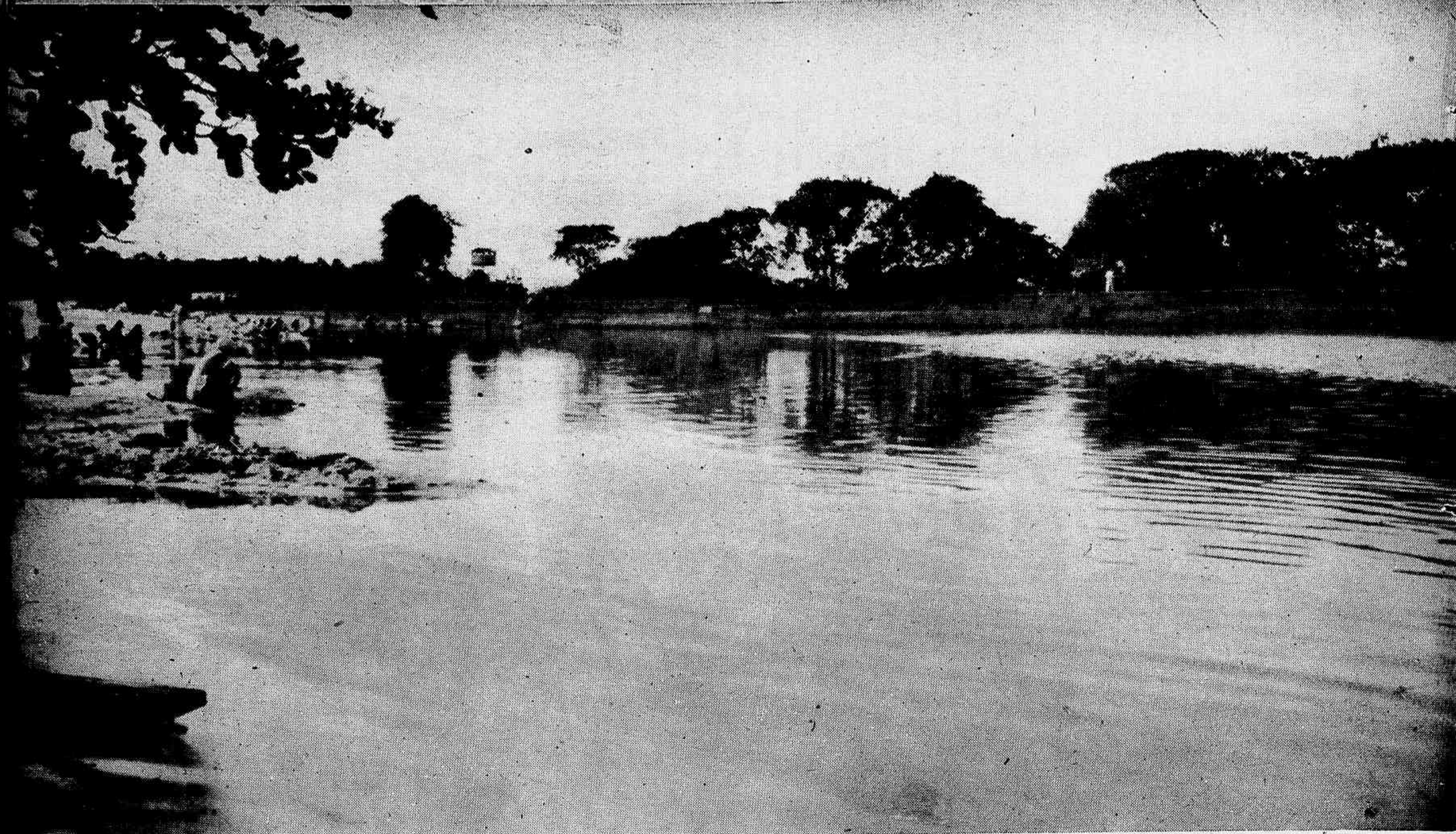
O desembargador não se deu por vencido, porém, e a conversa quase que enveredou para o terreno da metafísica, o

(Continua na página 49)

O FANTASMA DO "CANANÉIA"

Conto de ZENAIDE ANDRÉA

Ilustração de MIGUEL H.



Coisas do Brasil

O solo ingrato, batido durante todo o ano pela inclemência de um sol inimigo, assiste ao desfile fantasmagórico das nuvens imigrantes, que os vão tângendo para o fundo do sertão bravo.

E o homem heróico do Ceará rasga na terra estéril e ardente o sulco profundo que assinala a sua luta desesperada contra a crueldade do sol e o sopro ingrato dos ventos causticantes.

Mas onde a natureza adversa não deixou, como uma bênção suprema, o prêmio de um arrôio, a mão dos sertanejos brasileiros, numa luta titânica, a epopéia suprema da raça, barra os cursos dos rios, intercepta as correntezas e planta, entre as colinas escavadas, o milagre da açudagem.

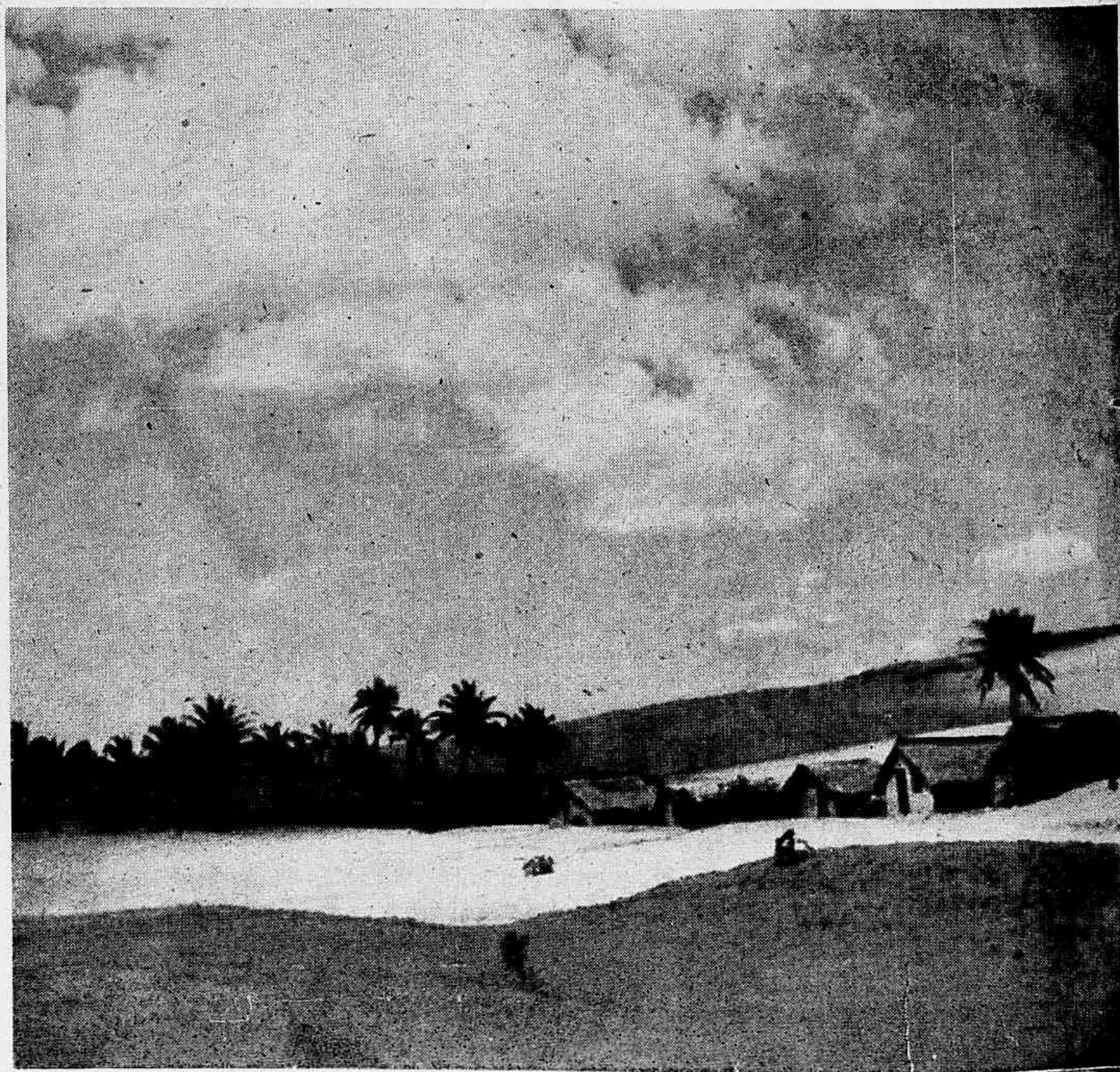
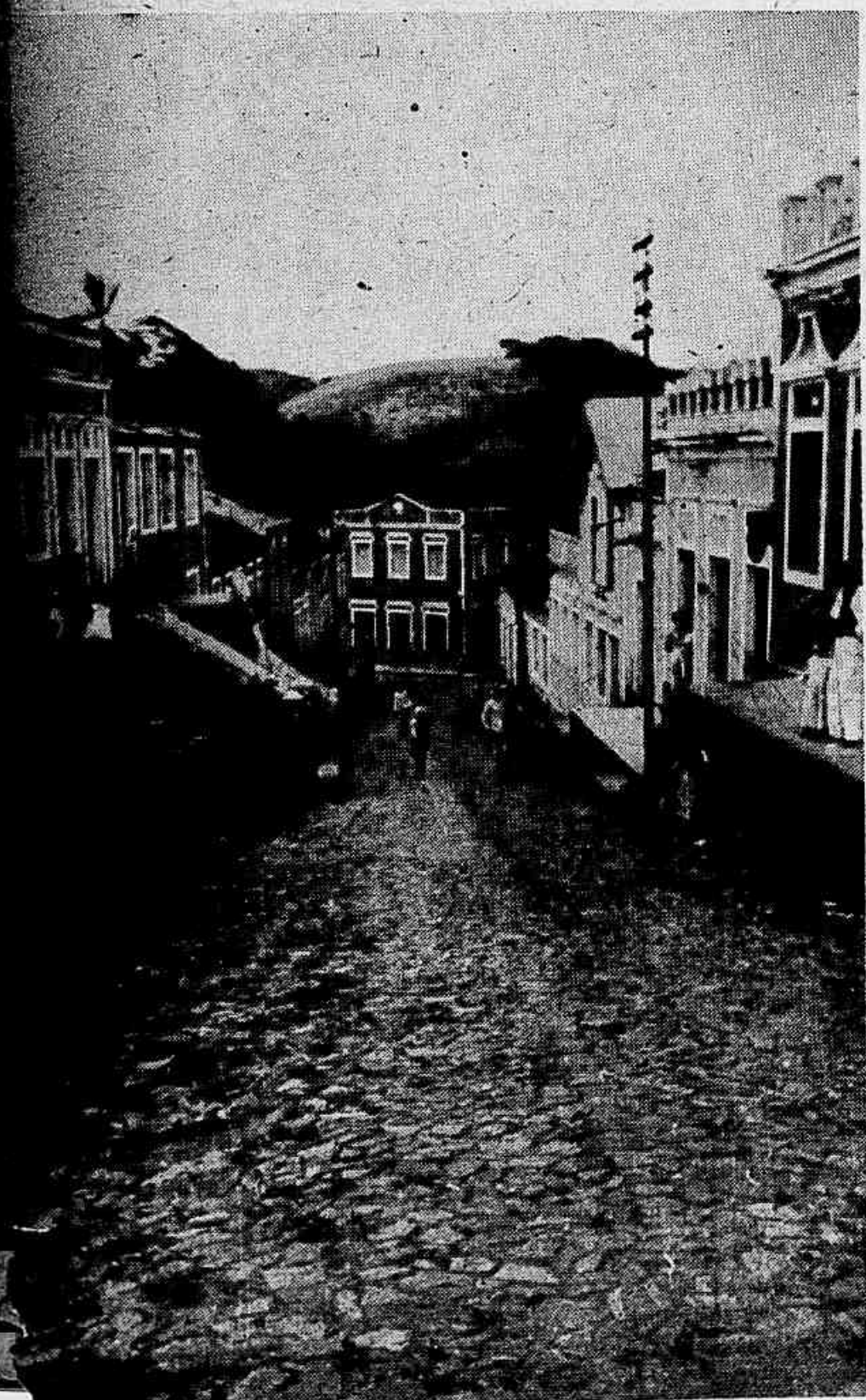
E a paisagem se modifica, tudo reverdesce em tórno às águas abençoadas do açude, as casas se erguem às margens

do lago sereno. A beleza triste de desolação cedeu lugar ao panorama verde das plantações e das pastagens.

E enquanto o sertanejo se lança, num esforço titânico, à conquista da água, os cearenses do litoral se fazem às ondas, sobre a armação primitiva e tósca das jangadas, que o terral impulsiona lentamente para o seio dos mares bravios.

E sobre praias e colinas, erguem-se as cidades tradicionais, símbolos arquiteturais do dinamismo desta raça de bravos, que há quatro séculos vem fazendo nascer, da esterilidade de um deserto, um povoado próspero e progressista.

Três aspectos sugestivos do Ceará ilustram esta página. Ao alto o açude João Lopes, nos arredores de Fortaleza. Em baixo: à esquerda, uma rua de Guaramiranga; e, à direita, a vila do Arpoador, habitada por jangadeiros, situada nos arrabaldes da capital cearense.



NOS BASTIDORES FEMININOS

Quatro são os pontos fundamentais para que a amiga possa aparecer sempre bela, com uma beleza calma, tranquila, sem os momentos bruscos que caracterizam muitas das nossas mocinhas que pretendem assim aparentar uma vivacidade que não possuem. Aliás, a verdadeira beleza é serena, sem os rápidos cruzar e desceruzar de pernas, sem muchochos e caretas, sem franzir de testas, sem olhares vulcanicos e atitudes de "estrela" mal compreendida.

Vamos, porém, aos quatro pontos fundamentais a que nos referimos acima. Primeiro, dormir. Em recente inquerito, feito nos Estados Unidos, verificou-se que 98% da população precisam de oito horas pelo menos para dormir, afim de que no dia seguinte possam sentir-se aptos a reiniciarem suas atividades. O mesmo acontece á beleza: uma mulher que dorme durante pelo menos oito horas por noite estará, no dia seguinte,

por muito exausta que se tenha sentido na vespera, com a fisionomia fresca e saudavel, radiosa em toda a sua beleza. O segundo passo já é um tanto velho e repetido, mas convem repeti-lo, mais uma vez: é a diétá; grande quantidade de frutas e legumes, ovos, leite e carne (quando houver...)

Terceiro: — ginastica. Si você não poder frequentar um curso de ginastica precisa então andar o mais possivel.

O quarto é "relaxar". Isto não quer dizer que você deva enrolar o cabelo, estirar-se num divã e ouvir novelas. Não; quando dizemos "relaxar" queremos dizer que você, diariamente, deve procurar descansar durante uns vinte minutos, de preferencia antes de jantar; deite-se no quarto escuro, tendo sob os pés um travesseiro, afim de que eles fiquem mais alto do que a cabeça. Ou, querendo, deite-se no chão, colocando os pés sobre uma cadeira, e não pense em cousa alguma. "Relaxe" assim o corpo e o espirito.

E, para completar, faça sempre exercicios respiratórios, não use maquillage exagerado nem penteados complicados; vista-se de acordo com a sua idade e o seu tipo, e aprenda a olhar o mundo com um sorriso benevolente.

E assim tirá você conquistado a verdadeira beleza.

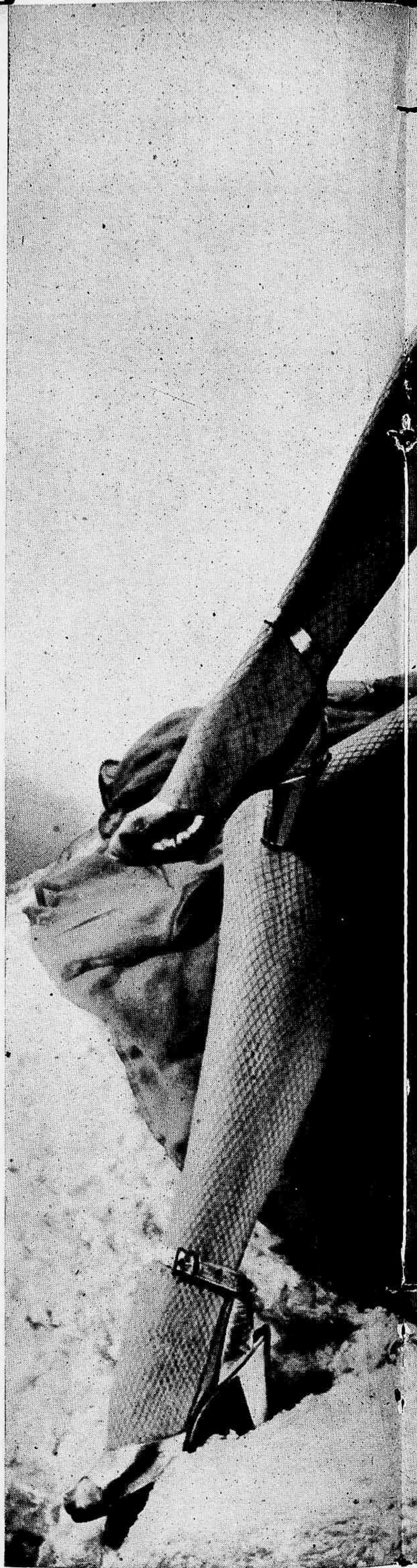
Kitty

Frances Rafferty - Metro





Uss.
que calor!



Propaganda e informação de interesse "para os jovens", R. 1.
 1. O primeiro movimento geral é de dar uma mais ampla cobertura
 aos temas. Desde a 1.ª. De agosto, o J. V. já abrangendo os
 assuntos mais importantes da vida política, econômica, da cultura.



...a vida é assim, com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e desilusões. Mas é preciso viver, é preciso lutar, é preciso acreditar. E, acima de tudo, é preciso amar. É assim que a vida ganha sentido, é assim que ela se torna uma jornada digna de ser percorrida. É assim que encontramos a felicidade, não no fim da estrada, mas no caminho. É assim que a vida se torna uma obra de arte, uma obra que só pode ser criada com o coração aberto e a alma livre. É assim que a vida se torna uma aventura, uma aventura que só pode ser vivida com coragem e determinação. É assim que a vida se torna uma jornada, uma jornada que só pode ser feita com a ajuda dos outros. É assim que a vida se torna uma obra-prima, uma obra-prima que só pode ser criada com o amor e a fé. É assim que a vida se torna uma jornada, uma jornada que só pode ser feita com a ajuda dos outros. É assim que a vida se torna uma obra-prima, uma obra-prima que só pode ser criada com o amor e a fé.



À esquerda: — Originalíssima, sem dúvida, é a blusa que nos apresenta a encantadora Olivia de Havilland. Feita em lingerie branca, ela tem como enfeite, ocupando toda a parte da frente, um bonito... cacho de bananas! Não sei o que diria Carmem Miranda sobre a inovação apresentada por Livy... Mas também, quem pode garantir que bananas só se carregam à cabeça? De qualquer maneira, aí fica a sugestão de Miss de Havilland.

Em baixo, à esquerda: — E' de Anita Louise este conjunto bastante elegante, composto de saia escura com pregas e nervuras na frente e botões colocados enviezados do lado. Blusa de seda estampada, mangas compridas e um grande laço formando gola.

Em baixo, à direita: — Eis um bellissimo vestido de noiva, sugestão de Anita Louise. O corte é simples, grande decote com original gola que faz lembrar uma dama antiga. Farto véu de tulle.

(Foto RKO Radio)



Moda



E' ainda Olivia de Havilland quem oferece às suas fãs do Brasil este gracioso modelo próprio para as festas de verão. E' ele confeccionado em tule branco, tendo tanto nas bordas do corpete como na saia "ruches" do mesmo tecido. Três rosas grandes e de cores vivas são aplicadas à cintura. Também sobre os cabelos Olivia leva um enfeite de rosas.

De grande efeito e originalidade é este modelo de Ramsay Ames, composto de duas peças. A saia, em setim preto, é bastante justa, abrindo ligeiramente dos lados. A jaqueta tem a aba também em setim preto e a parte superior em setim preto e branco formando largas listras. Um grande laço, também listrado, termina a gola. Se você é alta, esteja certa de que ficará elegantíssima usando esse modelo recomendado para jantar ou casino.





ERA UM GRANDE HOMEM...

O chapéu é um objeto inútil e incômodo. Essa era, pelo menos, a opinião de John Harvey, ao sentar-se na cadeira que o dono da casa lhe designara, com um gesto displicente. As mãos já lhe pareciam supérfluas e a necessidade de ter que segurar o chapéu era uma verdadeira tortura. Não lhe ocorrera o meio mais simples; pôs-o no sofá, ao seu lado. Aliás, a faculdade de raciocinar estava momentaneamente paralizada no rapaz. Mesmo o pensamento mais simples não lhe caberia no cérebro de maneira coerente. Era todo ele a presa única de uma variedade de emoções. Durante muito tempo planejava aquela visita. Passara

horas diante do espelho, depois de marcada a data, ensaiando atitudes. Mas, chegado o momento exato, ele não se lembrava de nada. Perturbado, gaguejava.

— Conheci muito seu pai, disse o grande homem.

E John fez um esforço tremendo para encontrar uma resposta.

— É? disse, afinal.

Convenhamos que não seja esta uma resposta iluminante, nem demonstre inteligência fora do comum. De qualquer maneira, o riso irônico do grande homem foi cruel. Mas o mais interessante é que teve sobre o rapaz o efeito oposto ao que seria de esperar: ele perdeu o embarço, ar-

nhou naturalidade e, se bem que um brilho estranho nos olhos denunciava a sua excitação, ele, pelo menos, não repetiu as respostas tímidas e hesitantes. Sentira, perfeitamente, o desprezo do grande homem e aquilo agira como um estimulante. Dentro de alguns minutos, já estava senhor de si e impressionava favoravelmente o personagem.

O grande homem era, também, um grande egoísta. Além disso, consciente de seu valor, verdadeiro cabotino. Não seria, de forma alguma, um homem odioso, mas era, sem dúvida, um homem antipático. Tivera, havia muitos anos, pois já era um ancião, muita experiência com as mulheres, mas de

mulheres um ar superior e uma indiferença bem dosada antes atraem: nunca repelem. Falei em indiferença dosada e creio que seria oportuno referir-me aqui à qualidade histriônica do gênio do grande homem. Nos seus livros, nos seus poemas, aquele espírito percuciente conseguira instilar um pouco da sua ironia ferina, da sua sutileza, cobertas por um estilo nervoso e ágil. Na sua vida, porém, ficava patente qual era o segredo do seu sucesso. Ele, mais do que uma sensibilidade aguda, era uma artista, um ator, para ser mais preciso. E sabia dosar os seus efeitos. Donde a artificialidade de alguns de seus escritos, erroneamente atribuídos a um cerebralismo inexistente. Ele era, isso sim, um ator. E, durante toda sua vida, ele vivera a tomar atitudes de grande efeito, assim como nas suas obras ele preparara com artifício os efeitos que desejava obter.

Se, na sua literatura, todos se tinham enganado quanto a esse aspecto, na sua vida só as mulheres tinham sido enganadas pelo seu comportamento. Os homens, que não tinham, para complicar sua atitude em relação a ele, uma atração a que as mulheres não podiam se furtar, compreenderam quanto havia de pôse assumida no seu procedimento e quão pouca sinceridade nas suas ações. Mas, enganados ainda, atribuíam isso a um certo pudor de artista de mostrar a sua verdadeira alma, terna, romântica, sentimental, elevada e pura, que só a arte conseguia desvendar. Assim, acreditavam na sua arte e não compreendiam quanto nela havia do mesmo artifício, da mesma deliberada procura de um efeito, por meio de um simbolismo acessível, para que a comoção fosse autêntica e fácil, e de uma série de truques, hábeis mas, para o leitor prevenido, evidentes. Só o salvava da vulgaridade a sua habilidade. Ele sempre, na literatura, conseguia esconder o caminho que o levava a lágrimas e que não era nunca o da emoção sincera.

Sentado à frente dele, Harvey contemplava-o. Nunca fora enganado por ele. Aliás, a sua geração, que já vinha com outra formação, não pudera tragar aquele romântico impenitente, traduzindo-se o desafeto por um desprezo total, atitude extremada a que a levava os preconceitos de uma outra espécie mas não menos artificiais. Harvey, ao contrário, dotado de uma perspicácia bem fora do comum, quase a par com sua timidez, descobrira o segredo do grande homem. Descobrira-o ao vê-lo. Porque as suspeitas que havia muito alimentava tinham sido confirmadas. O grande homem estava assumindo mais uma pôse: a pôse de ídolo decaído, de homem amargurado, de um velho mestre injustamente esquecido, ao receber um tributo de um admirador. E Harvey sabia que nenhum egoísta como ele poderia sentir a indiferença de que se achava rodeado. Ele sentia que o grande homem estava certo de um reconhecimento póstumo do seu valor e que estava vivendo o papel que escrevera para si mesmo, ele que tinha na sua bagagem literária uma série de peças teatrais. Determinara que o resto de sua vida seria vivido em paz, entre as flores, com uma ou duas pequenas manias para favorecer a fantasia dos biógrafos. E já previa a descrição pelos professores de literatura do futuro: "ele viveu uma vida humilde até o fim. Velho, cansado, solitário, abandonado por aqueles que antes o haviam aplaudido mas que se haviam cansado de seu gênio — diletantes sempre à procura de novidades que eram — ele não perdeu a coragem. Enchia-o uma grande amargura. É triste ver a nova geração correr em busca de novo ídolo, abandonado o velho objeto de seu culto, no meio da estrada. Mas, quando o deixaram, senhores, atiraram à beira da estrada uma pedra preciosa, um diamante em cima do Bentico, do contrário ele é ca mais tiveram, nunca mais teremos; gênio igual ao seu nunca mais viverá."

Continua na pág. 53.

O GRANDE HOMEM

Conto de
STRATTON POTTER



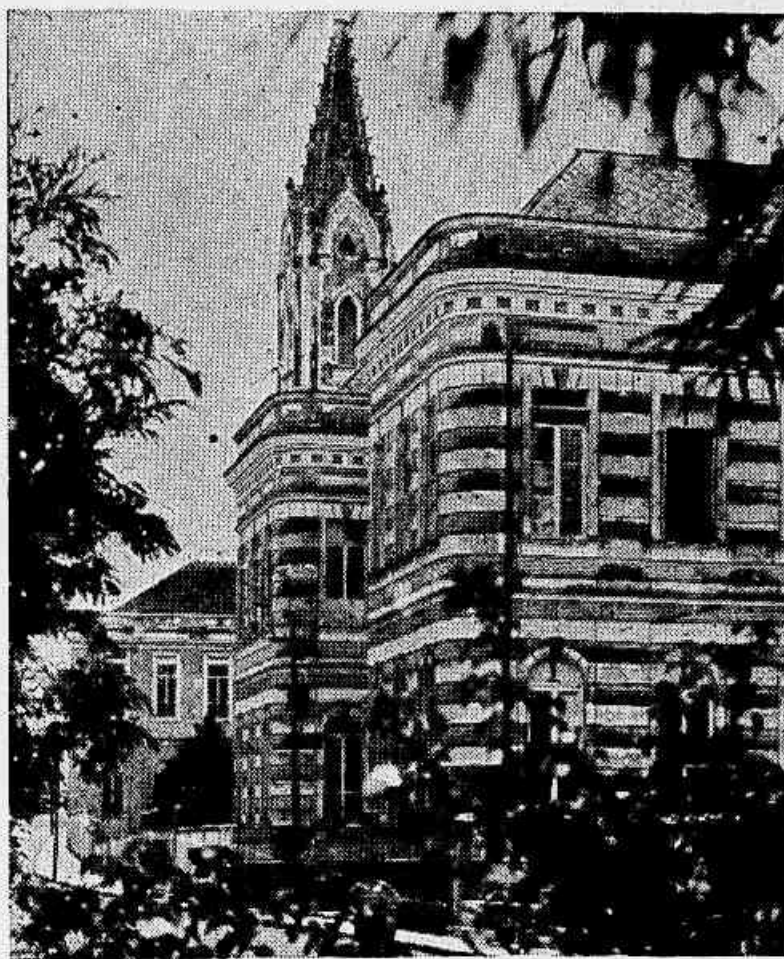
A majestosa igreja de São Francisco de Assis. Com sua fachada toda em pedra, rodeada das palmeiras, que nunca desprezam os lugares bonitos.

SÃO JOÃO DEL REI

E STAMOS diante de uma bela cidade, plena de caracteres originais e interessantes. Aqui um templo lembrando séculos passados, ali um beco calçado com pedras largas, e acolá uma avenida toda arborizada, com um calçamento primorosamente feito, fazendo-nos pensar nas grandes metrópoles dos tempos hodiernos.

Sem querer, antes mesmo de vermos com olhos observadores os detalhes de tudo que nos cercava, fomos levados a uma retrospectiva e passamos a imaginar como teria sido aquilo em épocas remotas, quando tudo era tão diferente e tão mais simples!

A rememoração de fatos acontecidos na infância dessa histórica cidade mineira não pode deixar de ser, para qualquer brasileiro, um motivo de gozo espiritual e contentamento íntimo. Muitas vezes, ao olharmos os retratos daqueles casarões antigos, in'ormando-nos da maneira como foram construídos, o "quantum" usado para isso, suas glórias, não podemos deixar de sorrir. Sentimos uma sensação esquisita, quando concluímos quão diferente era aquela vida, com costumes tão estranhos e, não sabemos por que, pensamos como devia ser monótono e calmo, parado e triste, o viver daquele povo que não conhecia o automatismo moderno, trazido pelo progresso e sempre acompanhado de tanto barulho e tanta sofreguidão. Será, por acaso,



A Santa Casa de São João del Rei, um dos melhores hospitais do Estado.

"A CIDADE QUE NAO OLHOU PARA TRÁS"

E. N. S.

esse conforto que a ciência nos vem legando, através dos anos, sinônimo de felicidade? Preferimos não responder a essa pergunta. Que respondam para si próprios todos os que nos lerem, depois de alguma meditação.

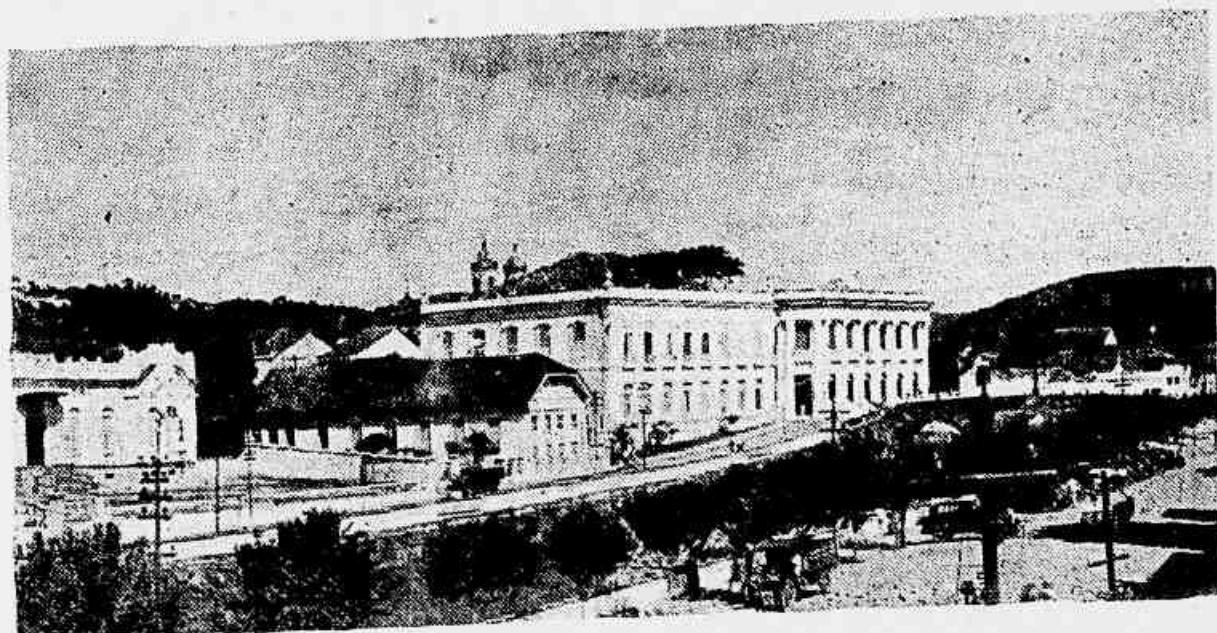
A planta da igreja de São Francisco custou a elevada soma de sessenta cruzeiros!... Sua construção foi contratada pela quantia de duzentos e trinta cruzeiros por ano! Em matéria de preço do trabalho humano e custo de imóveis, poderemos assinalar o dispêndio que se tinha para mandar um portador a pé ao Rio de Janeiro: pagava-se Cr\$ 12,80. Isto em 1882. Outro fato também bastante característico foi a avaliação feita em 1829 do terreno onde hoje está edificada a prefeitura: Cr\$ 400,00!...

A "Casa de Guardar Dinheiro" era o nome de que hoje chamaríamos banco!...

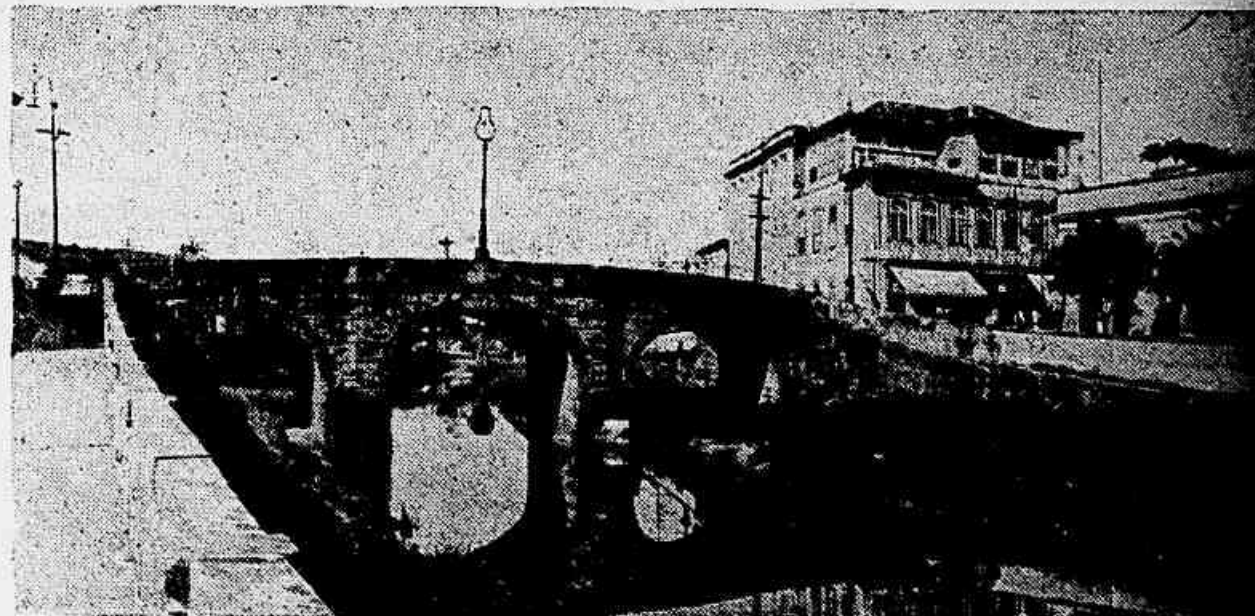
A Ponte da Cadeia, antiga Ponte Nova, de construção sólida, com três arcos de cantaria lavrada, foi construída em 1783 por Cr\$ 800,00!...

Desviando completamente o pensamento, lembramos que ali se deu o nascimento de José Joaquim da Silva Xavier.

sendo o berço natal de Tiradentes, o pioneiro de nossa independência, o herói de Vila Rica, o primeiro dos patriotas brasileiros, São João del Rei, apenas por isto, pode ser



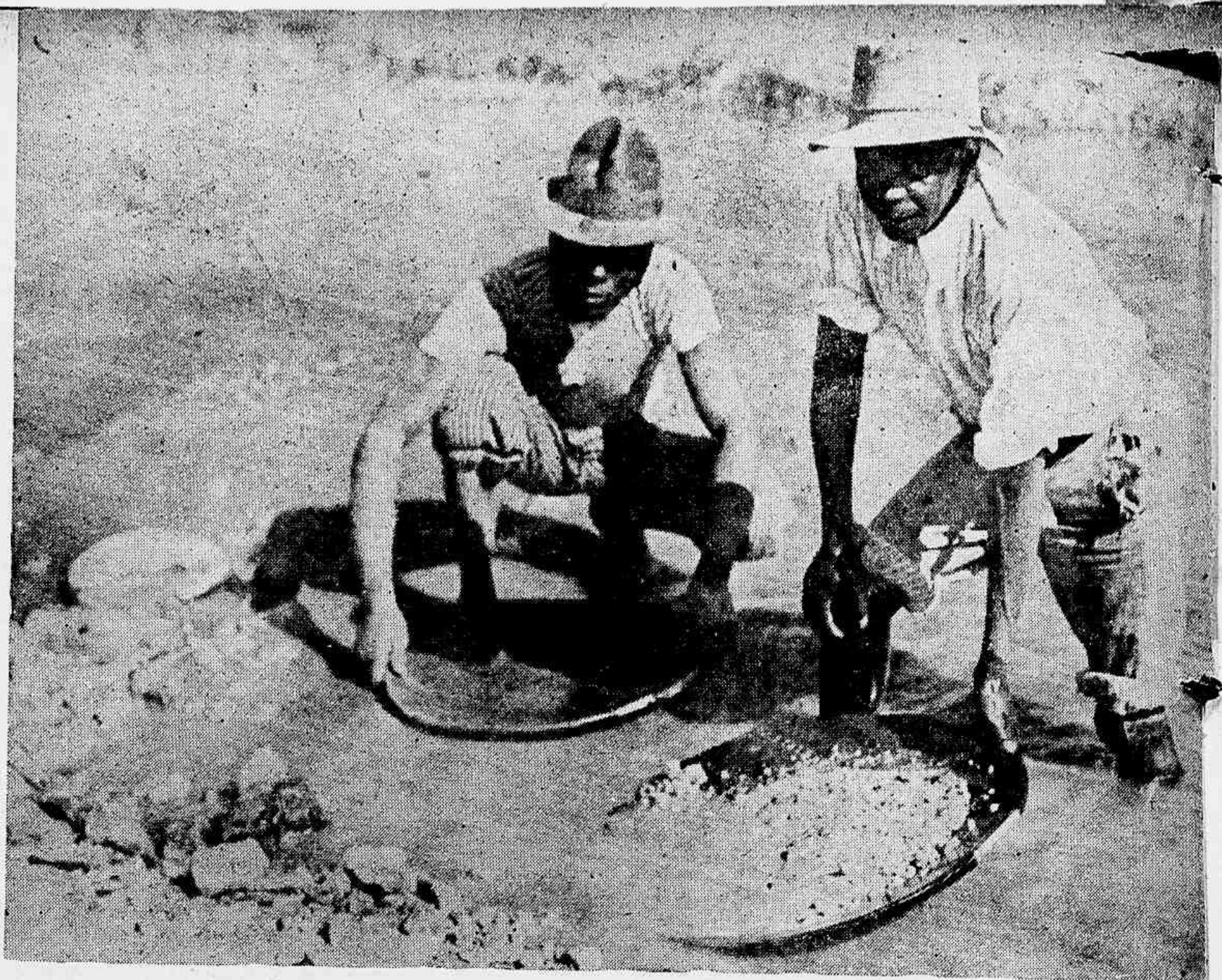
A moderna avenida Rui Barbosa, vendo-se ao fundo a Prefeitura, em frente à ponte da cadeia.



Esta é a ponte da cadeia que há quase dois séculos presta os seus serviços inestimáveis ao povo.



Detalhe da torre da Igreja de São Francisco de Assis de São João del Rei.

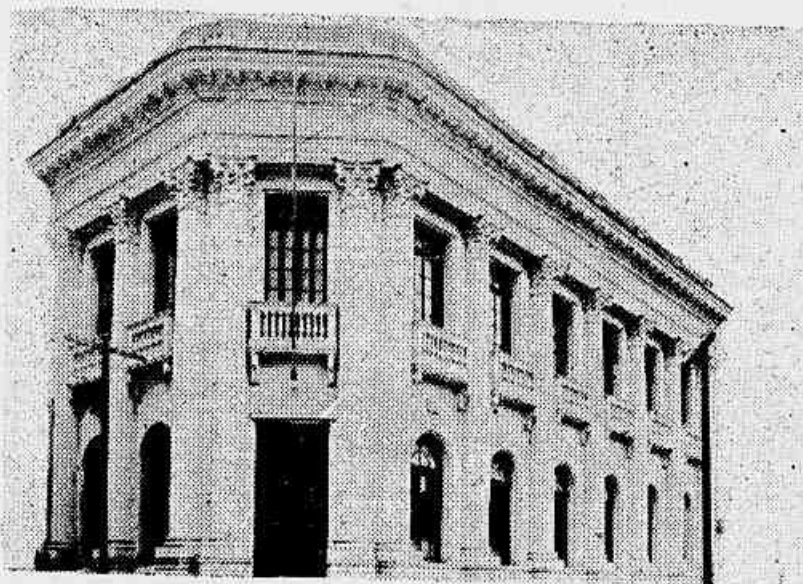


No rio das Mortes. Dois garimpeiros com suas respectivas batelas lavam as areias auríferas em busca do metal tão precioso.

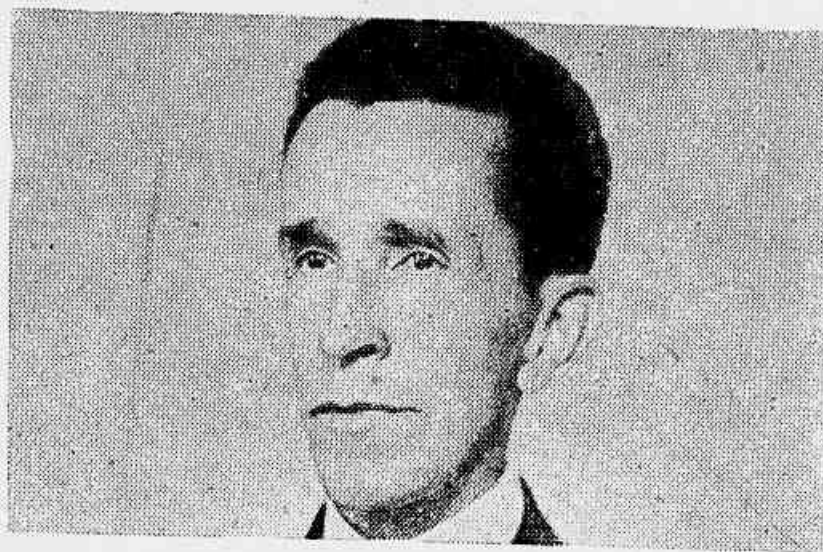
considerada uma das cidades de maior proeminência na história de nossa nacionalidade.

Depois dessa divagação gostosa sobre o passado, vamos dar um agradável passeio pelas ruas dessa cidade tão bem administrada pelo dr. Antônio das Chagas Viegas, seu prefeito. Contando com uma população aproximadamente de 32.000 habitantes, ela tem um movimento contínuo. Com um serviço de iluminação elétrica perfeito, explorado pela Prefeitura, grandes ruas calçadas e magníficos jardins, oferece ótimo conforto aos seus habitantes e aos que a visitam. Olhemos separadamente o seu desenvolvimento em cada setor. Começaremos pelo educacional, talvez o mais importante em nosso país em que, como todos já disseram, é grande a necessidade de alfabetização. São João del Rei tem dois ótimos ginásios, uma escola normal, um colégio Salesiano, três grupos escolares e 68 outras escolas primárias. Possui ainda uma fantástica biblioteca municipal, onde se encontram obras notáveis e mesmo raras. Entre muitos livros interessantes, fomos encontrar o "Corão" de Maomé, numa tradução portuguesa. Olhemos agora outro setor, também importantíssimo em nossa terra: a saúde. Grande parte da cidade é servida de esgotos num total de 2.698 prédios. Possui ainda a Santa Casa da Misericórdia, que é um dos melhores hospitais do Estado de Minas Gerais, um centro de saúde e, por iniciativa particular da Confraria de Nossa Senhora das Mercês, mais um grande hospital acha-se em vias de acabamento. É interessante notar-se o grande desenvolvimento social da cidade, onde se encontram vários centros como a Sociedade de Medicina e Cirurgia, fundada em 1930. Além desta temos ainda a Associação Comercial e a União dos Empregados no Comércio. Possui a cidade nove bandas de música. No terreno esportivo vamos encontrar grande desenvolvimento e entusiasmo, 12 clubes esportivos, predominando, como em quase todas as partes do Brasil, o "foot-ball".

Chamou-nos a atenção o ótimo jornal "Diário do Comércio", sob a direção de nosso confrade José Belline dos Santos. Esteve também em nossas mãos "O Correio" e outros dois jornais escolares, um do Colégio Santo Antônio



Este é o edifício da antiga "Casa de Guardar Dinheiro", hoje Banco Almeida Magalhães S. A.



Sr. dr. Antônio das Chagas Viegas, prefeito de São João del Rei.

e outro do Colégio Nossa Senhora das Dôres, "O Porvir" e o "Stella Maria".

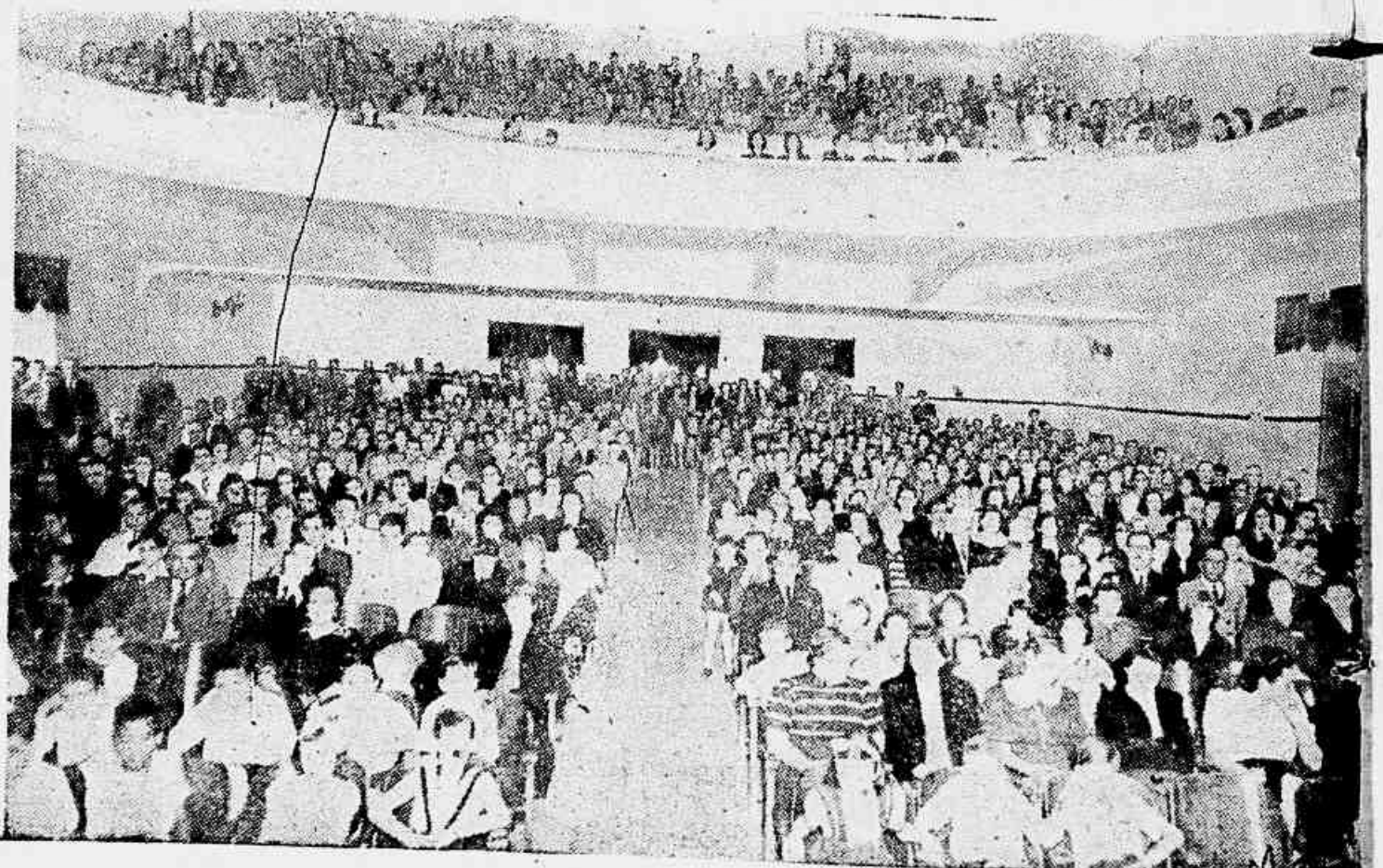
Mais uns passos e deparamos com o luxuoso Teatro Municipal, quase único no seu setor, pois apenas, além dele, existem associações, duas escolares e outra denominada "Clube Teatral Artur Azevedo".

O Cinema Capitólio é também querido do sãojoanense e está sempre apresentando programas bons e novos. Já estávamos, depois de vermos tudo que acabamos de descrever, verdadeiramente entusiasmados com o progresso daquela cidade, quando outra coisa veio surpreender-nos ainda mais. Explorado pela Prefeitura existe, na cidade, telefone urbano além do posto mantido pela Companhia Telefônica Brasileira, de onde se fala para os grandes centros do país. E fomos continuando o nosso passeio, admirando as praças e jardins e deparando, de quando em vez, com coisas notáveis e verdadeiramente deslumbrantes.

Está aquartelada em São João del Rei a tropa do 11.º Regimento de Infantaria, muito bem instalada em ótimo prédio perfeitamente adaptado e atendendo plenamente aos objetivos militares.

Distante apenas quatro quilômetros da cidade está o campo de aviação, cuja pista principal mede 1.100 metros de comprimento e 120 de largura. Possui também aquela cidade o Aéreo Clube de São João del Rei, equipado com dois aparelhos de treinamento e já havendo dado duas turmas de aviadores.

De tudo, porém, o que mais nos entusiasmou foram as igrejas. O brasileiro em geral é católico, de todos os brasileiros parece-nos que o mineiro é mais que os outros, e dos mineiros, pelo que vimos, o sãojoanense é o mais religioso. Nada menos de 16 igrejas e 27 associações religiosas existem em São João del Rei. Todas elas com belíssimos frontispícios e deslumbrantes em seu interior. São verdadeiras obras de arte o que vimos. A fachada toda em pedra da igreja de São Francisco e a efígie de Cristo na cumieira do pórtico principal são obras dignas de serem vistas por todos e, estamos certos que os maiores artistas teriam palavras de elogio e admiração ao contemplá-las.



Dois aspectos do Teatro Municipal. Sua fachada e seu interior no momento em que se realizava a sessão a que assistimos.

A imagem, inacabada, de Cristo que se encontra na igreja do Carmo é uma das mais perfeitas obras de estatúria. Escrevendo sobre ela o engenheiro arquiteto dr. Silva Costa assim terminou: "Creio ser esta peça absolutamente única; nada vi que se lhe pudesse oferecer como termo de comparação".

Naturalmente, não fôsse o progresso que tem tido São João del Rei, isto tudo seria, aos poucos, esquecido como em muitas outras cidades brasileiras, onde também se encontram preciosas relíquias. E há de nos perguntar o leitor: por que, apesar de antiga, vem progredindo tanto São João del Rei? Por tudo, pelo seu povo, trabalhador que é, pelos filhos ilustres que tem dado, pelas autoridades católicas e, principalmente, pelas suas últimas administrações que tem sido de real valor para o seu progresso. A atual administração do prefeito dr. Antônio das Chagas Viegas, zeloso continuador das iniciativas dos anteriores, tem sido notável pelas suas realizações e, graças também à boa vontade do sr. governador Benedito Valadares, que tem proporcionado diversos benefícios ao município.

É, sem dúvida, a cidade do passado e do futuro e sua economia no momento é testemunho do que afirmamos.

São João del Rei Artes Gráficas, por exemplo, é uma firma mineira que honra a indústria nacional. Agora que caminhamos aceleradamente para o terreno industrial, é de grande importância para o país aquela sociedade. Já considerada por todos como organização perfeita, São João del Rei Artes Gráficas é digna de admiração. Muito bem recebidos pelo seu atual diretor-gerente, sr. Manuel Almeida Neto, figura de alta projeção na sociedade local e pessoa muito querida nos demais centros industriais do Estado de Minas Gerais, fizemos uma visita detalhada às diversas secções existentes. Foi grande o nosso orgulho ao vermos, diante de nossos olhos, aquela grandiosidade genuinamente brasileira e, a cada passo que dávamos, a cada coisa nova que víamos, era maior ainda o nosso contentamento.

Vistámos primeiramente a fábrica de vasilhames para laticínios. Tudo ali era ordem e técnica, oferecendo um quadro agradável e verdadeiramente digno de ser cinematografado. Passámos, depois, para a fábrica de caixas cilíndricas litografadas em madeira, outra indústria curiosa e interessante, que nos prendeu por grande tempo e uma das principais da firma. Em seguida, visitámos os departamentos litográficos e tipográficos e, finalmente, passámos à notável estampania, equipada da melhor e mais moderna maquinária possível e que mereceu nossa especial atenção, pois se trata, sem dúvida, de estabelecimento fabril difícil de ser igualado em todo o país.

E' preciso que se diga que, embora estejamos em guerra, atravessando um período difícil em todos os ramos de nossas atividades, aquela firma tem conseguido um índice de produção verdadeiramente espantoso. Bem orientada pelos seus diretores e equipada com ótimo material e um pessoal trabalhador e esforçado, que não mede sacrifícios para levar a cabo suas empreitadas, vem realizando um trabalho perfeito, alcançando grande produção e se tornando cada vez mais importante e mais necessária ao país. Agradecemos ao sr. Manuel Almeida Neto e muito bem impressionados, deixámos aquela empresa.

Já, anteriormente, quando discorremos sobre as diversões existentes em São João del Rei, falámos no Teatro Municipal e no Cinema Capitólio, ambos pertencentes à grande firma F. Cupelo & Cia. Ltda., grande organização mineira que se estendeu ao Estado do Rio. Não só São João del Rei como muitas outras cidades do interior daqueles dois Estados são beneficiadas por esta sociedade, que oferece sessões agradáveis de cinematografia. Note-se que vivemos a felicidade de assistir a uma delas.

Se é bela a fachada do Teatro Municipal, muito mais encantador ainda é o seu interior, onde uma arquitetura moderna torna verdadeiramente agradável aquele recinto.

Inaugurado a 10 de Novembro do ano passado, vem aquêle estabelecimento enchendo de alegria a vida social de São João del Rei, a Princesa do Oeste. E' pois digna de nota a organização de F. Cupelo & Cia. Ltda., e merece os nossos mais sinceros cumprimentos.

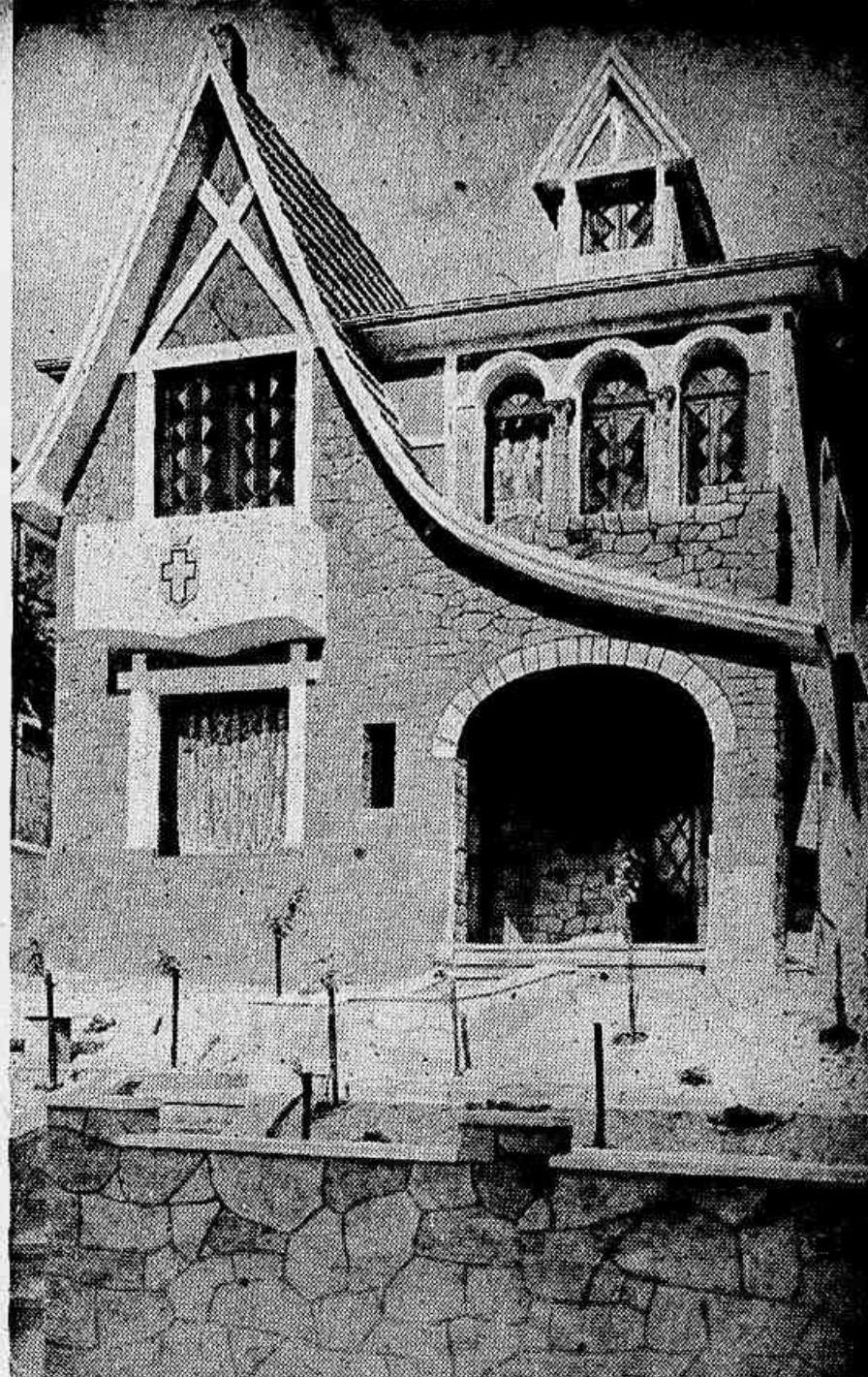
Focalizemos agora uma sociedade comercial de grande destaque na cidade, Ottoni Garcia Ltda., que explora o ramo de representações e conta própria. Seus atuais componentes, srs. Antônio Ottoni de Carvalho Sobrinho e Sergio Garcia, elementos de real valor e grande prestígio na sociedade local, tudo fazem para o engrandecimento da sua cidade, realizando um trabalho constante e profícuo. Bem o mostra o sr. Antônio Ottoni de Carvalho Sobrinho que, além de sócio desta firma, é grande fazendeiro e nome ligado aos altos círculos industriais e bancários do país.

Durante nossa permanência nos escritórios que mantêm Ottoni Garcia Ltda., num dos melhores pontos da cidade, tivemos oportunidade de verificar o elevado número de firmas que representa, levando assim para São João del Rei maior desenvolvimento comercial.

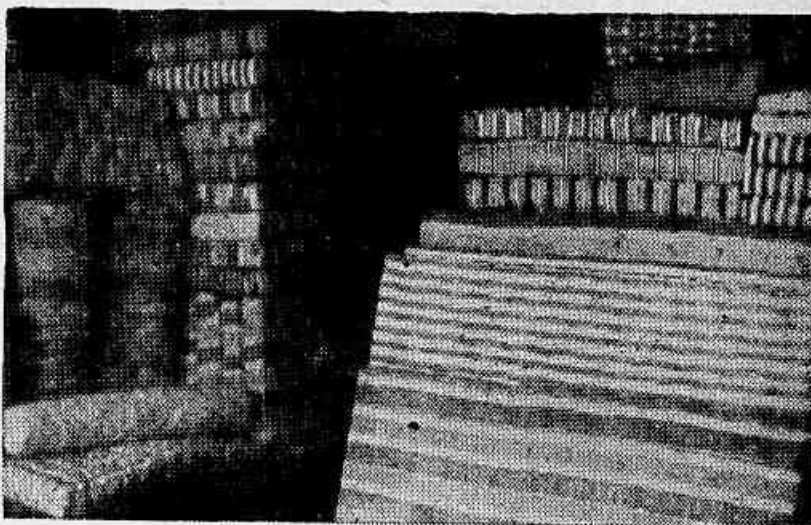
Entre as curiosidades de São João del Rei, figura a antiga "Casa de Guardar Dinheiro", fundada em 1860 e que, com o decorrer dos tempos, a invasão das coisas e nomes modernos, transformou-se no grande estabelecimento de crédito que é o Banco Almeida Magalhães S. A. Esta é mais uma prova do grande desenvolvimento comercial e industrial da Princesa do Oeste, pois é sabido, onde existe banco existe dinheiro para nele ser depositado. Sendo um dos mais antigos estabelecimentos bancários do Estado, operando em depósitos, descontos, cauções e cobranças, o Banco Almeida Magalhães S. A., imponente em seu prédio antigo e sólido, olha tranquilo a cidade, sentindo-se sempre mais forte e sempre disposto a acompanhar o progresso.

Continuando o nosso passeio, deparamos com uma grande casa comercial e resolvemos entrar. Tratava-se da Casa Dois Irmãos, da firma Irmãos Cardoso & Cia., estabelecimento digno das melhores referências e muito conceituado no alto comércio sãojoanense. Entre os vários departamentos que pertencem ao movimento comercial e industrial de Irmãos Cardoso & Cia. Ltda., podemos salientar a grande manufatura de colchões de clina animal que, produzidos em grande escala, são exportados para os maiores centros do país. Além desta indústria, explora ainda aquela firma a fabricação de malas, canastos, cintos, etc., exportando todos os seus produtos. Em seu departamento co-

(Continua na página 51)

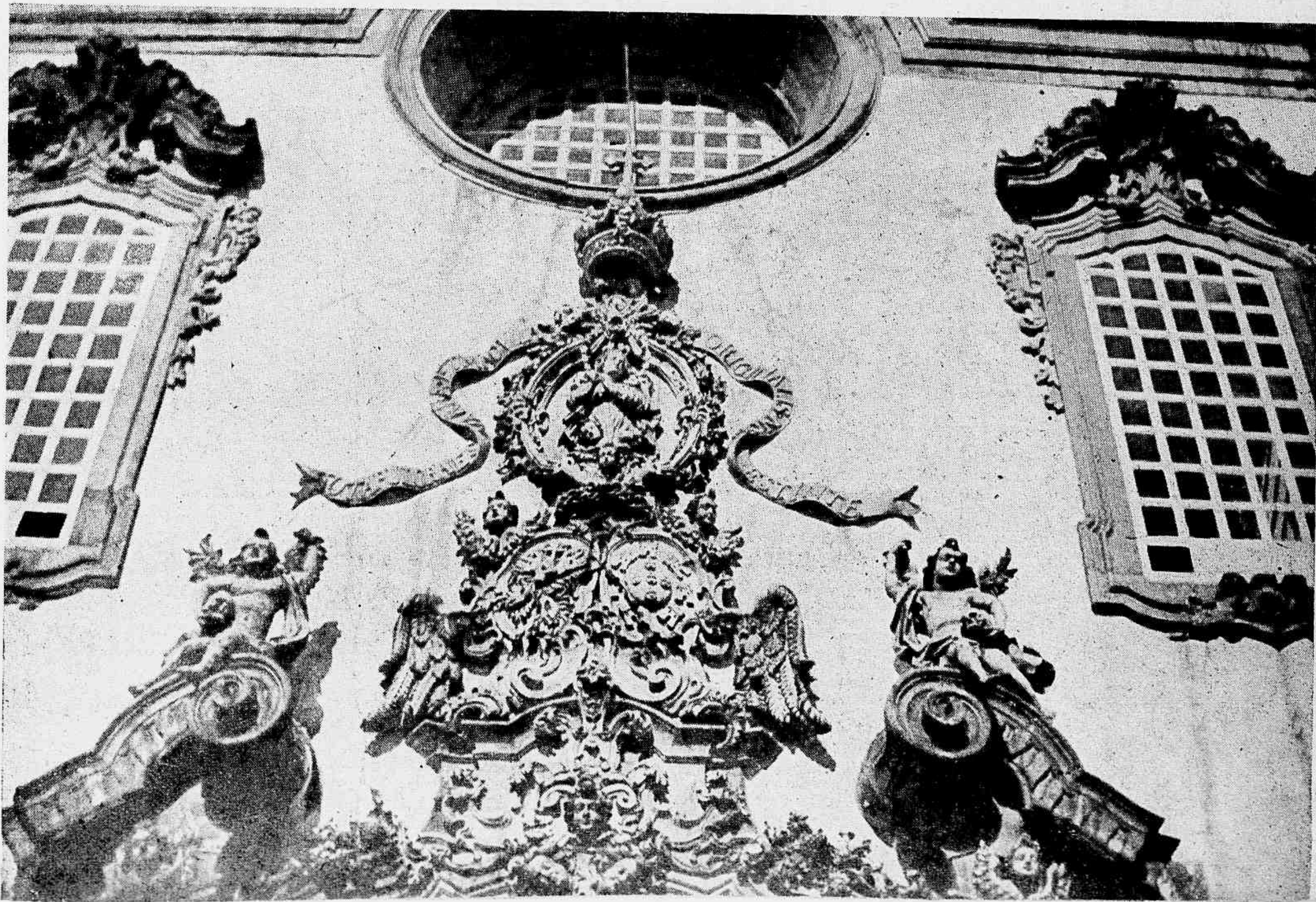


Aqui está uma residência moderna da cidade. É uma das belas casas do lugar.



Aspecto de um depósito da fábrica de colchões de Irmãos Cardoso & Cia.

Frontispício da igreja de São Francisco, trabalho em pedra-sabão do Aleijadinho. Verdadeira obra de arte.





1 — Lindo vestidinho em linho pastel, aberto na frente. "Festonné" e pequenos bordados em tôda a frente, nos bolsos, punhos e gola.

2 — Gracioso vestido em algodão estampado. Peitilho branco, com babado plissado.

3-A — Vestidinho de camhaue branco com alegre motivo bordado em côres.

3-B — Vestidinho em shantung branco. Pregas em todo o seu comprimento. Raminhos em côres bordados na pala e nos bolsos.

4 — Interessante modelo em seda lavável branca, com vize em tom vivo e bordado em côres na blusa e na saia.

5 — Vestido em "volle" estampado. Gola de bordado inglês. O mesmo na pala da saia.

6-A — Conjunto para menino, composto de blusa listrada e calça branca.

6-B — Vestido de piqué branco, sendo a gola e tiras da blusa em tecido listrado aplicado enviezado. O mesmo tecido é empregado para a saia.

Passeio

7 — Vestido de seda azul marinho com pequenos babados de piqué branco na gola e nos bolsos. Interessante "movimento" na blusa e na saia.

8 — Vestido de romain negro. Leva babados de piqué branco ao redor dos bolsos. Gola e laço também em piqué branco.

9 — Modelo bastante atraente em seda azul marinho. Vieses brancos na blusa e na pala, que forma bolsos soltos. Pespontos largos e botões fantasia.

10 — Decote amplo, enfeitado com quatro "motivos" bordados e um pequeno trabalho de organdi. Saia ampla, "apanhada" na frente.

11 — Modelo de grande originalidade, em linho havaiana. Vies e botões de piqué branco. Bordado ligeiro sobre os bolsos da blusa.

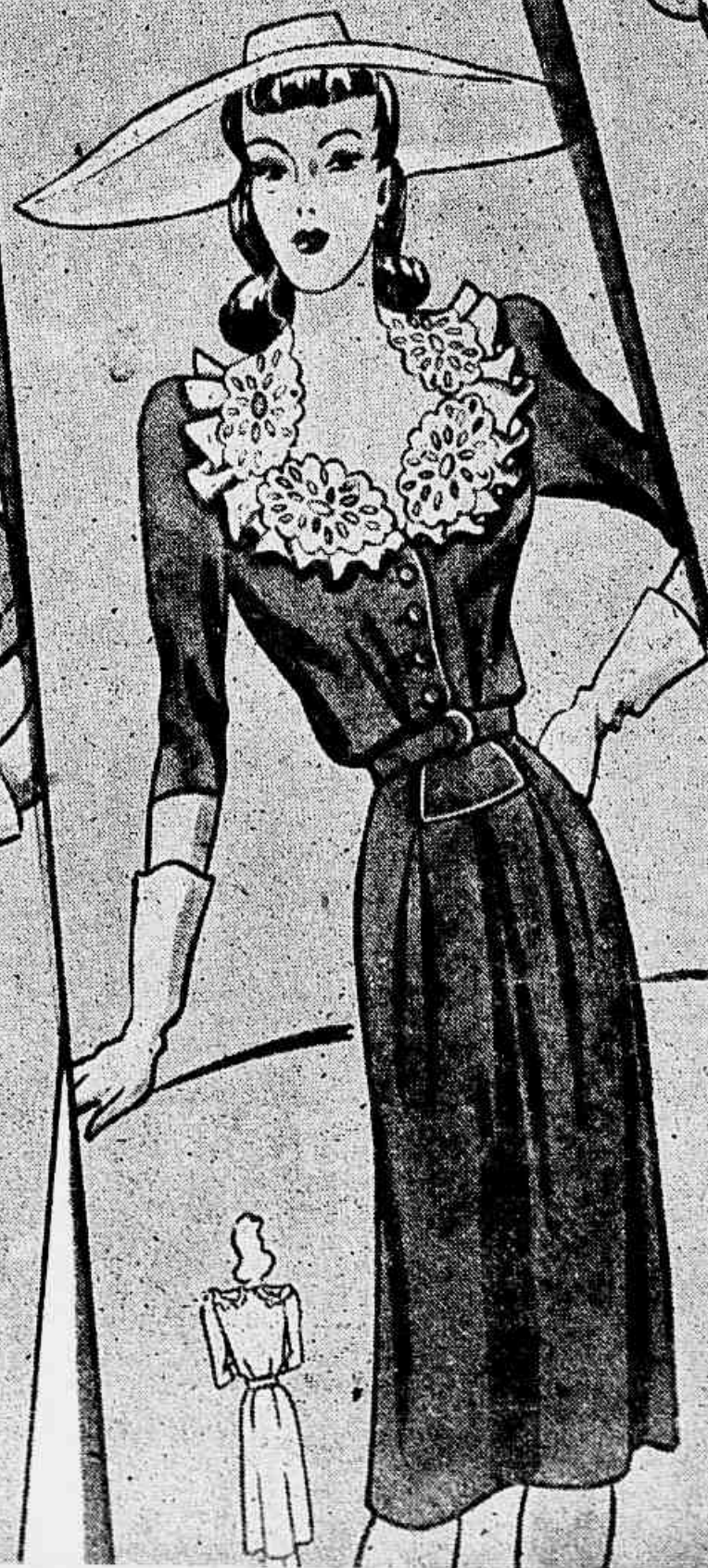
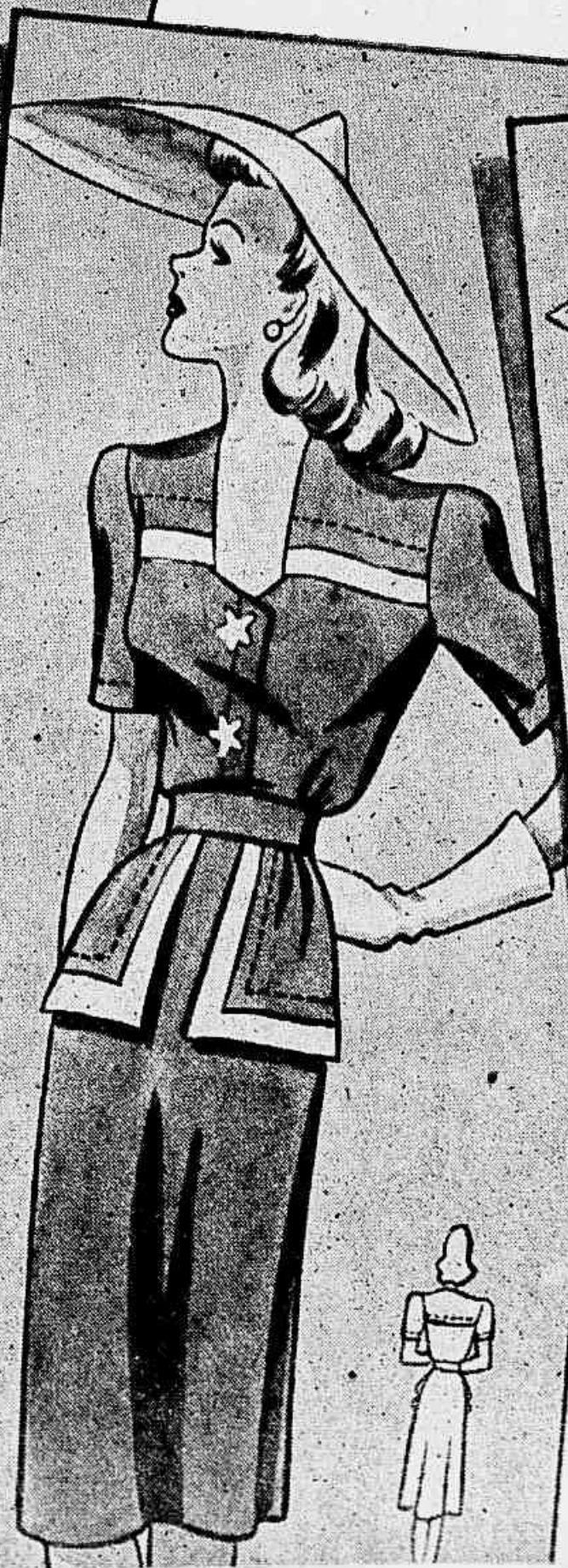
12 — Vestido de seda, com decote redondo arrematado por um babadinho de organdi. Babadinhos também nos cortes da blusa. Botões brancos.



12



8



11

Guaraná
Champagne



3 COPOS NUMA GARRAFA
GENUINAMENTE NACIONAL

Um produto da **ANTARCTICA**

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

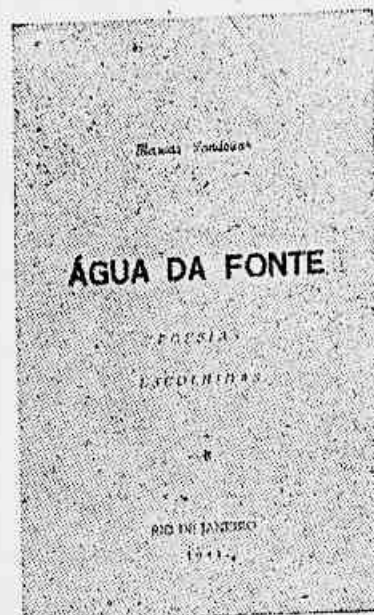
REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

A'GUA DA FONTE., versos de Marcus Sandoval — Rio de Janeiro, 1944.



Como o titulo bem define, são versos claros, correntios, nascidos dum sentimento singelo. O poeta vive ou viveu muito tempo no cenário da sua inspiração. Se deixou de respirar aqueles ares limpos e saudios, nem por isso os que trouxera na alma abandonaram até agora. Toda a primeira parte do livro se compõe de episódios e aspectos rústicos, dos panoramas e do ambiente que tantos versejadores louvam, cá da cidade, inconsolavelmente saudosos, mas sem vontade alguma de para lá voltar. Proclamam adorável a vida agreste e detestável a urbana... Nada, porém, de as destrocarem. Dão á sua nostalgia uma feição singular: de maneira nenhuma desejam ver-se livres dela. E, se a força invencível do Destino os recambiase para a roça, provavelmente morreriam — ou deixariam de postar, o que para o caso daria na mesma — de tanto sentir a falta da metrópole distante...

O autor da *A'gua da fonte* não estabelece comparações daquelas nem nos fala da treva irremediável dum coração que só se poderia abrir para receber a sementeira livre e magnífica do sertão... Dá-nos emoções presentes e em geral ditosas de quem se sente a gosto naquela ru le grand e na quietude espantosa do interior — Falamos de sementeiras, árvores carregadas, negrumes do temporal desceido da montanha, das florestas invadidas pelo luar, festas de arraial, olhos de água, ribeiros, grandes rios — e da roceirinha que nos surpreende, criança ainda e já tão mulher, sorrindo, entre faceira e envergonhada, numa volta do caminho... E eis como, abandonando por uma vez paisagens familiares e cenas de todos os dias, o poeta nos resume a lenda, índia de Marapicú:

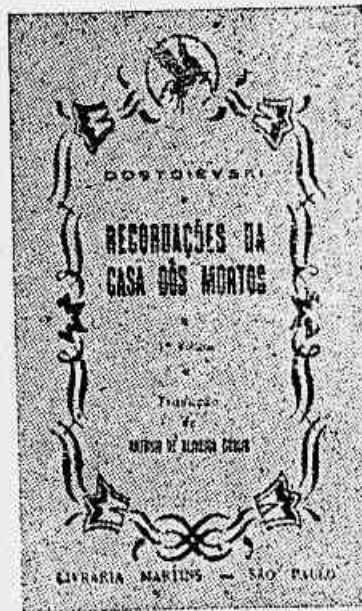
*Dentro da tarde azul, majestosa, imponente,
Dominando altaneira a verde serrania,
Sonha Marapicú, olhando ao longe o Poente
Ainda tinto do sangue escaldante do dia.*

*Doira-lhe o flanco esquerdo, a lombada virente
Fulvo listão de luz do sol em agonia...
Dentro da tarde azul, melancolicamente,
Um sino tange ao longe a hora d'ave-maria.*

*Contou-me um dia alguém, um velho lenhador,
Que ali vive do amanho e cultura da terra
Que, quando a lua ascende á fimbria do horizonte,*

*Sonoroso, a ecoar num estridente clangor,
Escuta-se o bór no alto pico da serra,
E selvagem tropel pela encosta do monte.*

RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS, romance de Dostoiévski em dois volumes, tradução de Antônio de Oliveira Garcia — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1944.



Dostoiévski passou quatro anos na Sibéria e não como escritor, para observar e se documentar *sur place*... Foi para lá, em 1849, graças á munificência da justiça do Czar. A sentença pelo crime de professar idéias humanitárias e tomar parte num movimento da mocidade em favor da liberdade de consciência e da emancipação do trabalho rústico sumariamente o votara ao fuzilamento. Houve, porém, comutação de pena, como frequentemente se cominuava para demonstrar a magnanimidade do czarismo. E talvez, em certos momentos, ele não achasse que ganhava com a troca.

A existência imposta ali aos condenados exerceu no seu espirito, como no seu organismo físico, a influência mais dolorosa. Com a segurança das suas convicções e a pureza dos seus ideais, os sofrimentos da prisão e do regulamento implacável haviam de se tornar para ele, como para bem poucos outros condenados, estúpido, infame, além de imensamente injusto. E daí virá o fundo de sentimento, a essência emotiva desta obra. É um romance, mas presenciado e, tanto quanto possível, vivido. Através dum autor alheio ou imparcial, a, exatidão dos episódios, a fidelidade dos cenários, a veracidade do ambiente não bastariam para impressionar desta maneira veementíssima. Ha alguma coisa acima do rigor da observação e para além da intensidade descritiva. Ha o "caso Dostoiévski". De si mesmo o escritor fez um personagem do romance. Ou, antes, dividiu-se por vários personagens. E são o seu martírio e a sua revolta que se estendem por estes vinte e um capítulos, enchendo-os de pensamento angustiado e de trágica beleza.

POEMAS, de José Tavares de Miranda — Livraria José Olympio, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Recordamos o primeiro livro do Sr. Tavares de Miranda, publicado haverá dois anos: *Alambôa*. Este titulo indicava uma terra maravilhosa, paraíso de luz e de ventura, para o qual o poeta, em certa página, se encaminhava. Ao lado dalguém, naturalmente! Não há cidade rem aldeia, montanha nem planície, jardim de flores singelas nem pomar de frutas de ouro, onde um poeta de esse viver sózinho. Teria o Sr. Tavares de Miranda chegado, naquela companhia ideal, ao termo da viagem? E por lá ficaria até hoje, sem vontade de partir de novo, isto é: sem desilusão ou fastio de que lhe viesse a lembrança de ir procurar alhures a Canaan do antigo sonho?

Pelo presente livro, dir-se-ia que não. Justamente numa destas primeiras composições o vemos implorando a um velho brigue a graça de lhe trazer algo na coisa que lhe faz inensa falta ou de o levar a uma terra que ele ansiosamente deseja conhecer. E hoje os seus motivos de inspiração se apresentam muito menos espirituais, podemos dizer muito menos poéticos, o que certamente não indica alma satisfeita nem aspiração realizada. O Sr. Tavares de Miranda vai agora conduzindo os seus versos do modo "modernista" por um caminho que os nossos leitores, a maioria d'elles, não teriam prazer algum em seguir. No seu itinerário surgem expressões que certos livros, modernistas também, compor-

Nova

tam sem aviso na capa, mas que de modo nenhum queríamos e, quando desvairadamente quizessemos, não poderíamos — porque o ato nos valeria a demissão se não a cadeia — introduzir no texto duma revista. Que Apolo luminoso e as musas adoráveis o guiem pela estrada da verdadeira, pura poesia! Poder de imaginação não lhe falta nem riqueza de sentimento — embora, para realçar uma ou outra coisa, lhe pareça necessário, de vez em quando, inventar vocábulos. E de tudo isso dá exemplo e página intitulada *Soliloquio em treze linhas*:

Sobre o telhado, entre pedras, Cristo surge
E abençoa: o negro dia e a noite de alívio
E as almas que sofrem. Quando? entre sangue
E lágrimas pressentida foi
A dealba das tormentas? Quando?
E maldição caiu sobre miseráveis cabeças
E o unigenito Filho suou em sua morritura agonia sobre a cruz?
Não o foi só ha dois mil anos bem vemos a cada passo

Outras crucificações e outras mortes colhendo
Ino entes e justos, colhendo a própria face e espirito do Deus vivo.
Não importa que o digam diferente — falsos sacerdotes
Não importa. A verdade é certa e forte.
E apesar do brilho efêmero emergirá a gema eterna.

POESIAS COMPLETAS (edição aumentada) de Manuel Bandeira, da Academia Brasileira de Letras — Amerie - Edit. — Rio de Janeiro, 1944.



E' a segunda vez que o Sr. Manuel Bandeira publica as suas poesias completas. Não será a última, assim o esperamos. Todos os amantes da bela poesia, e pedimos permissão para nos incluirmos nesse número, fazemos os votos mais veementes por que o poeta continue a dispor-nos, por muitos anos e bons, em versos clássicos ou revolucionários, do seu fino pensamento e das suas emoções peregrinas. Tanto vale rogar simplesmente a Deus que lhe conserve o corpo, em correspondência com a alma, escoreito. Foi para as inteligências e as sensibilidades semelhantes às suas que Junqueiro criou o preceito de parentesco sublime: "O gênio é irmão da saúde". Com a graça do Senhor, estas edições, se irão sucedendo, sempre, como a presente, aumentadas. Se n'isso, também, não aceitaríamos o título. Nem de certo o Sr. Manuel Bandeira assentiria nele.

Pouco antes desta guerra, entrou certo editor parisiense em negociações para publicar o Teatro Completo de Tristan Bernard. Mas o grande comediógrafo o rejeitou redondamente a oferta. Completo, como, se ele continuava a trabalhar, a ter companhias que o representassem e público

que o aplaudisse? Como depois se havia de saber por uma reportagem literária, a Casa editora insistiu, argumentou mas o autor do *Petit café* resistiu, fez fiasco. E o que realmente se anunciou — ignoramos se chegou a imprimir-se, por causa da guerra — foi o *Teatro Incompleto*, de Tristan Bernard. O Sr. Manuel Bandeira pensou doutro modo ou acabou anuindo. Com esta condição, porém: acrescentar ao volume peças inéditas ou, pelo menos, virgens do comércio de livraria. E assim as suas Poesias se irão tornando... cada vez mais Completas.

O Sr. Manuel Bandeira ocupa um lugar e exerce um prestígio á parte nas letras da língua portuguesa. Verseja tão pura e requintadamente como um Heredia ou um Alberto de Oliveira; e, outras vezes, atira ao papel e ao livro as coisas, tecnicamente, mais desabotinadas. Faz o que quer e ninguém lhe pede contas. Como a adorável Irene, a quem consagrou uma página... em prosa, não precisa Manuel Bandeira de pedir licença. De qualquer maneira que vier, será recebido de portas e espíritos abertos. E os devotos mais ferrenhos da doutrina, quer do velho Horácio, quer do recente Théodore de Banville — oxalá que não seja Théophile, como, não ha muito, aqui saiu Theodore Gautier — formarão alas, saudando aquele a quem muitos pecados de métrica serão perdoados porque muito amou e honrou a poesia. Releiamos, para lhes readm irar, com a altura da inspiração, a formosura plástica e a música erlevadora, todas as sonetos da *Cinza das horas*; ouçamos as evocações magníficas de Camões, de Antônio Nobre e, pela ordem de índices, de Ronsard, Cristina Rossetti, Elisabeth Barrett Browning, Tomás Gonsaga, Verlaine, aproximemos, só porque se trata do mesmo assunto, de duas joias inolvidáveis, uma de Bilac, outra de Raimundo, estes quatorze versos de *Ouro Preto*, que lhes não ficam a dever em condão sugestivo. E, por entre tantas composições, de feitio e expressão tão variadas, adoremos as quadras que tem por título *Ubiquidade*, que talvez enganassem João de Deus, dando-lhe a ilusão de serem suas:

Estás em tudo que penso,
Estás em quanto imagino,
Estás no horizonte imenso,
Estás no grão pequenino.

Estás no rio que corre,
Estás em tudo que nasce,
Estás em tudo que morre.

Em tudo estás, nem repousas,
E's ser tão mesmo e diverso?!
(Éras no início das cousas,
Serás no fim do universo).

Estás na alma e nos sentidos,
Estás no espirito, estás
Na letra, e, os tempos cumpridos,
No céu, no céu estarás.

J. L.

RELATORIO. — Carlos Luz, Presidente do Rotary. Rio 1944. Temos sobre a mesa um exemplar do Relatório apresentado ao Rotary Club do Rio de Janeiro referente a administração iniciada em 2 de Julho de 1943 e concluída em 7 de Junho de 1944.

E' um documento, interessante por todos os motivos; em geral o Sr. Carlos Luz expõe e comprova a prolicua atuação da Diretoria de que fez parte como figura principal. Por isso, o Relatório em causa repercutirá em todos os meios rotários do Brasil.

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o n.º de Setembro de 1944, correspondente ao Tomo XXVII, volume III.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



"A CONFERENCIA DE RYE E O MOMENTO ECONOMICO BRASILEIRO" — Recebemos o opusculo sob o título acima, contendo o discurso pronunciado pelo Dr. João Daudt de Oliveira ao reassumir a presidencia da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1945, e que versou sobre esse momentoso assunto.

Apenas um lembrete
de que a adorável fragrância
de Lavender, de Yardley,
voltará com a paz.

Yardley
de Londres



VISTA AÉREA DE UM TRECHO CENTRAL DA CIDADE DE NATAL, TOMADA RECENTEMENTE

O interventor general Fernandes Dantas conduz o Rio Grande do Norte a grandes realizações

O ESPÍRITO ESCLARECIDO E EMPREENDEDOR DE UM GOVERNANTE — UMA ÓTIMA POLÍTICA FINANCEIRA POSSIBILITA O EQUILÍBRIO ECONÔMICO DAQUELE ESTADO NORDESTINO — SOLUÇÃO AOS PROBLEMAS EDUCACIONAIS — O QUE SERÁ O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE NATAL — DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E AMPARO À AGRICULTURA POR INTERMÉDIO DO COOPERATIVISMO — O RIO GRANDE DO NORTE NO ESFORÇO DE GUERRA NACIONAL

Todos os norte-riograndenses receberam com entusiasmo e com as melhores esperanças a escolha do Presidente Getúlio Vargas, há pouco mais de um ano, nomeando

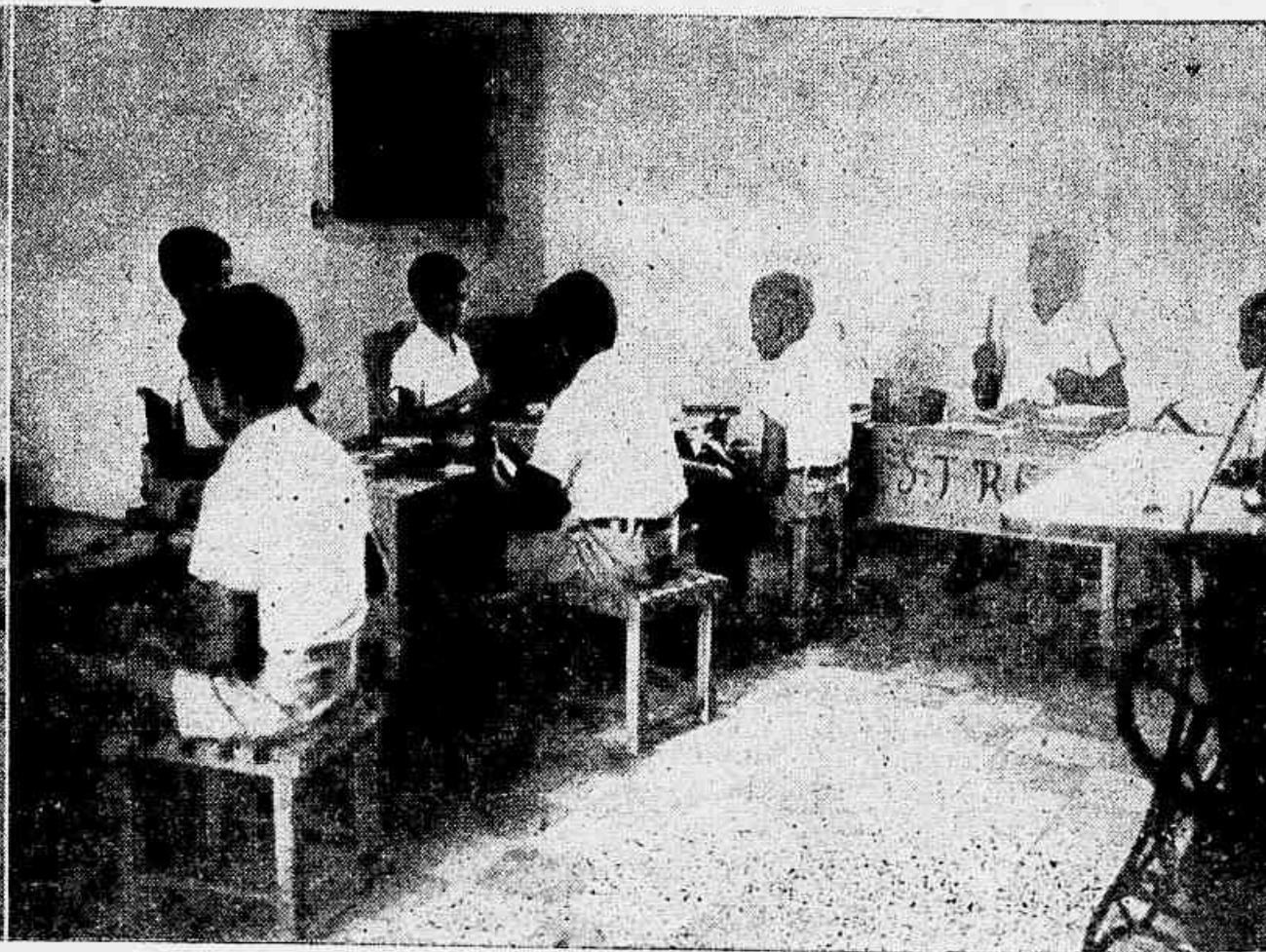
o general Antonio Fernandes Dantas para exercer as altas funções de Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Norte. E o ilustre militar, filho daquela terra cal-

cinada pelo sol, não desmereceu as esperanças dos seus conterrâneos. Ao contrário, confirmou-as, iniciando ali um governo que se anima dos mais altos propósitos, con-

duzindo-se no sentido das mais promissoras realizações.

Antes de tudo, temos de salientar o espírito esclarecido e empreendedor do general Antonio Fer-

ÁULAS DE SAPATARIA E TRABALHOS MANUAIS, PARA MENINOS E MENINAS, NA CASA DE MENORES DE ANGICOS, MANTIDA PELO SERVIÇO DE REEDUCAÇÃO DO ESTADO.



mandes Dantas, que ao assumir a direção dos destinos de nossa terra logo percebeu que somente obras de vulto e iniciativas de largo alcance poderiam solucionar os problemas existentes. Naturalmente as obras a serem realizadas somente o seriam se o aumento das rendas públicas assim o permitissem. E' aí que se inicia a história da política financeira introduzida no Rio Grande do Norte pelo general Antonio Fernandes Dantas.

Com a inestimável cooperação do diretor geral do Departamento da Fazenda, sr. Gilberto dos Santos Moreira, o chefe do executivo potiguar cuidou imediatamente de aumentar a arrecadação fiscal.

Numerosos postos especiais foram organizados no interior, ficando localizados nas diversas zonas do Estado. O Departamento da Fazenda passou por uma modificação em sua estrutura orgânica, sendo introduzidos métodos modernos de trabalho. Igualmente a repartição arrecadadora (Recebedoria de Rendas Estaduais) sofreu modificações gerais, inclusive reforma do seu edifício.

Os resultados dessa orientação, logo se fizeram sentir no aumento progressivo das arrecadações mensais. E finalmente, o Rio Grande do Norte, apresenta no seu orçamento para o corrente ano uma previsão de receita de Cr\$ 32.907.174,00, acusando-se um aumento de quatro milhões de cruzeiros relativamente ao exercício anterior.

Este fato somente seria bastante para assinalar os rumos da administração general Antonio Fernandes Dantas no Rio Grande do Norte, Estado que hoje marcha decisivamente para uma época de intenso progresso, integrando-se ao ritmo construtor que anima o país sob o regime atual.

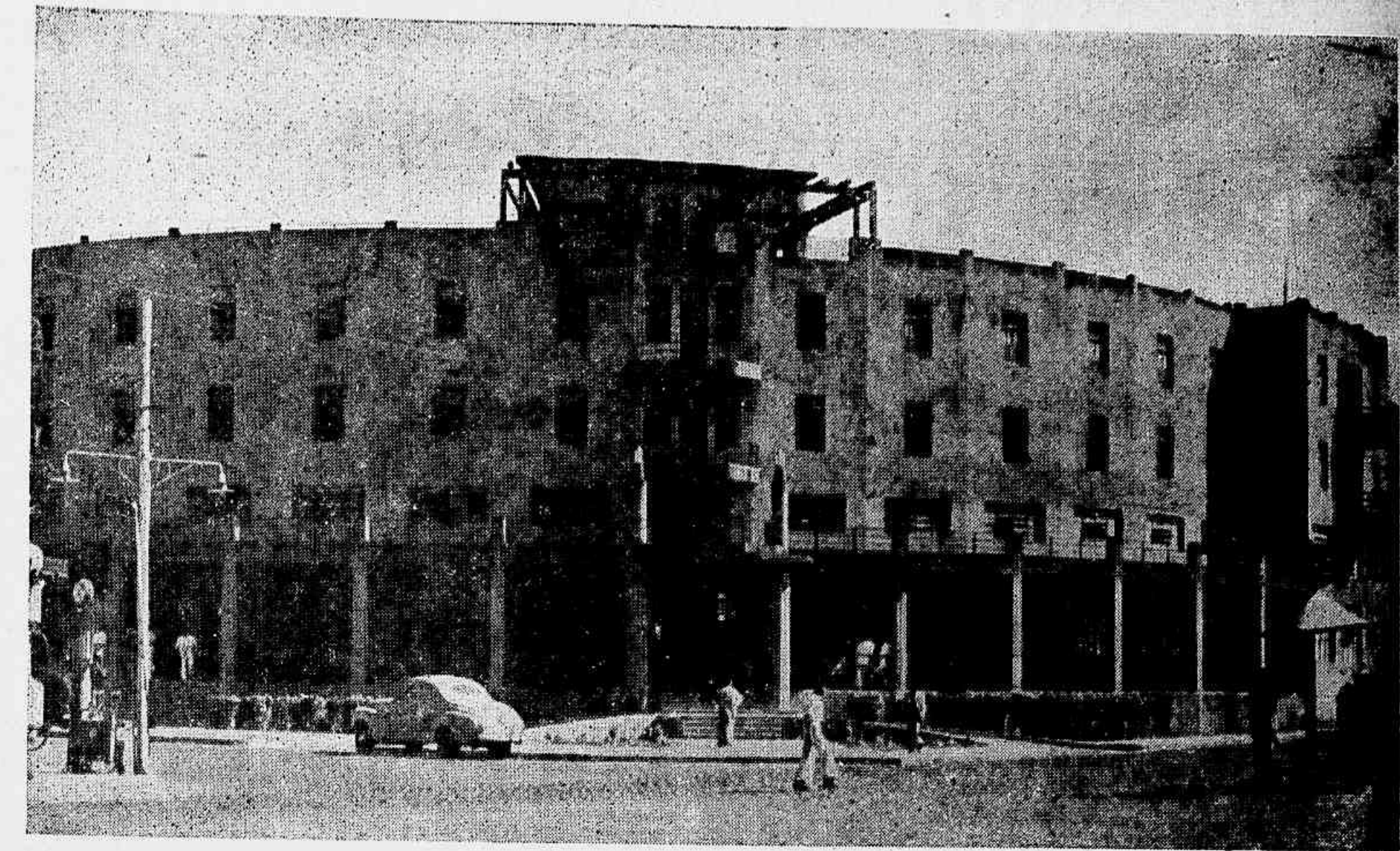
O general Fernandes Dantas não limitou, porém, o seu governo a aumentar as rendas públicas, o que, aliás, foi conseguido sem acréscimo das taxas dos contribuintes, mas sim pela maior eficiência da máquina arrecadadora. S. Excia. procurando aumentar a amplitude das verbas orçamentárias tem em vista o alcance de possibilidades para a solução dos problemas existentes.

Assim é que já se lhe tornou possível encarar de maneira decisiva os

PROBLEMAS EDUCACIONAIS

iniciando, por intermédio do órgão competente, a concretização de um vasto plano de amparo à instrução pública.

Ainda recentemente foi assinado decreto criando 192 escolas primárias no interior do Estado, em pontos diversos do hinterland norte-riograndense. Essas escolas estão sendo localizadas em vilas, povoados e fazendas, indo assim alcançar com os seus benefícios uma população em idade escolar realmente necessitada do amparo do governo. Há ainda dificuldades de localização das professoras nos pontos estabelecidos e nesse senti-



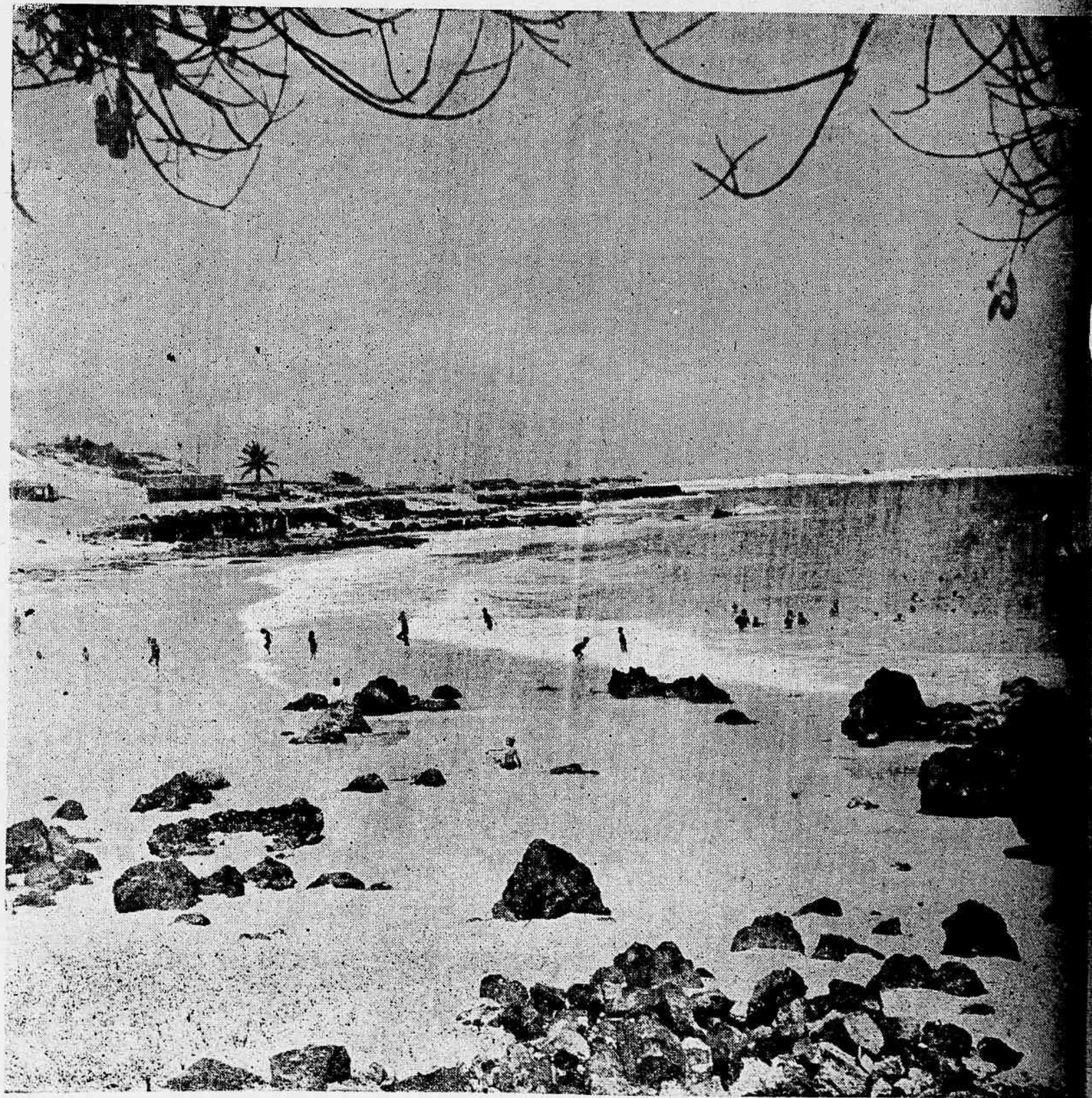
GRANDE HOTEL DE NATAL, CONSTRUÍDO PELO ESTADO.

do o diretor geral do Departamento de Educação, professor Severino Bezerra, iniciou uma campanha de boa vontade, apelando para os proprietários no interior do Estado, afim de que ajudem os poderes públicos. E muitas têm sido as

respostas entusiásticas àquele apelo do professor Severino Bezerra. Vários proprietários têm mesmo oferecido os prédios para funcionamento das escolas criadas.

O Departamento de Educação tem igualmente introduzido sensi-

veis modificações na estrutura orgânica do ensino estadual. Foram realizados Cursos de Férias e Cursos de Aperfeiçoamento para as professoras do interior, tendo sido tornado obrigatório o ensino de Educação Física e Orfeão em to-



ASPECTO PARCIAL DA PRATA DE ARRIA PRETA, ONDE O GOVERNO PROJETA CONSTRUIR UM BALNEÁRIO.



GENERAL ANTONIO FERNANDES DANTAS,
INTERVENTOR FEDERAL NO RIO GRANDE
DO NORTE.

dos os Grupos Escolares. O Departamento já criou Jardins de Infância nos Grupos Escolares da capital.

Todavia, êsses são apenas aspectos ligeiros do programa de realizações educacionais do governo do general Antonio Fernandes Dantas. Porque o ponto de grande amplitude e de importância vital nesse programa é a construção de um grande edifício capaz de reunir o Colégio Estadual e a Escola Normal de Natal.

O QUE SERÁ O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Dia a dia vinha se tornando mais angustioso o problema de funcionamento do Colégio Estadual, antigo Ateneu Norte Rio-

trabalhos de levantamentos do edifício. Nele funcionará o Instituto de Educação, estabelecimento que irá honrar o ensino não apenas do Rio Grande do Norte como também do Nordeste.

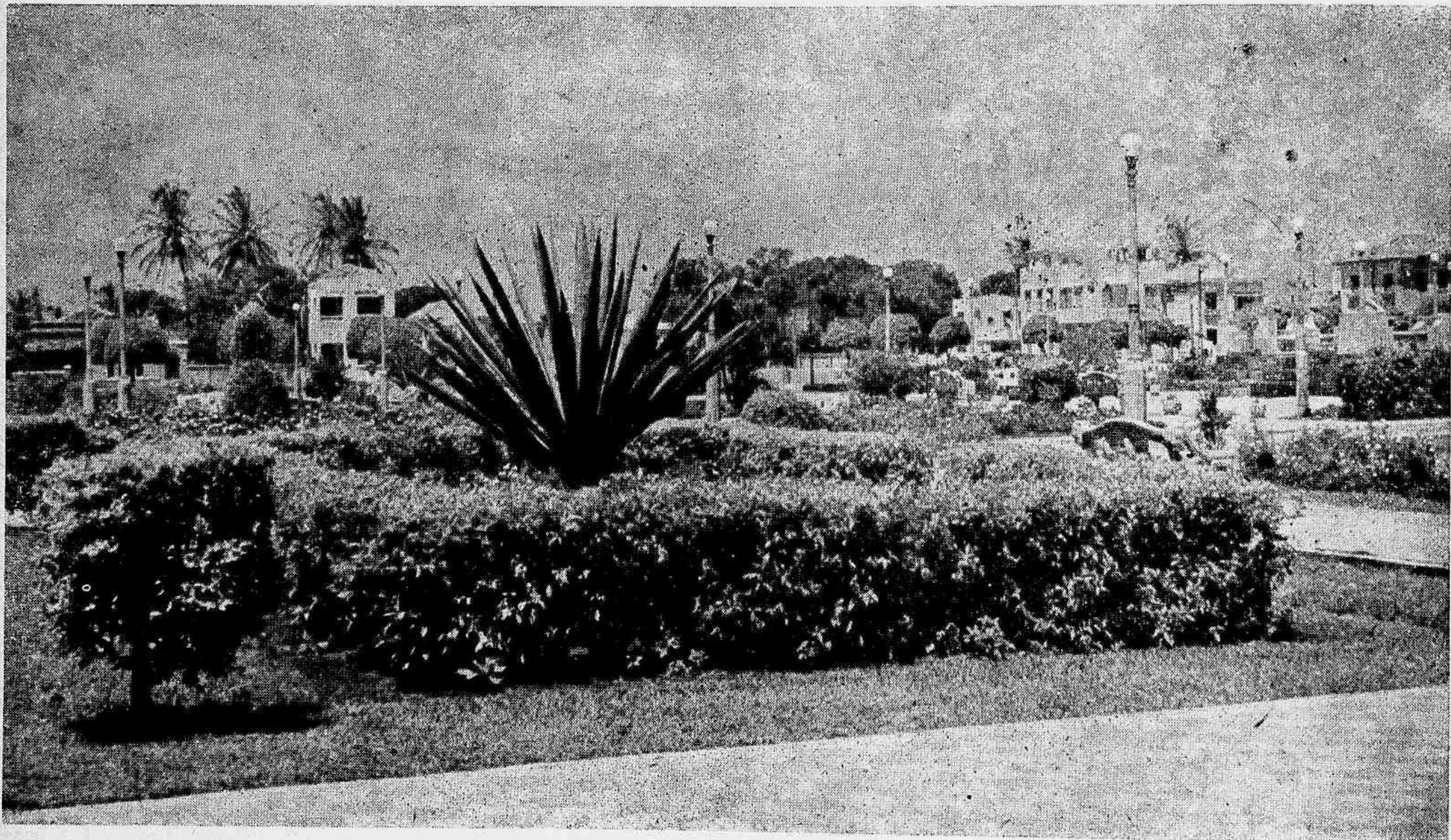
De acôrdo com o programa organizado pelo Departamento de Educação, o Instituto consistirá de três edifícios, além das instalações destinadas à cultura física e será construído em grande terreno (superfície total de 21.300m²), constituindo uma quadra isolada, isto é fazendo frente para quatro ruas no aprazível bairro de Petrópolis.

O edifício principal do conjunto é o destinado ao Colégio Estadual e Escolas de Professores. O edifício terá dois pavimentos, sendo construído em alvenaria de tijolo, com estrutura de concreto armado.

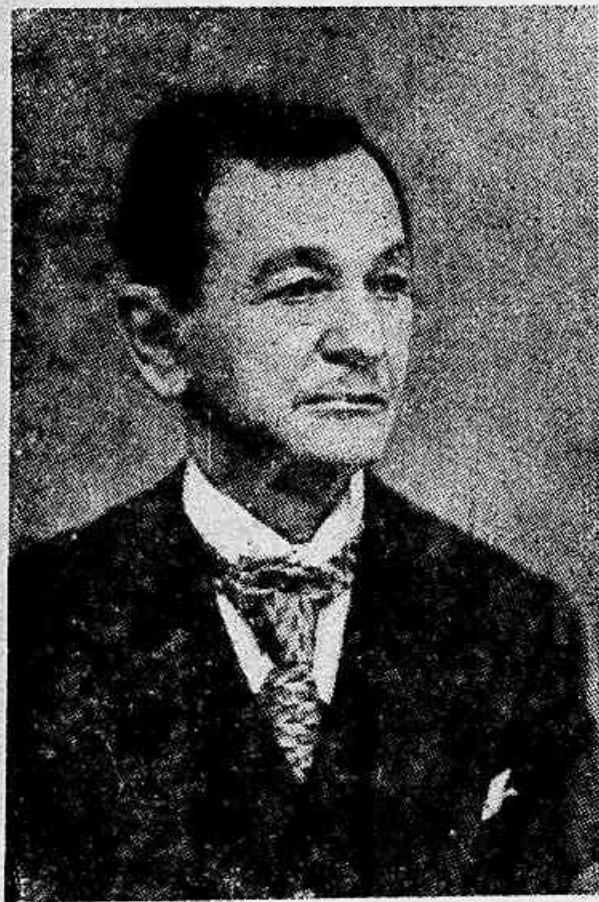
Vemos assim que o Instituto de Educação de Natal será uma obra de vastas proporções e que para sempre assinalará a passagem do general Antonio Fernandes Dantas no governo do Rio Grande do Norte, como uma era de progresso e energia realizadora.

INDÚSTRIA E COOPERATIVISMO

Outra preocupação do general Fernandes Dantas tem sido incrementar a industrialização do Estado. Por todos os meios s. excia. procura estimular os responsáveis pela produção, afim de que no espaço de tempo mais breve possível possa o Rio Grande do Norte contar com um parque industrial que o tempo ampliará com o de-



PRAÇA PEDRO VELHO, MODERNO LOGRADOURO PÚBLICO DE NATAL. VISTA PARCIAL.



DESEMBARGADOR JOÃO DIONÍSIO FILGUEIRAS,
SECRETÁRIO GERAL DO ESTADO

grandense, principalmente depois da criação dos cursos clássico e científico.

Por sua vez a Escola Normal há longos anos funciona em prédio inadequado, com natural prejuízo no aproveitamento do curso.

Urgia, assim, uma providência de largo alcance, capaz de modificar a situação existente. Coube ao general Antonio Fernandes Dantas tomar a iniciativa dessa providência, que veio tornar ainda mais sólida a confiança dos norte-riograndenses no seu governo. Depois de aprovado o projeto da construção pelos órgãos federais, o que já se verificou, o governo do Estado empenha-se em iniciar os

O segundo e terceiro edifícios serão destinados respectivamente à Escola de Aplicação e ao Jardim de Infância.

Destacam-se na construção as instalações para cultura física, que compreendem, além de áreas livres, jardins, etc., campos de vôlei, basquetebol e piscina, e um ginásio circundado por uma pista de corridas.

O auditório terá capacidade para 1.200 pessoas, dispendo, além da platéia, de palco, camarotes, camarins e gabinetes sanitários próprios.

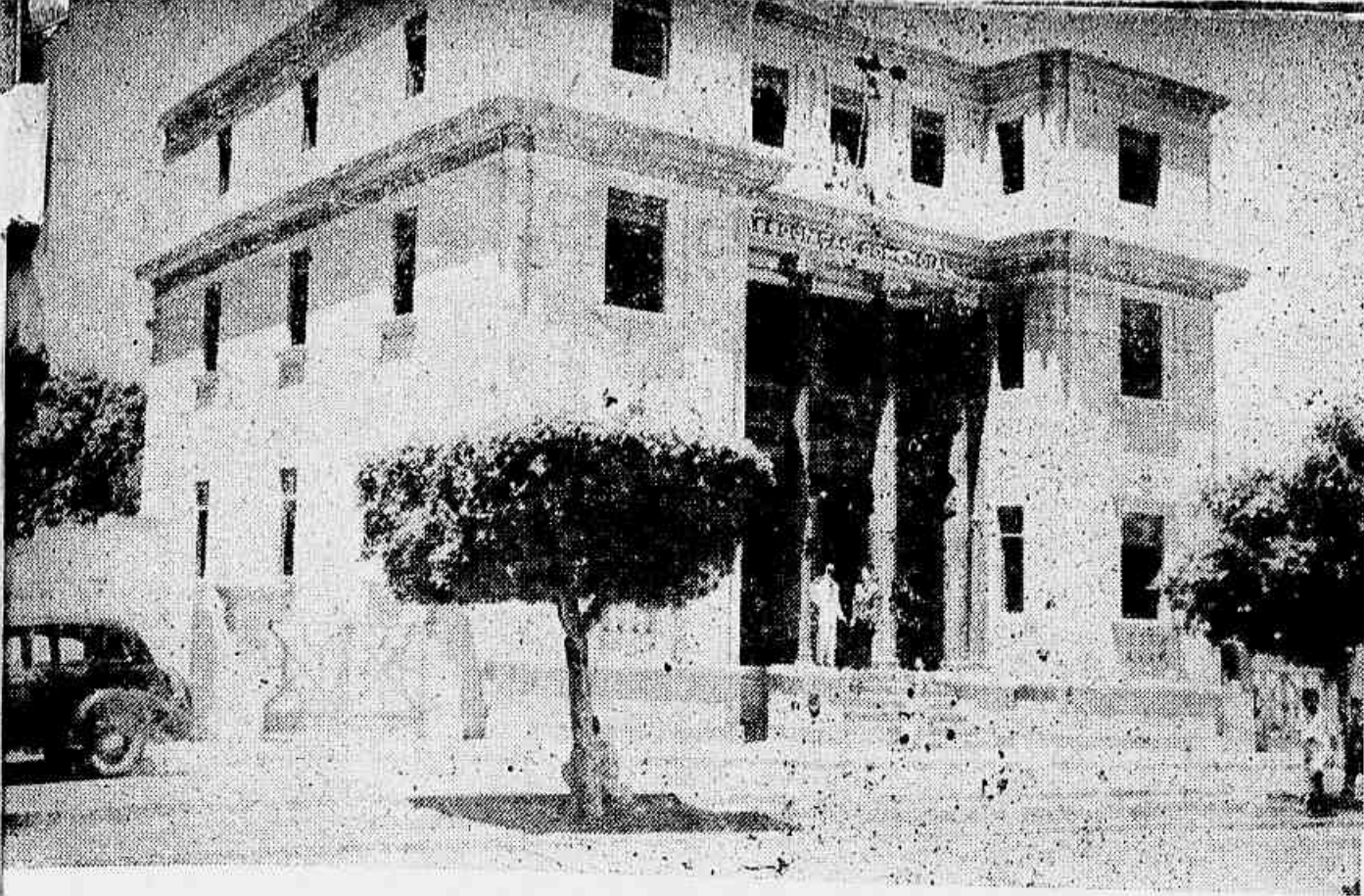
Haverá também um Refeitório do Estudante, servido por copa e cozinha.

envolvimento natural das riquezas.

Uma indústria exploradora no nordeste por meios antiquados e ineficientes é a da pesca. O general Fernandes Dantas, porém, procura atualmente transformá-la, ao longo da costa riograndense, numa indústria moderna, tecnicamente dirigida e organizada.

Nesse sentido está sendo providenciada a aquisição de dois barcos de pesca, e instalação de um frigorífico que permitirão o início dos trabalhos despertando o entusiasmo dos pescadores pelos novos métodos.

Da mesma forma o general Fernandes Dantas procura estimular



PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE NATAL.

a produção nos campos, favorecendo a ação das Cooperativas Agro-Pecuárias no seio das populações rurais. Quase todos os municípios norte-ricgrandenses possuem hoje suas organizações cooperativistas, que ajudam os camponeses, financiando, na medida do possível, os seus trabalhos.

que dirige, o que representará uma grande vitória para a sua fecunda administração.

ESFÓRÇO DE GUERRA

O Rio Grande do Norte foi, sem dúvida, o Estado que mais fortemente se incorporou ao esforço de



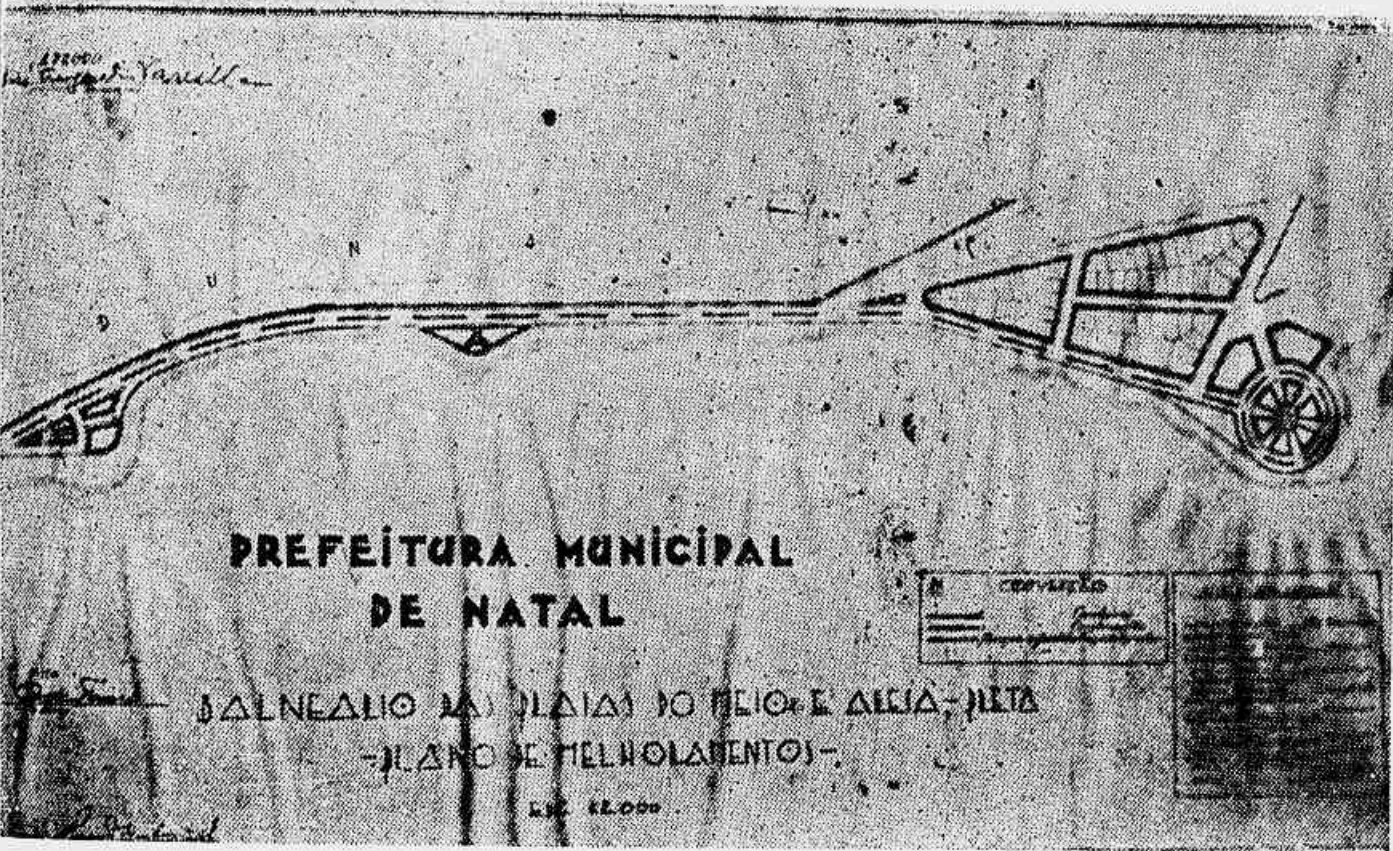
INSTITUTO PADRE JOÃO MARIA, EDIFÍCIO CENTRAL DA FUTURA C.D.A. DE DAS MENINAS EM NATAL.

Natal foi rapidamente transformada em centro do mundo, encruzilhada de todos os caminhos. Paranamirim, a grande base aliada ali construída, foi a mola gigantesca que impulsionou o avanço aliado na África, impondo a derrota nazista nas batalhas do deserto.

E ninguém pode esquecer o alto

empolgante na extração de minérios. O Rio Grande do Norte está fornecendo em grandes quantidades schellita, tantalita e colombita às fábricas de armamento das Nações Unidas.

E o povo não ficou indiferente a tudo isso, pois apoia de maneira



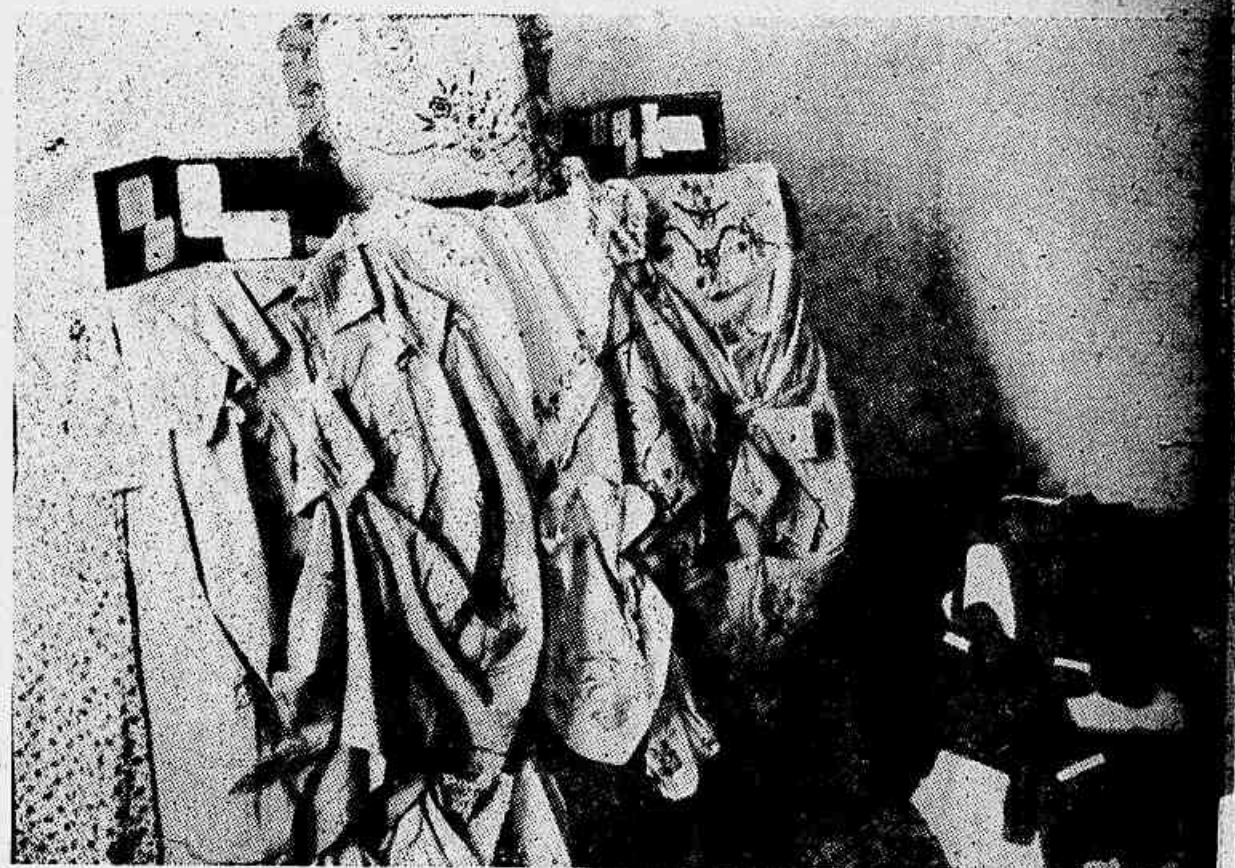
PLANO DE REMODELAÇÃO DAS PRAIAS DO RIO E AREIA PRETA, ONDE SE VÃO INSTALAR UM MODERNO BALNEÁRIO, PRAÇAS DE ESPORTE, PARQUE INFANTIL, ARBORIZAÇÃO, ILUMINAÇÃO, SEGUINDO-SE FIXAÇÃO DAS DUNAS PRÓXIMAS. O VALOR DAS DESAPROPRIAÇÕES SOBRE A QUASE UM MILHÃO DE CRUZEIROS.

Esse auxílio às cooperativas é feito, principalmente, por meio de empréstimos às mesmas sem juros.

Seguindo essas diretrizes, não será difícil ao general Antonio Fernandes Dantas promover o rápido aumento da produção no Estado

Guerra nacional para o fiel cumprimento dos compromissos assumidos pelo Brasil perante as Nações Unidas.

Desde os primeiros momentos da nossa luta tornou-se evidentemente clara essa posição do Estado Nordeste.



EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NA ESCOLA DOMÉSTICA "DARCY VARGAS", EM CAICÓ, PARA MOÇAS, CRIADA E MANTIDA PELA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA.

sentido de compreensão e disciplina da população natalense naqueles dias históricos.

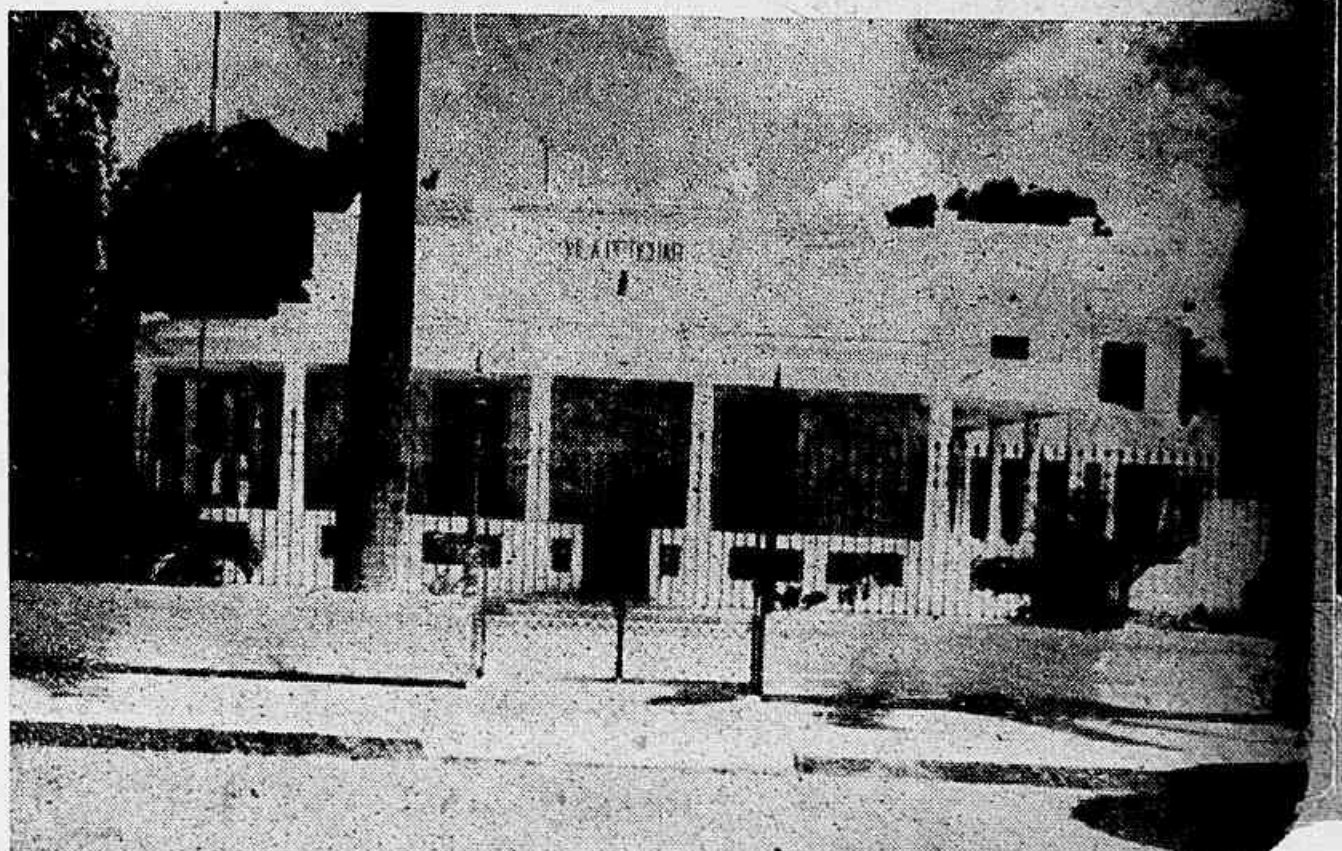
Mas não ficou aí a realização daquele esforço de guerra. Ele prolongou-se na intensiva extração da borracha de maníoba e mangabeira e afirmou-se de maneira

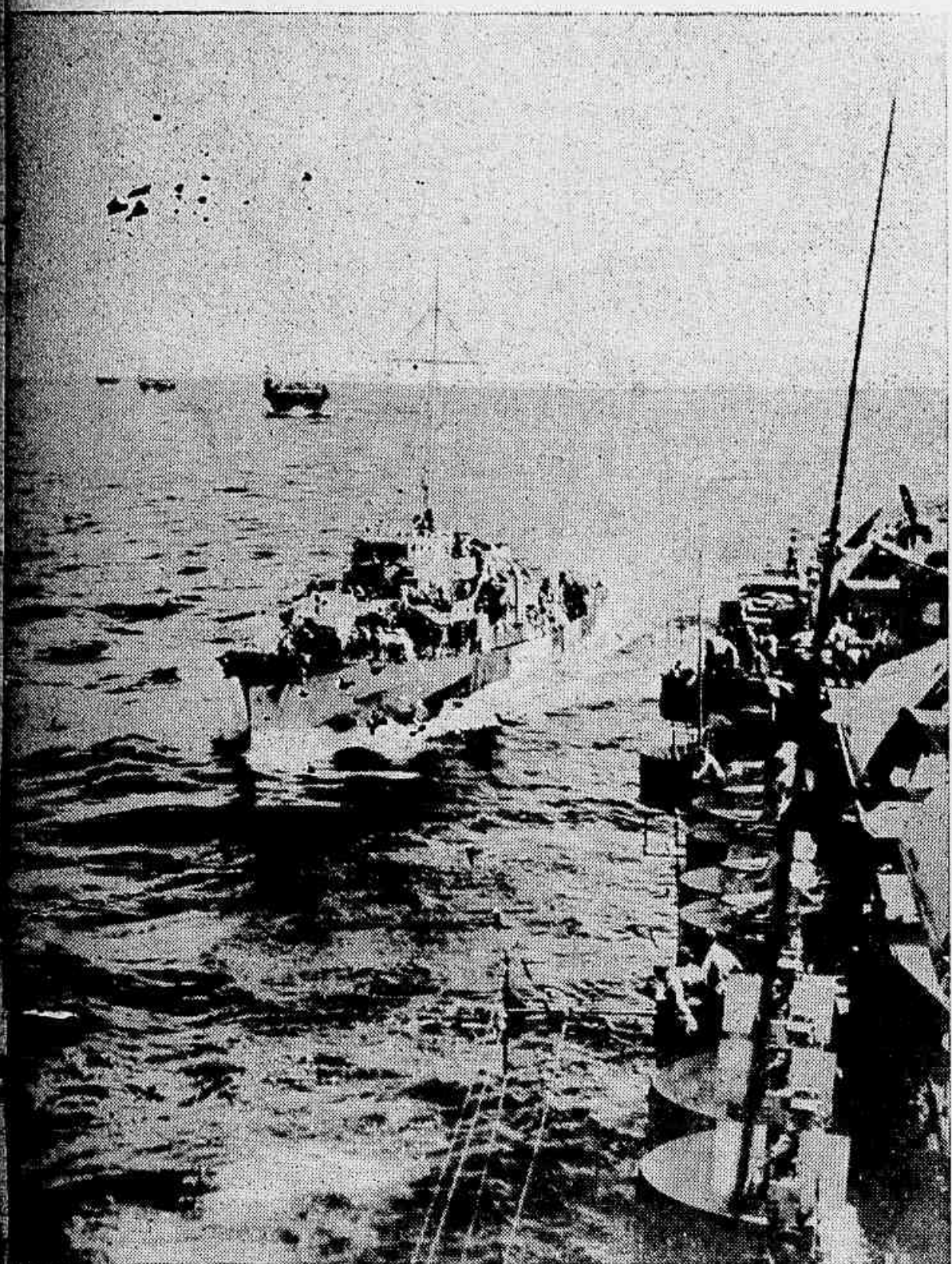
decisiva o governo em sua política de guerra, movimentando-se com entusiasmo em todas as iniciativas da Legião Brasileira de Assistência, da seção local da Liga de Defesa Nacional e de outras instituições.

MERCADO S. JOSÉ, NO BAIRRO DO TYROL, RECENTEMENTE INAUGURADO.

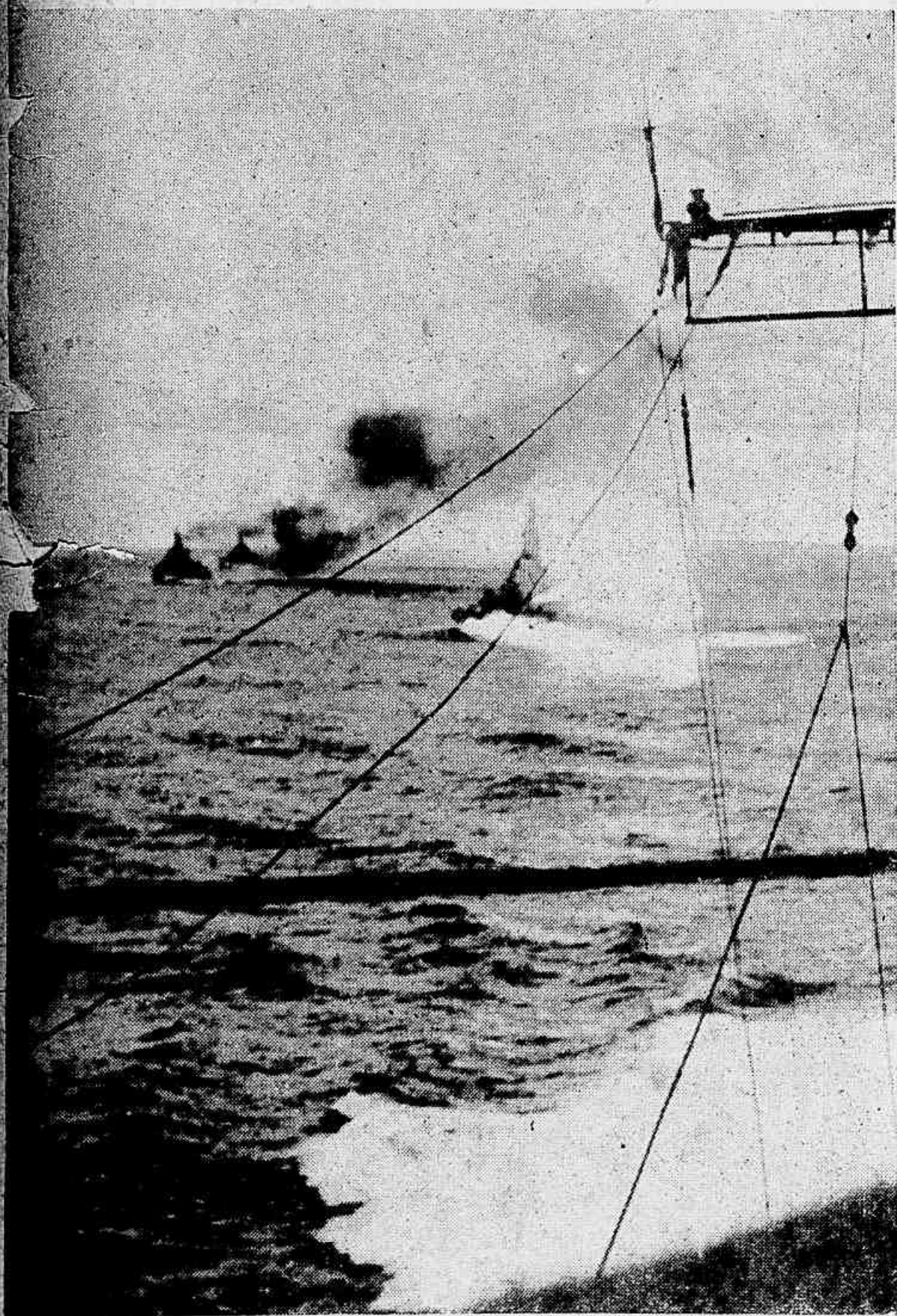


VILA POTIGUAR, RESIDÊNCIA OFICIAL DO GOVERNADOR DO ESTADO.

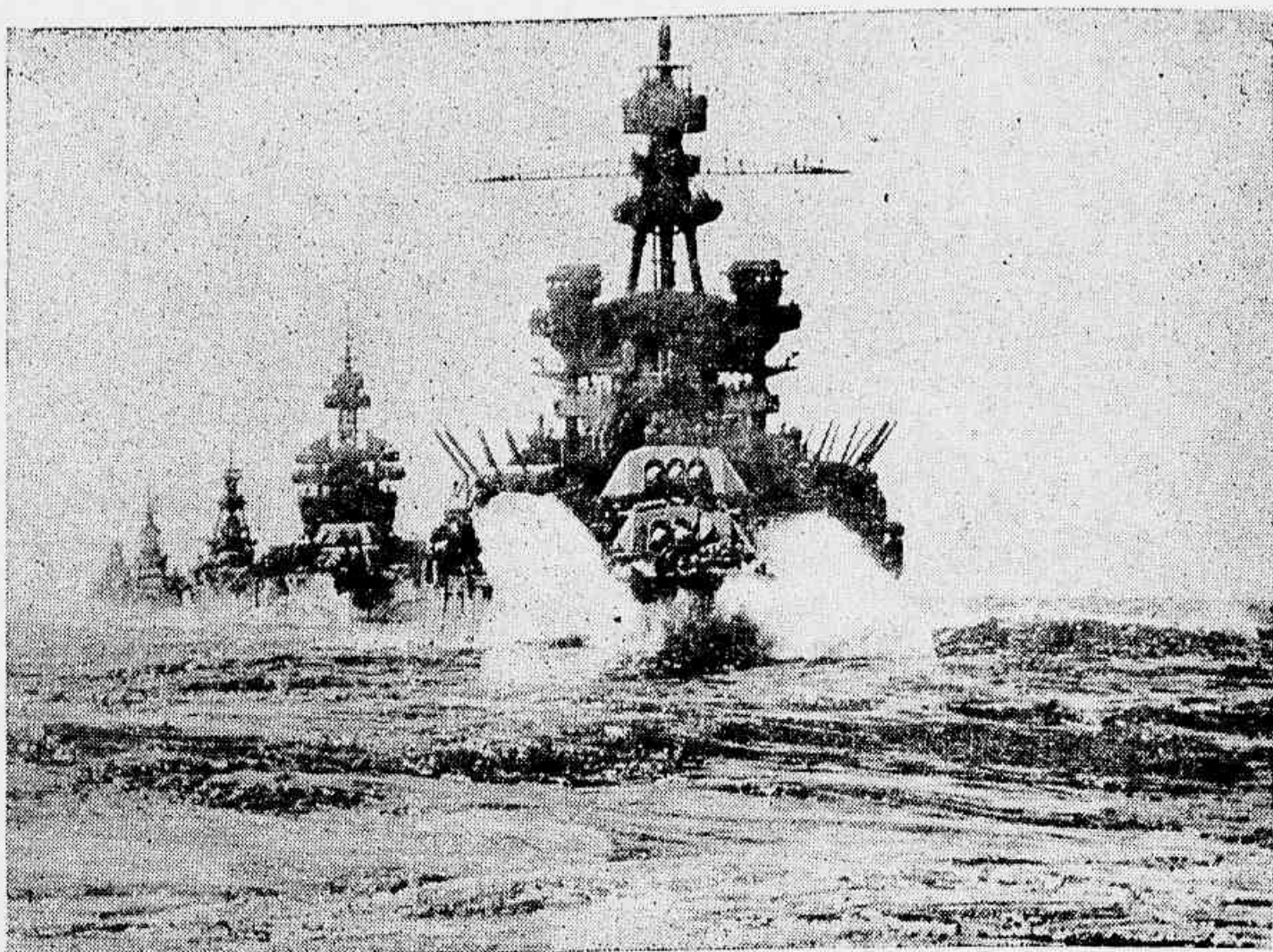




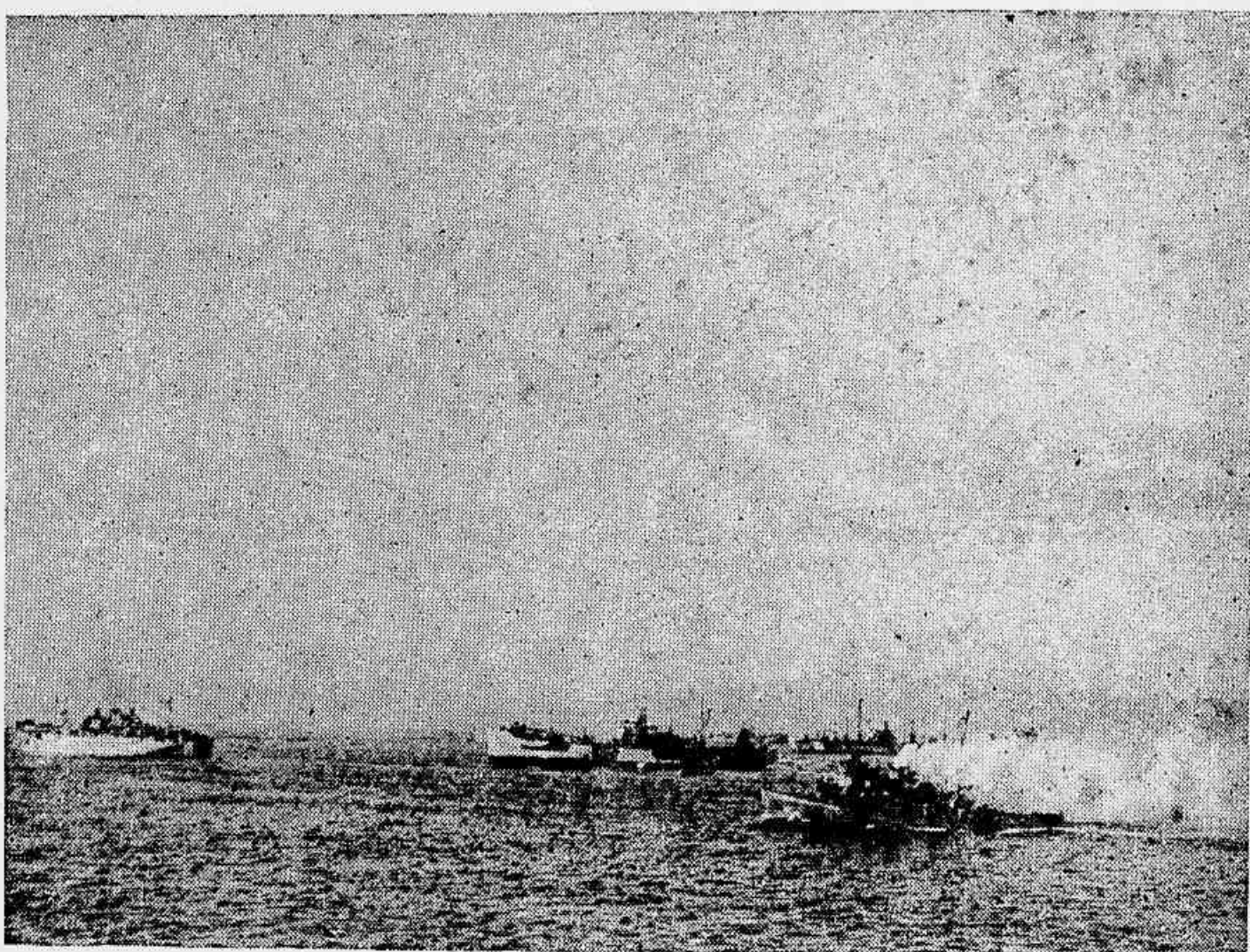
VISÃO DO PACÍFICO. — Porta-aviões leves da Marinha dos Estados Unidos patrulham as águas do Grande Oceano. Embora estes vasos de guerra sejam os menores de seu tipo, o destroyer que aqui vemos parece uma pequena lancha.



BOMBAS CONTRA O JAPÃO. — Fotografia tomada de bordo do "North Caroline", quando a esquadra do Pacífico bombardeava posições da defesa costeira japonesa.



O PODERIO NAVAL DE TIO SAM. — Vasos de guerra norte-americanos em formação de combate no golfo de Lingeyen, na ilha de Luzon, Filipinas, onde tem estado em grande atividade a armada yankee.



EM FRENTE DE LUZON. — A esquadra de invasão que operou em Luzon, nas Filipinas, protege-se dos aviões inimigos com um poderoso fogo de barragem.



RUMO A ANGAUS. — As instalações portuárias e defesas costeiras da ilha de Angaus, arquipélago Palau, estão em chamas. Visão das operações que precederam à invasão daquela posição insular nipônica.



NAS PRAIAS DE LUZON. — Eis aqui a chegada dos suprimentos para o grande exército de invasão americano que desembarcou em Luzón no arquipélago filipino.

Reunidos no México, os delegados de dezenove nações americanas estão estudando os magnos problemas ligados aos destinos continentais e aos problemas do Novo Mundo no após-guerra.

Enquanto isto, em todos os campos de batalha do mundo, continua a desenvolver-se ferozmente a luta, já se adivinhando porém, nitidamente delineada, a derrota nazista que se aproxima.

Na frente oriental a campanha pela captura de Berlim se desenvolve com a mesma intensidade, caracterizando-se pela violência das arremetidas russas e pela tenacidade da defesa alemã, que mobiliza todos os valores das reservas do Reich em homens e material, num esforço derradeiro para salvar a capital da invasão inimiga.

As forças de Koniev, a quem se reserva agora o papel mais importante da luta naquele setor, estão se preparando, ao que se supõe, para uma ofensiva em grande escala, visando diretamente a captura imediata de Berlim.

Este avanço de flanco já está mesmo sendo preparado por um violento fogo de barragem da artilharia de grosso calibre, que precede sempre os grandes movimentos da infantaria.

Assim, a situação, que se tornou relativamente esta-

cionária nestes últimos dias, está prestes a modificar-se com o desenvolvimento de outro movimento rápido que, segundo todos os cálculos, envolverá a capital alemã.

Iniciando esse movimento, já investem pelos flancos as tropas de Koniev, que ameaçam atravessar a qualquer momento o Neisse, numa frente de 96 quilômetros de extensão.

A frente ocidental, onde a situação dos exércitos não

A GUERRA EM MARCHA

sofrera ultimamente modificações sensíveis, está agora sofrendo alterações radicais.

O general Patton, numa violenta ofensiva, lançou sobre as regiões do Sarre um poderoso exército motorizado, ameaçando agora toda a bacia fronteiriça.

Os tanks do 3.º exército penetraram profundamente no Sarre, seguidos por grandes forças de infantaria, que se fixaram definitivamente no terreno conquistado.

E' de se supor que este ataque não passe da preparação de um movimento de maior envergadura, que os aliados estariam preparando em concatenação com a ofensiva soviética.

Em sua arrancada inicial, foram alcançados vários objetivos, tendo os exércitos de Patton, com relativa facilidade, capturado as cidades de Dasburg e Roscheid, no coração do Sarre.

Agora, as forças americanas do 3.º exército prosseguem nas operações de limpeza do terreno, já tendo destruído por completo várias fortificações sólidas alemãs, entre as quais 55 casamatas da Siegfried, de grande poder defensivo.

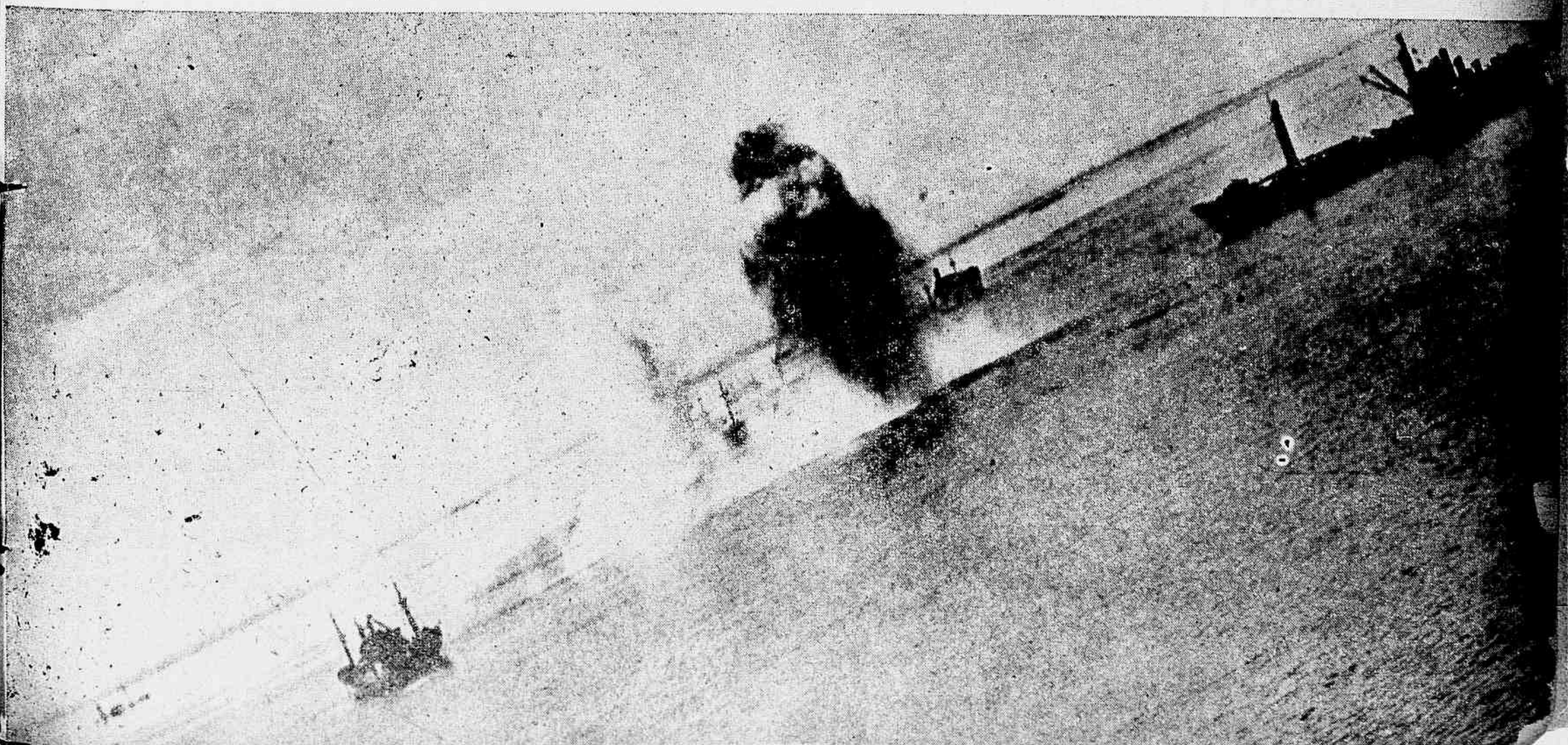
Na Itália, entretanto, não houve modificações de grande valor.

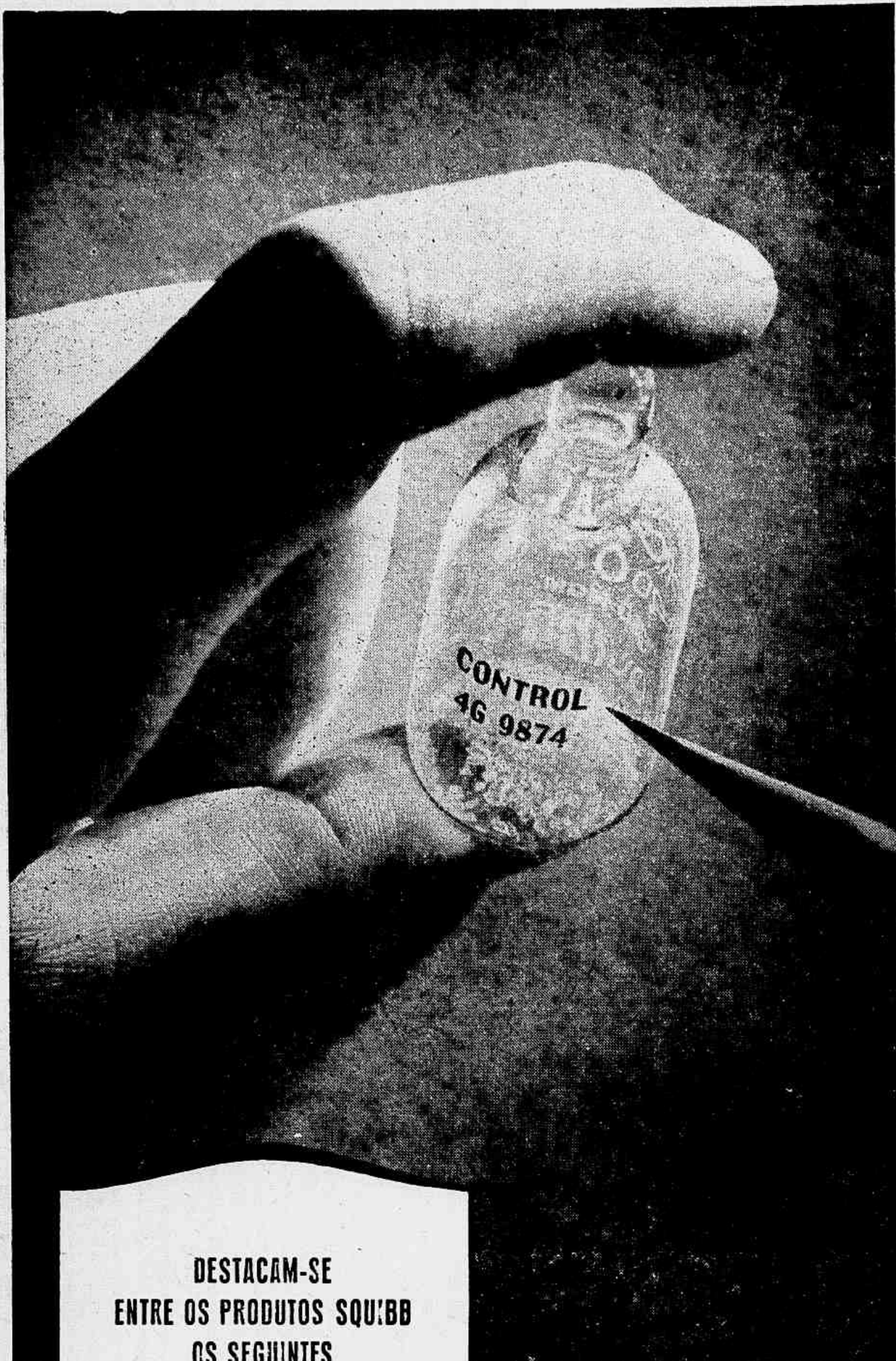
O frio abrandou nas linhas de frente, mas os rigores do inverno continuam a se fazerem sentir, de modo a impedir um movimento em larga escala de tropas motorizadas e comboios de abastecimento.

Os nossos soldados da F. E. B., ao lado dos combatentes do 5.º exército, continuam a efetuar operações de ocupação e limpeza de pequenas localidades.

CASTIGANDO A FROTA MERCANTE JAPONESA. — A aviação da marinha e do exército estadunidenses, antes da recaptura de Manila, atacam navios japoneses, nas proximidades daquele importante porto das Filipinas

(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério)





**DESTACAM-SE
ENTRE OS PRODUTOS SQUIBB
OS SEGUINTE**

- Penicilina
- Sulfonamidas
- Anestésicos
- Produtos Glandulares
- Produtos Farmacêuticos e Vitamínicos, além de Dentífricos e Preparados Medicinais para o lar



**PROCURE EM CADA PRODUTO
O SÊLO DA CASA SQUIBB**

...PARA SUA PROTEÇÃO

SE V.S. examinar com cuidado a embalagem de qualquer produto Squibb, verá logo que ela apresenta um número. Chama-se êle o "Número de Contrôl" do respectivo produto e refere-se aos documentos arquivados nos Laboratórios Squibb, onde se encontra a história completa da sua preparação, desde o instante em que foram recebidas as matérias primas até que o produto embalado ficou pronto para ser pôsto nas mãos do cirurgião, do médico ou do farmacêutico.

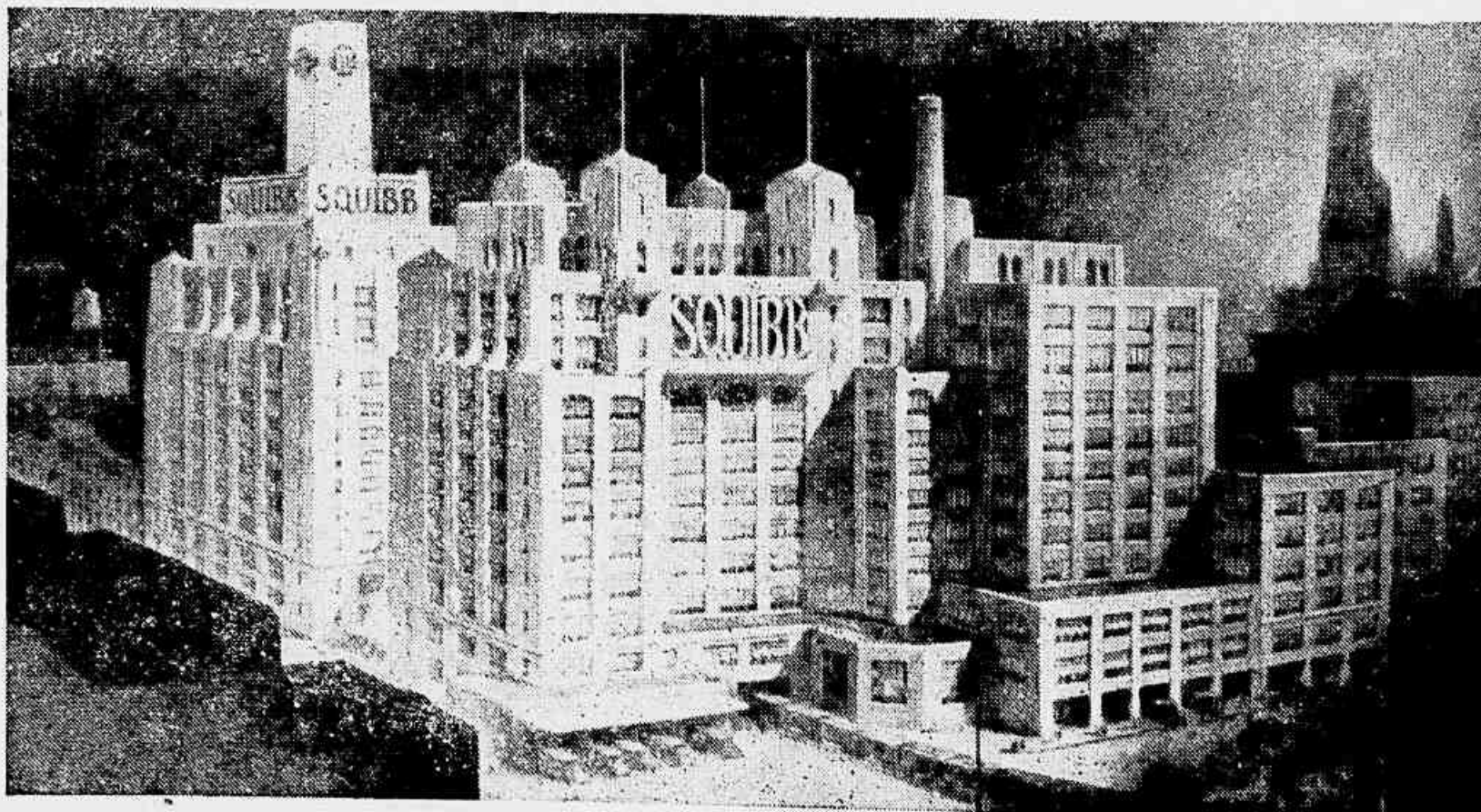
Cada uma das fases da preparação do produto ficou assim registada. Cada um dos numerosos exames a que foi submetido, sob o ponto de vista da eficácia e da uniformidade, ficou anotado nos arquivos.

Essas precauções — medidas de proteção para o consumidor — essa constante preocupação de obter a máxima pureza e o maior grau de confiança, são características do Contrôl Squibb.

Tais são as elevadas normas sôbre as quais se fundou em 1858 a Casa Squibb e que, no decurso de longos anos, permaneceram inalteráveis.

SQUIBB

é um nome em que se pode confiar



*Esta fotografia mostra os Laboratórios Químico-Farmacêuticos de E. R. Squibb & Sons, em Brooklyn, N.Y.
Os Laboratórios Biológicos Squibb e o Instituto Squibb de Pesquisas Médicas
estão situados em New Brunswick, N. J.*

E. R. SQUIBB & SONS, NEW YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O fantasma do Cananéa

(Continuação da página 27)

velho Guedes a acusar francamente a d. Felícia de ímpia e veladamente de mal intencionada, por tentar negar a telepatia "com casos isolados de vulgares chantagistas"...

A esta altura, felizmente, a criada apareceu na sala com o chá e os doces, e a conversa serenou ante os pratos de mães bentas e de bons bocados.

Sentado na sua cadeira de balanço, o comandante não dizia nada, meio sumido atrás da nuvem do seu charuto.

Abandonando-se, d. Carlinda foi até a janela ver como estava o tempo. A chuva continuava a cair sem tréguas.

— Céus! exclamou ela, retornando ao seu lugar. Como hei de sair com um aguaceiro assim? E já é tão tarde, santo Deus!...

— Hoje tem bonde a noite inteira, minha senhora, informou o desembargador, sempre pronto para uma notícia tranquilizadora.

A boca cheia de uma mãe benta, a professora prosseguia garantindo a sua descrença na telepatia.

O velho Guedes ouvia-a complacente, mastigando um pedaço de bolo.

— Quando minha mãezinha morreu, disse ela, passei noites e noites de olhos abertos, ansiando, entre lágrimas de saudade, por um sinal seu, algo que de qualquer maneira me avisasse que a sua alma existia e que se lembrava de mim. Tudo em vão! Não vi nem senti nada! Rigorosamente nada!...

E, marcando as palavras com pancadinhas de leque na mesa:

— No entanto, só eu e ela é que sabíamos quanto éramos unidas, quanto éramos uma só!...

O velho Guedes fez um gesto de desânimo, como que decepcionado com o indiferentismo extra-terreno da mãe da professora.

— Qual! fez ela, cravando-lhe os olhos; não existe nada além da vida, infelizmente. Tudo cessa com a morte, meu caro

Para ter saúde e alegria

Procuremos obedecer aos preceitos de higiene, para ter saúde e alegria. Os livros de higiene devem ser de leitura obrigatória, não só na escola como nas lares. Muitos deles são escritos de tal forma que os lemos com imenso prazer e sobretudo, com grande aproveitamento.

Seguindo-se os preceitos de higiene desaparecerão as causas mais frequentes de fraqueza e de desânimo que escravizam tantas vítimas nas cidades e nos campos.

A higiene ensina não só a defesa contra as doenças, e mo também as medidas para manter o físico e o psíquico em perfeita forma. Nos tempos que correm há muita gente nervosa porque não sabe se alimentar convenientemente e porque não dorme nas horas de descanso.

Existem muitas pessoas "nervosas", desanimadas, irritáveis, neurastênicas, só porque não sabem dividir bem o dia.

Para combater o desânimo, a irritação, a neurastenia, nada mais fácil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplêndido Tonofosfan da Casa Bayer, obedecendo às demais regras estatuidas pela higiene.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofosfan ficaram admiradas do bem-estar que sentiram apenas com as duas primeiras injeções desse precioso medicamento — absolutamente indolor e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.

senhor. O mais são engodos para atrair os ignorantes, os fracos de espírito. Comigo, porém, perdem eles o seu tempo!...

Bocejando, o desembargador lembrou a d. Felícia que ele estava se desviando do assunto, pois discutia-se a telepatia, isto é a transmissão do pensamento entre os vivos, e não a possibilidade de uma troca de mensagens com um morto!...

D. Felícia não gostou da observação e, engulindo saliva, tomou um ar agressivo de polêmica. Não chegou, entretanto, a articular palavra, pois, saindo do seu mutismo, o comandante cortou a discussão no nascedouro, afirmando que conhecia um caso que valia como um desafio a todos quantos se negavam acreditar na telepatia.

A proibição do comandante constituir o mais precioso braço de glória da família. Jamais mentira ou exagerara o que fosse. Por isso o seu aparte monopolizou a atenção dos presentes, inclusive da professora que, impertigando-se, pediu-lhe, meio contrariada, que contasse o que sabia sobre o assunto.

— Foi há muitos anos, começou ele, atirando para o cinzeiro o resto do seu charuto. Eu viajava como piloto do "Cananéa", um pequeno cargueiro da firma Souza & Ramalho, que fazia a linha entre Porto Alegre e o Rio. Creio que ainda

nem éramos noivos, a essa ocasião, não é, Rosinha?

D. Rosinha cerrou os olhos para melhor se lembrar e confirmou que não.

— Logo depois que você deixou esse navio e foi para o "Santo Antônio", é que noivamos, esclareceu ela. Pois não te lembrás, Bentica, que no dia em que me pediste em casamento, brincaste comigo, dizendo que o "Santo Antônio" não queria saber de gente solteira a seu bordo?

— E' verdade! E' verdade! retrucou a sorrir o comandante.

E voltando à sua narrativa:

— Era aí pelo fim do ano e o "Cananéa", procedente de Santos, demandava o Rio, dentro da noite tempestuosa. Viagem normal, porém. Tão normal que a não ser o pessoal de quarto, todos dormiam a sono solto nos seus beliches. Vocês não sabem como é monótona a vida a bordo de um cargueiro, principalmente nesses cargueiros aqui da costa. A paisagem, as conversas, as obrigações entorpecem pela repetição. Tudo é sempre igual — emoções, afazeres e até as ilusões. E' preciso ter-se nervos, minha gente, para não se deixar embriagar pela insipidez de cada dia e de cada noite!...

E o comandante fez um gesto de enfado.

— Mas, voltando ao "Cananéa": eu me deitara cedo. Pouco antes das duas, le-

vantei-me para render o quarto no passado de comando. Quando lá cheguei, notei que fazia frio e que eu continuava mais sonolento do que nunca. Tive que lutar comigo mesmo para vencer a preguiça que me dominava, passeando de

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Perfume
Flarpa
de Gally

Persistente como a saudade!
★
Agradável como a música!
★
Voluptuoso como o amor!

Água de Colônia - Extrato - Loção

À VENDA EM TODO O BRASIL

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

HEMORRHOIDAS? Tome
LIC. 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS
Pílulas de Herva de Bicho
Garantidas! Ótimas! Infallíveis!

um lado para o outro e falando com o timoneiro, um mulato espadado e pernóstico, sempre muito preocupado em explicar as coisas mais banais com as palavras mais difíceis. Assim continuou o meu quarto, durante algum tempo, até que um ruído de passos fez-me olhar para a escada, pela qual alguém subia às carreiras. Era um dos taifeiros, um rapaz de Sergipe, muito anêmico e muito tímido, que vivia constantemente às voltas com infusões e suadouros. Chamava-se Augusto, mas toda gente o conhecia pelo apelido de Dorzinha, por causa da sua mania de doenças. O homem surgiu no passadigo mais lívido do que um cadáver. Estava tão nervoso que só a custo podia falar. Tremiam-lhe as pernas, as mãos, os lábios, o corpo inteiro. — "Seu piloto, gaguejou ele, os olhos assustadoramente arregalados, tem um homem a bordo! Eu o vi! Eu o vi!" — "Clandestino?" perguntei. — "Não!..." E num esgar de pavor: — "Um fantasma!..." Ao ouvir isso, não pude deixar de achar graça. O timoneiro sorriu também. Mas o taifeiro insistia — que era um fantasma, sim; que se levantara para tomar um remédio contra dores do fígado e que, como precisasse de um copo d'água, fôra até o salão e que lá encontrara o vulto misterioso. — "Eu o vi! Eu o vi! repetia ele a tremer, batendo os queixos, aterrado. Parecia um pescador. — "Mas, em que ficamos, Augusto? perguntei. Afinal, era um fantasma ou um pescador?" O rapaz titubeou. Logo voltou à carga, outra vez: — "Não sei lhe explicar bem, "seu" piloto. Sei apenas que o vulto estava encostado a um canto do aparador da sala de jantar, e que me pareceu ver o mar à sua volta. E ele gritava por socorro. Sim, ele gritava: a seis milhas! aqui! a bombordo!..." Eu passei

a mão pelos cabelos. A convicção com que o rapaz falava era tal, que confesso, senti um certo mal estar. Tentei, entretanto, convencê-lo que aquilo não passava de alucinação; que estava doente, talvez com febre; que voltasse para o seu beliche... Tudo em vão. Vendo-me insensível, arrojou-se ao chão e, de mãos postas, pôs-se a suplicar que não o mandasse embora. E novamente repetiu o que vira e o que ouvira. O seu pânico era tal que eu comeci a suspeitar de um desequilíbrio mental no desgraçado, que, de joelhos, agarrado às minhas pernas, chorava e gritava como um desesperado.

E depois de uma pequena pausa:

— Com o barulho, o comandante que dormia numa pequena cabine pegada à ponte de comando, acordou e, aparecendo à janela, quis saber o que se passava. Sem esperar pelas minhas explicações, o taifeiro narrou-lhe tudo, a voz cada vez mais descontrolada pelo pavor. O comandante do "Cananéa" era um caboclo meio supersticioso e não custou muito para se impressionar com a narrativa do rapaz. Não disse nada a princípio, porém. Ficou a tamborilar algum tempo com os dedos na parede, uma grande ruga na testa. Afinal, decidiu-se e laconicamente ordenou que mudássemos de rumo. — "O homem falou em seis milhas a bombordo, não?" perguntou ele ao taifeiro. — "Sim, sim!" respondeu este a tremer. — "Então toca para lá!" disse, voltando para sua cabine. Momentos depois apareceu, já vestido, no passadigo, as mãos nos bolsos, um cigarro preado ao canto da boca. — "Curioso, falou-me ele. Sonhei que estávamos salvando a tripulação de um barco a pique de sossobrar..." Deviam ser umas três horas da madrugada. Com a marcha precária do "Cananéa", apenas pelas quatro

poderíamos chegar ao ponto indicado pelo fantasma do taifeiro. De qualquer maneira essa história resultara num atraso para a nossa viagem, e isto me desgostou bastante. Que podia eu fazer, entretanto? E' claro que nem por um momento me passara pela cabeça que a seis milhas dali pudéssemos encontrar algo... No minha opinião tudo se resumia numa perda de tempo preciosa, para atender à alucinação de um enfermo. Nada mais do que isso. Mas, como não tinha nada com o caso, continuei indiferente a fazer o meu quarto.

Do meu canto, um tanto nervosa, eu não perdia uma só palavra da narrativa.

— Credol atalhou a d. Carlinda, cada vez mais afrontada dentro do seu espartilho. Já estou toda arrepiada...

O comandante sorriu e continuou:

— Pouco antes das quatro horas, isto é quando o navio se encontrava exatamente no local indicado pelo mensageiro misterioso, ouvimos uns gritos de socorro. Ainda estava muito escuro e quase não se podia perceber nada. O dia, entretanto,

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

não tardaria a raiar. Confesso que aqueles gritos me fizeram sentir na espinha um calafrio desagradável. Coincidência ou não, aquilo tinha um sabor tal de coisa sobrenatural que me molestava terrivelmente.

— Puderam exclamou o desembargador, lançando um olhar de desafio a d. Felícia.

— Ao ouvir os gritos, o comandante mandou parar as máquinas e ordenou que

se descesse um escalor. O mar continuava agitado, mas não tanto que pudesse dificultar uma pesquisa. Além do mais a noite começava a fugir e, cá e lá, apesar da bruma, já se podia ver até a uma certa distância. Foi então que, emocionados, vimos sossobrando à proa do nosso navio, um pequeno barco de pesca. Para ele dirigiu-se sem tardança o nosso escalor. Com a novidade toda gente do cargueiro despertou e veio assistir da amurada aos trabalhos de salvamento. A coisa fez-se rápida e não tardamos em receber no convés todos os tripulantes da embarcação sinistrada. Todos, não. Falta um, informaram eles. A curta distância do "Cananéa", o barco desaparecia lentamente. Apenas a pôpa ainda insistia em aparecer, mas isso mesmo tão rente às ondas que pouco faltava para afundar de vez.

O comandante fez um intervalo para acender outro charuto. Depois prosseguiu:

— Por alguns minutos procuramos o naufrago que estava faltando, mas sem resultado. E já íamos recomençar a nossa rota, quando um tripulante, apontando para estibordo, gritou ter visto alguém nadando a uns 400 metros do nosso navio. De fato. Alguém se debatia entre as vagas, naquela direção. Devia estar exausto, porém, pois volta e meia afundava. Rápido o escalor correu em socorro do infeliz e disseram-me os seus marinheiros que, quando lograram agarrar o desgraçado, este já estava sem sentidos. Num derradeiro esforço para salvá-lo, eles o trouxeram para bordo. Nada mais se podia fazer, entretanto. O homem expirara. Verificada a morte do pobre diabo, todos tiraram, respeitosos, os seus bonés e os seus gorros. Foi então que o taifeiro se aproximou a medo da roda, para ver o cadáver. Ao dar com os olhos nele, porém, soltou um berro e saiu gritando pelo convés afora: — "E' ele! E' o homem que esteve a bordo!" E a gesticular como um desvairado, enlouqueceu...

A mulher de París e Londres

PARIS — (H. P.) — A mulher moderna de París e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o má-

ximo de sucesso em todos os casos ligados a deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: Frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a formula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 45-3378.

"ISTO É O QUE EU PRECISO PARA CURAR O MEU RESFRIADO!"

MENTHOLATUM

ALIVIA RAPIDAMENTE OS RESFRIADOS

Basta applical-o no PEITO na GARGANTA e nas NARINAS.



São João Del Rei

(Continuação da página 37)

mercial mantém um grande estoque de material elétrico e outros artigos.

Feita essa visita passamos a outra grande firma: a do sr. Pedro Marques dos Santos, construtor e proprietário da Serraria e Carpintaria Santa Cecília. Tratando-se de uma casa que explora o ramo de madeiras e materiais de construção, ocorreu-nos crise de transportes que atravessamos e que tanto prejudica este ramo. Lembramo-nos então de que há 40 anos foi planejada uma estrada que, saindo de

La-Fayette, passasse por São João del Rei, ligando-a a Andrelândia.

A propósito falou-nos o sr. Pedro Marques dos Santos que, sendo a E. F. C. B. a que mais transportes irá fazer para a grande siderurgia e, considerando o já vultoso congestionamento dessa ferrovia, é de se supor que não poderá comportar toda a produção da referida siderúrgica. E, sendo assim, uma estrada ligando La-Fayette a Andrelândia e passando por São João del Rei, seria de grande importância e utilidade. Agradecemos, continuamos o nosso trabalho, passando à parte de mineralogia.

Soubemos que, em meados de 1942, se verificou que em São João del Rei havia cassiterita, minério de estanho, o que ocorria numa vasta zona nas margens do rio das Mortes. Inicialmente a extração do minério foi feita por garimpeiros, porém, logo depois, foram requeridos ao governo concessões de pesquisas para a exploração legal do minério, de acordo com o exigido pelo código de minas. Em pouco mais de um ano, foram expedidos mais de cinquenta decretos para pesquisas, porém, poucas jazidas fo-

ram exploradas. A maior parte está caducando. Quase todo minério encontrado é riquíssimo em estanho, sendo, por certo, o melhor do mundo, pois sua porcentagem é de 70 a 76% de estanho e o teor máximo, teórico, desse minério é de 78%. A única mina com decreto de lavra existente no Brasil pertence à firma "Brasilliana Ltda.", por contrato de arrendamento de 10 anos, e outras quatro deverão, também, ter, em breve, decretos de lavra, estando uma com o seu relatório de pesquisa aprovado e as outras com os mesmos em andamento. Tem ainda a "Brasilliana" trinta concessões com decretos de pesquisas na mesma zona e que ainda não puderam ser exploradas.

Possui, também, São João del Rei, uma companhia de tecidos, a Cia. Textil Sãojoanense, que conquistou a medalha de ouro na Exposição do Centenário. O seu diretor-gerente é o sr. Antônio Ottoni de Carvalho Sobrinho, pessoa a quem já nos referimos quando falamos sobre outra firma da qual este senhor é sócio. Felizmente a indústria de tecidos no Brasil caminha a passos largos, já podendo

(Continua na página 53)

Os conselhos da BÔA MÃE



O REGULADOR SIAN é o melhor remédio, que eu conheço, para todas as doenças, próprias da mulher, como sejam as regras dolorosas, escassas ou excessivas

REGULADOR SIAN

É um produto do

Laboratório Sian



UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA



ARRID EVITA MANCHAS
E ODORES NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende



Essências dos Quatro Cantos do Mundo...

combinam-se no suave "bouquet" de Gessy...

o sabonete que vale por

Um Tratamento
de Beleza!



O ardor da Espanha...

o romantismo das Ilhas do Pacífico...

o mistério lendário da China...

essências dos quatro cantos do

mundo foram reunidos para criar

o suave e delicado perfume do

sabonete Gessy. Experimente esta

fina criação da indústria brasileira.

Sua espuma sedosa e perfumada limpa e

amacia a cutis, dando à sua epiderme

novo viço, nova mocidade, novo frescor.

Gessy vale por um tratamento de

beleza. Use sempre Gessy.



Para conservar a sua cutis jovem e formosa, eliminando as rugos e a flacidez dos tecidos,

use o

CREME ANTI-RUGAS, de Mme. Graça

Um produto para
defender a beleza
da mulher de trato.



CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

Distribuidores Gerais: Espanha Paramés & Irmão
Rua da Alfandega, 181 - Rio



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

MODAS

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

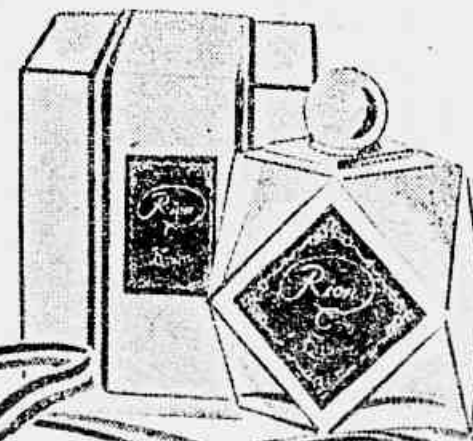
1 — Combinação branca de seda mate enfeitada com vizes de cetim rosa ou azul e "pois" da mesma cor.

2 — Combinação de cetim lingerie com babados de tule plissado e aplicações de renda.

3 — Duas peças de "shantung" branco, com pregas horizontais. Botões dourados.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

São João Del Rei

(Conclusão da página 51)

ser comparada às dos grandes centros do mundo. E' sabido por todos nós que, infelizmente, houve um tempo em que quase nada ou mesmo nada produzíamos nesse setor. Hoje felizmente está o Brasil equipado com grandes fábricas como a Cia. Textil Sãojoanense, que tem conseguido uma grande e ótima produção.

Queremos nestas páginas expressar a nossa grande admiração e, ao mesmo tempo, manifestar o nosso grande desejo no sentido de que progrida sempre, fazendo assim progredir também a nossa pátria.

Já nos retirávamos quando, passando em frente à Alfaiataria Gonçalves, parámos para ver os ternos ali expostos, aliás muito bem feitos, e tivemos o prazer de receber o cumprimento amável de seu proprietário, sr. José Francisco Gonçalves.

Estava cumprida a nossa missão. No hotel em que nos instalámos, passámos a nos deliciar com o belo livro de José Belline dos Santos, cujo título é o que demos à nossa reportagem. E, para mostrar bem aos nossos leitores o que é, na realidade, a cidade que visitámos, não podemos deixar de transcrever aqui um trecho deste livro. Diz o autor: "Conta-nos o velho testamento, na rudeza singela de seus capítulos, que a mulher de Loth foi transformada em estátua de sal por ter olhado para trás — para o passado. As cidades velhas não olham para o futuro, fazem como a mulher de Loth: voltam-se para o passado e nele se petrificam. E, enquanto as cidades jazem inânimes e o vento dos séculos lhes arrebatava o último átomo de Grandeza e opulência, a bi-centenária São João del Rei Continua vigorosamente de pé — velha e moça — num contraste que não cansa, cultuando o seu passado e acompanhando a febricitante vibração da era em que vivemos."

E, por tudo que acabámos de expor, pela fibra do mineiro, pelo seu comércio, pela sua indústria e pelo seu ouro, José Belline dos Santos tem razão: São João del Rei

caminha firme, cabeça erguida, contemplando serena o futuro e sem receios de ser sobrepujada pelas novas cidades que, dia a dia, surgem aqui e ali, e vão apagando as velhas que olharam para trás e se petrificaram. Não, São

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUAKAMIDINA

João del Rei não pára em sua marcha, e seu andar é rápido, ela vai correndo para a glória futura que será tão grande quanto a passada e vai deixando um vasto manto de rosas no caminho da vitória.

Queremos aqui expressar os nossos agradecimentos ao fotógrafo Milton, que tanto e com tão boa vontade colaborou para o êxito dessa reportagem.

O grande homem

Continuação da pág. 34.

Era interessante observar que, à medida que a conversa, desembaraçada, prosseguia, ele e Harvey pensavam furiosamente, analisando um ao outro, ele procurando o efeito e verificando se o estava conseguindo, o rapaz aguçando a sua percepção para melhor penetrar nos seus pensamentos secretos. E o velho estava cansado e a agilidade dos velhos tempos lhe faltava. Já deixara transparecer o seu segredo.

Mandou vir chá. E Harvey sorriu ao ver o velho tipo de criada que ele escolhera. Era a idéia que um ator faria da velha criada de uma família, que viveu durante várias gerações, que criou uma afeição de mãe pelo seu patrão. Novamente o efeito buscado: "a ternura, senhores, que ele demonstrava por aquela velhinha, tôda enrugada, que lhe vinha servir, com passos trôpegos. E que, tôdas as vezes que ele saía em dia frio, sem um agasalho, ia ao seu encalço, com um cache-nez, e esperava-o, com o chá pronto. Na sua solidão, ele tinha o consolo daquele carinho. No aconchêgo do seu lar, ao correrem as lágrimas pelas injustiças que sofrera, ele abraçava a boa velhinha comovido, e alegre por tê-la ao seu lado".

Depois do chá, Harvey despediu-se. O grande homem lhe ofereceu um livro com uma dedicatória amável. Aconselhou-o a ser sincero e não temer nada. Sorrindo ante essa nova atitude forçada, Harvey achou irônica a situação:

— Esforçar-me-ei por ser sincero, afirmou.

E partiu.

Na semana seguinte, uma revista literária publicava um artigo: "O Charlatão".

CONFORTO NA VELHICE

O homem faz um seguro de vida afim de garantir-se com o necessário para adquirir conforto na velhice. Se não chegar à velhice, a família, que sempre precisou do amparo desse homem, terá recursos que vão aliviar as dificuldades surgidas com a falta dele.

Seguro, qualquer que seja sua forma, é um processo de fornecer recursos depois de uma ocorrência que acarrete prejuízos ou infortúnios.

SUL AMERICA
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971
RIO DE JANEIRO

GRATIS

Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

Seu autor era John Harvey. Era uma crítica sutil e livresca, misturada com muita psicologia moderna. O interessante é que, à sua maneira, também John era um charlatão, porque animava-o, não uma ne-

cessidade de ser sincero, mas de impor-se pela sua sinceridade. Seus métodos eram outros; eis tudo.

O velho não viveu muito mais. A glória do jovem crítico, por outro lado, não tar-

dou. E ainda hoje ele reina, à espera do declínio: seu dia virá. E quem sabe se então um outro rapaz audacioso não assinará um ensaio intitulado: "O Charlatão" — ensaio sobre John Harvey?



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

Pó de ARROZ

Lady

À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Fisch, 153-Blo. T. 23-2340
OLEO — LOÇÃO



MODELOS CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso, o Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

A esquerda: — Duas peças em seda branca. Gola e cinto com pespontos de diversas cores. Saia réta.

A direita: — Juvenil traje de verão em piqué branco. Aplicações em cores nos bolsos.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

brar que o Luiz está nas suas mãos. E isto já é um fator de esperanças e de grandes possibilidades. Você é um oculista emérito.

GERALDO — Obrigado, doutor. E bem sabe que tudo farei pelo marido de minha irmã.

NOVAIS — Não só pelo marido de sua irmã como pela sua pátria, pois você bem sabe o que se perde se o seu cunhado Luiz não recuperar a vista.

GERALDO — Justamente, meu amigo. Por isso mesmo irei empregar todos os meus esforços na cura do Luiz.

(Música)

LUIZ — Regina. Onde estás?

REGINA — Estou aqui, Luiz. Não queres que te leia os jornais?

LUIZ — Não, Regina. Eu te queria mais perto. Por que não te aproximas? Deixa-me sentir tua presença. Vem para junto de mim.

REGINA — Estou bem aqui, meu querido. Ando cansada. Ando tão indisposta. Deixa-me ficar aqui.

LUIZ — Que saudade eu tenho de ver os teus olhos. Eles são tão lindos. De ver sorrir a tua boca tão bonita. (Chamando) Regina...

REGINA — Que é Luiz?

LUIZ — Ah... Regina... tu não podes calcular o que sofro. E, para aumentar a minha angústia, eu tenho uma secreta, uma dolorosa preocupação.

REGINA — Uma preocupação, Luiz? De que se trata, meu querido?

LUIZ — Trata-se de ti.

REGINA — De mim?

LUIZ — Sim, Regina. De ti. Tu és a minha maior angústia.

REGINA — Mas eu não entendo, Luiz.

LUIZ — E no entanto devias entender.

REGINA — Luiz... como estás sendo ingrato. Tu não sabes como estás sendo cruel! (chora).

LUIZ — Perdoa-me, Regina. Não te quero ouvir chorar. Vem até aqui.

(Passos de Regina)

REGINA — Aqui estou, Luiz.

LUIZ — Senta-te ao meu lado. Dá-me tua mão. Assim. Apoia agora a tua cabeça no meu peito. Deixa-me beijar os teus cabelos. Deixa-me sentir a tua pele macia.

REGINA — Não, Luiz. Não. Não me toques. Deixa-me, Luiz. Não me ponhas as mãos.

LUIZ — Vês, Regina? Que te dizia eu?

REGINA — Ando nervosa. Ando fatigada. Esperemos que eu me refaça do choque que sofri.

LUIZ — Está bem, Regina. Eu esperarei...

(Música)

GERALDO — Acalme-se, Regina. Acalme-se, minha irmã.

REGINA (chorando) — Que será de mim, meu irmão? Não terei coragem de aparecer a mais ninguém, deformada como estou.

GERALDO — Acalme-se, Regina. Este desespero lhe faz mal. Você quer perder a saúde também?

REGINA — Mas Geraldo. Você não compreende o meu desespero? E você sabe qual é o consolo que me resta? A cegueira do Luiz. E você não compreende que isto é horrível? (chora).

GERALDO — Compreendo, Regina. Compreendo — mas que havemos de fazer?

REGINA — É isto mesmo, Geraldo. Nada se pode fazer...

GERALDO — Apenas é preciso coragem, Regina. Que incoerência é essa? Tu és ou não és uma heroína?

REGINA — Geraldo. Não há mulher que não seja covarde diante do amor. E é o meu amor que está em jogo. O Luiz não me querará, quando souber que eu estou assim, medonhamente deformada. E que medo eu tenho de me

aproximar das suas mãos! Sim, porque, pelo tato, ele pode perceber. Oh, meu Deus! Se ele descobre a minha fealdade. Se ele a pressente! E se alguém lhe diz? Que ninguém lhe diga. Que não me façam esta maldade. Meu Deus. Eu quero continuar bonita dentro da cegueira do Luiz. (chora).

GERALDO — Acalme-se, Regina. Nós precisamos conversar. Eu preciso lhe falar.

REGINA — Fale, Geraldo. Fale, meu irmão.

GERALDO — Escute, Regina. Você sabe que eu sou um oculista.

REGINA — Sim. Eu sei. Você é um grande oculista...

GERALDO — Pois é. Desgraçadamente, eu sou um grande oculista. Antes porém de ser um grande oculista eu sou o seu irmão. Um irmão que muito lhe quer.

REGINA — Meu irmão e meu pai.

GERALDO — Justamente, Regina. Quando você ficou, pequenina e órfã, entregue a meu afeto, passou a ser minha filha. E eu estou disposto, como sempre estive, a tudo sacrificar por você. Conheço bastante o Luiz. Ele amava unicamente sua beleza.

REGINA — Como você o conhece bem, Geraldo! Infelizmente é uma grande verdade, uma tristíssima verdade!

GERALDO — E você sabe que eu o posso curar?

REGINA — Mas então, oh, meu Deus. Então? (num desespero) A cegueira do Luiz é curável? Oh, meu Deus!

GERALDO — Regina. A cegueira do Luiz será curável se você quiser. Você é quem vai escolher: conservá-lo cego ao seu lado ou devolver-lhe a vista, mas para perdê-lo. Vendo-a, ele a desprezará com toda a certeza.

REGINA — E a sua honra profissional, meu irmão?

GERALDO — Eu a sacrificarei por você. Você, só você é quem irá decidir.

REGINA — E você está mesmo disposto a sacrificar-se por mim? Oh!... Geraldo. Que amigo que você é. Mas eu não devo aceitar uma coisa dessas. Eu não posso aceitar o seu sacrifício.

GERALDO — O maior sacrificado será Luiz.

REGINA — Geraldo. Eu conheço o seu caráter. E sei o quanto lhe custará o que pretende fazer!

GERALDO — Acima de tudo, Regina, eu não quero vê-la infeliz.

REGINA — E eu seria uma desgraçada sem o amor de Luiz.

GERALDO — Vamos então condená-lo à cegueira? Você é quem vai resolver.

REGINA — Oh, meu Deus! Dai-me forças, meu Deus! Dai-me forças para encarar esse terrível problema. Que farei neste dilema tão cruel?

GERALDO — Diga, Regina. Sinceramente. Responda. Que decide?

REGINA — Geraldo... eu... eu...

(Música de encerramento)

CAPÍTULO II

LOCUTOR — Os acontecimentos se precipitam na casa de Luiz, que se encontra agora nas trevas. Regina, que tanto cuidado tinha para não perder a sua beleza, acha-se num dilema tremendo: se Luiz recuperar a vida, forçosamente não gostará mais da esposa. Se o deixar mergulhado nas trevas, estará privando milhões e milhões de criaturas que necessitam do seu trabalho, e roubando à pátria o concurso valioso de um de seus filhos. Que fazer? A luta interior de Regina é brutal. Geraldo, seu irmão, sempre atencioso com a felicidade de Regina, encontra-se também no mesmo dilema, pois ele é o único que poderá fazer com que o seu cunhado Luiz recupere a vista. Entretanto, conhecendo perfeitamente a concepção de Luiz sobre o amor, sabe que salvando-o da desgraça provocaria sem dúvida uma outra, talvez maior — a infelicidade de sua irmã, Regina. Não sabendo qual o caminho a tomar, Geraldo conversa com o dr. Novais, que é de opinião que a única pessoa que poderia resolver este caso seria Regina. Aconselha que Geraldo vá falar à sua irmã. E o capítulo terminou quando Geraldo dizia a Regina:

Jesy Barbosa

Ressurreição

— NOVELA RADIOFÔNICA —
(APRESENTADA PELA P. R. E-8
SOCIEDADE RADIO NACIONAL)

Só pode ser irradiada
com autorização da
autora ou da S.B.A.T.

Editada pela
REVISTA DA SEMANA

Rio de Janeiro

1 9 4 5

CAPÍTULO I

(Característica)

SPEAKER — Impossível seria a qualquer criatura que estivesse em permanente contacto com o mundo fugir às determinações da sorte. Ela é envolvida pelos tentáculos ferozes do destino que não perdoa, e obriga-a a sentir tôdas as sensações — alegres e tristes, para conformar sua alma, torná-la tanto quanto possível perfeita. E' grande a luta, é grande a incompreensão, é grande a desordem interior dentro de cada criatura que busca a felicidade segundo o seu ponto de vista. Daí resulta essa multidão de sofrendores que, algemados à terra, são incapazes de elevar seus pensamentos, afim de encontrar forças para que dentro de uma tremenda catástrofe ressurgja ainda o homem... e mais uma vez se possa aplicar o maravilhoso vocábulo — Ressurreição. E' o que veremos no decorrer desta novela que parece ter surgido das ruas... das casas... dos parques, das montanhas, das florestas, dos corações que palpitam por um sonho milenar — Felicidade. Passemos então a entrar nos domínios de um laboratório, onde se encontra o seu proprietário que nada mais é que um jovem estudioso, considerado por muitas pessoas como um sábio, dado aos seus adiantados estudos de química. E' casado. Tem uma esposa encantadora, que se esmera para que seu marido, apesar da sua grande paixão pelos estudos, também lhe dedique um pouco de atenção. Quando Luiz, o jovem sábio, achava-se entregue aos seus estudos, Regina, sua esposa...

(Ligeiro rumor de vidros — Porta que abre — Passos — Entra pelo laboratório e...)

REGINA — Boa tarde, Luiz.

LUIZ — Oh, Regina... boa tarde. Como estás linda, meu amor!

REGINA — Escuta, Luiz. Por que não saís desta sala abafada? Vem respirar um pouco. Estás tão pálido. Também. Pudera. Mal começa o dia e logo te metes neste ambiente fechado e malsão.

LUIZ — Mas Regina, tu já não sabes que aqui, neste laboratório, está todo o meu futuro? E' preciso que dê valor ao meu trabalho, e tu bem sabes que, depois de ti, só o que me preocupa, só o que me interessa, é a minha ciência.

REGINA — E que rival tenho eu nessa tua ciência. Como te absorve. Como me rouba as tuas horas. E como ocupa o teu pensamento!

LUIZ — Realmente, minha querida. Se não fôras tu, a minha única paixão seria a ciência. Eu viveria, apenas, para as minhas descobertas. Tu não calculas, Regina, como isso absorve, como empolga e como satisfaz. Tu deverias estar orgulhosa de me haver disputado à suprema das obsessões.

REGINA — Sim, Luiz. Tu não ignoras o quanto eu te admiro e a que ponto me orgulho de ti. E, muitas vezes, me surpreendo a indagar como foi que chegaste a casar. Sim. Porque quem vive entregue a uma tarefa tão absorvente como a tua...

LUIZ (atalhando) — ...De fato, Regina. Isto é como um sacerdócio. Mas, tu surgiste. E os teus encantos, a tua beleza puderam mais que todos os meus projetos de celibato. Tu me derrotaste! (com paixão) Não pude resistir à luz destes olhos. À curva destes lábios... a esta boca tão aveludada.

(Ouvem-se latidos e risos de Regina)

REGINA (rindo) — Deixa-me, Luiz. Tu me desmanchas o penteado. Oh... Luiz... às vezes eu fico pensando... e quando eu ficar velha? Tu só falas na minha beleza. Que será de mim ficando velha?

LUIZ — Tolinha. Quando ficares velha, eu também serei um velhinho. Minha vista fraca, minha visão anuviada enxergarão uma porção de encantos na tua velhice. E tu vais ser uma velhinha bonita. Hum!

REGINA — Tu és um encanto, meu querido. Mas voltemos ao nosso assunto.

LUIZ — Nosso assunto? Tu queres assunto mais nosso que o nosso amor?

REGINA — Bem. Mas, Luiz. Celeste e Geraldo virão tomar chá conosco. E tu não irás aparecer?

LUIZ (grave) — Se tu soubesses, Regina, o valor da pesquisa que me preocupa neste momento e, até mesmo, o risco que um pequenino descuido me pode trazer, não insistirias na tua interrupção. Daqui a momentos irei iniciar esse trabalho. E quero até pedir que não deixes ninguém bater a esta porta. Vou precisar de muito sossego, de grande calma e espero que a minha mulherzinha dê ordens neste sentido, sim?

REGINA — Está bem, Luiz. Está bem. Darei as tuas ordens. Neste caso, não insisto mais. Até logo, meu querido. Vou descer. Que sejas feliz. Mas não deixes de pensar um pouquinho em mim todo esse tempo, hein?

LUIZ (malicioso) — Mas como não pensar em ti, se vou lidar com explosivos e com fogo, hein minha tropicalíssima senhora?

REGINA (rindo) — Maldoso. Como eu te quero! Como eu te amo!... Até logo, meu amor.

LUIZ — Até logo, Regina.

(Passos e porta que se fecha — Música)

CELESTE — Sim, Regina. Nós pretendemos casar. E seria uma injustiça ocultar por mais tempo o nosso projeto a você que é a única irmã, a irmã tão querida de Geraldo.

REGINA — Mas Celeste, eu não sou apenas a irmã do Geraldo. Espero que não esqueça, diante da futura cunhada — a amiga que eu desejo ser.

CELESTE — Absolutamente, minha amiga. Mas estou, principalmente, falando à futura cunhada.

REGINA — Pois eu prefiro falar como amiga e quero perguntar-lhe: você ama Geraldo o bastante para se casar com ele?

CELESTE — Ora, Regina. Que pergunta! Você não ignora que tenho uma grande fortuna, que já não sou nenhuma menina sonhadora, que sou uma mulher independente, e sei bem o que quero. Logo, se me vou casar com Geraldo é porque o amo bastante, para me casar com ele.

REGINA — Não era bem isso o que queria lhe dizer. Mas, como o Geraldo, acima de tudo, é um homem de ciência, sempre escravizado à sua medicina, e eu sei melhor do que ninguém que capacidade de renúncia e de sacrifício é necessária à companhia de um homem desses...

CELESTE — Julgava que eu não fôsse capaz dessa renúncia e desse sacrifício?

REGINA — Isso mesmo, Celeste. Receio que seu amor não resista às imposições que irão surgir a cada momento. Você é uma mulher acostumada às grandes viagens, à vida de sociedade. Gosta do mundanismo, gosta de brilhar nos salões, gosta de festas. Geraldo é como o Luiz — escravo do estudo. Nada sacrifica à sua sede científica, tudo abandona pela ânsia de uma pesquisa. Raramente você o terá a seu dispor. E eu tenho medo, minha amiga, de que você acabe se cansando dessa vida.

CELESTE — Já pensei em tudo isso, Regina. E, mesmo assim, eu quero me casar. Eu estou decidida a me casar com seu irmão.

REGINA — Então, Celeste, o que tenho a fazer é desejar que vocês sejam felizes. (Com amargura) Aliás a felicidade é, quase sempre, uma coisa incompleta, uma coisa tão relativa!...

CELESTE — Você falando assim, Regina? Por que diz isso? Que se passa com você?

REGINA — Você sabe, Celeste, a adoração, a loucura que eu tenho pelo meu marido. Vivo para ele. Vivo por ele. E jamais viveria sem ele. E no entanto, apesar de o ter para mim, estou sempre numa ansiedade, que me faz infeliz.

CELESTE — Mas, por que esta ansiedade?

REGINA — Aliás, sob esse aspecto o Geraldo lhe oferece uma afeição mais sólida. Já está numa idade em que

as coisas materiais diminuem de valer e, certamente, a companhia espiritual de uma mulher lhe será mais preciosa que os seus dotes físicos; enquanto que para o Luiz eu sou apenas uma mulher bonita, nada mais. Não procura sondar a minha alma...

CELESTE — Mas você tem apenas vinte anos e é tão linda que isto não a deve preocupar. Se você é tão moça e tão bonita, seu marido só pode estar satisfeito com você. Por que então é esse ar infeliz?

REGINA — Mas você não calcula, você não compreende o quanto é frágil tudo isto? Eu vivo num medo constante de perder o viço, de perder o brilho dos cabelos, de estragar a pele, de engordar algumas gramas, pareço uma profissional da beleza. Ah! Celeste, você não pode imaginar como é triste ter que alimentar um amor apenas com cremes de toilette, à custa de colírios e de brilhantinas.

CELESTE — E no entanto o Geraldo está absolutamente convencido de que você é completamente feliz, hein?

REGINA — Aliás eu quero lhe pedir, Celeste, que não conte nada a meu irmão. Foi um desabafo que eu tive com você. Não é preciso que chegue ao conhecimento de Geraldo. Isto o incomodaria, e é uma coisa absolutamente sem remédio. O tempo talvez possa um dia modificar, ou melhor, purificar esse amor.

CELESTE — E' bem preferível mesmo que o Geraldo ignore tudo isto. Ele sofreria. Sim, porque o Geraldo lhe quer um bem, Regina! Ele será capaz de tudo por você.

REGINA — Tenho a certeza disso, Celeste. O Geraldo é mais um pai que um irmão. Quando nossos pais morreram, eu era pequenina e fiquei ao seu cuidado. Daí esse afeto tão dedicado e paternal.

(Tocam à porta — Campainha)

CELESTE — Deve ser ele. Estava tardando.

REGINA — Por favor, Celeste... nem uma palavra ao Geraldo sobre a nossa conversa.

CELESTE — Ora... Regina... não direi nada... pode ficar tranquila.

(Voz de Geraldo ao longe)

GERALDO — Deixe, não se incomode, Josefa. Eu sei o caminho. Estão na sala de almoço, não é?

REGINA — E' Geraldo.

CELESTE — Aí vem ele.

GERALDO (chegando) — Ora viva!... A primavera e o outono. Ambos em flor.

CELESTE — Que negócio de outono é esse?

GERALDO — Eu disse — ambos em flor... você quer coisa mais notável, Celeste, que um outono em flor?

REGINA — Isto é vício antigo, Celeste. O Geraldo sempre gostou de irritar as pessoas de sua predileção.

CELESTE — Mas ele não está irritando não, Regina. Ele está apenas vingando-se, porque ontem eu o chamei de "meu velho".

REGINA (rindo) — "Meu velho". Que bonito! E isto é uma frase tipicamente conjugal...

GERALDO — Pois é, Regina. E' a preocupação do ensaio; pelo tempo que esperou para se casar, ela já devia ser mais senhora do assunto, não é?

CELESTE — Esperei porque quis. Você bem sabe disso. Nunca me faltaram candidatos.

GERALDO — Você bem sabe que eu sei, minha querida. Eu estou gracejando. Então, Regina? Que tal a minha escolha?

REGINA — Celeste acabava de me dar a grande novidade. E eu acho que sua escolha foi mais feliz que a de Celeste.

GERALDO — Que me diz, minha irmã? E eu que toda a vida pensei que fôsse um Deus para você?

REGINA — Você pode ser um Deus para sua irmã e um demônio para uma outra qualquer.

CELESTE — Aliás os homens costumam adotar essa duplicidade...

REGINA — Bem. Não exageremos. Apenas eu receio,

Geraldo, que você, por causa da sua medicina, dos seus estudos, das investigações, acabe desgostando a Celeste. Ela precisa não sofrer as consequências da sua glória. E' preciso que ela não venha a lamentar o fato de ser a esposa de um oculista notável como você é.

GERALDO — Ah, sim... já compreendi... Tudo isto é porque, lá em cima, há um senhor sábio trancado, todo o dia, em seu laboratório. E' a tal história do justo pagando pelo pecador.

REGINA — Bravos. Não é que meu irmão, além de oculista, é adivinho?

GERALDO — Então? Não é isto mesmo? O Luiz não está trancado lá em cima?

REGINA (suspiro) — Se está, Geraldo! Se está! E quem será capaz de o arrancar de lá?

CELESTE — É. A Regina argumentava com bastante base.

GERALDO — E com um pouco de máguia também. E você vai deixar de se casar comigo por isso?

CELESTE — Não, meu velho. Não tenha susto. Você terá as flores do meu outono. Não se assuste. Eu as darei a você.

(Ruido de explosão — Vidros que se partem)

(Gritos de dor)

REGINA — Meu Deus... E' Luiz no laboratório.

(Passos apressados de Regina)

GERALDO — Espere!... Regina!... Espere!...

(Passos de Geraldo)

CELESTE — Que seria, meu Deus?

(Ouve-se à distância Regina chamando)

REGINA — Luiz!... Luiz!...

(E batendo à porta — Depois barulho de porta arrombada)

REGINA (num grito) — Ai!... Ai!...

(Intervalo)

GERALDO — O doutor Novais acha então um caso irremediável?

NOVAIS — Infelizmente, meu amigo. Sua irmã atirou-se às chamas e recebeu no rosto toda a carga da explosão. As queimaduras foram terríveis. Sua irmã não poderá jamais recuperar a beleza. Mas, eu farei a operação. Algumas cicatrizes irão desaparecer. Talvez aquele repuxado dos lábios fique menos forte. Mas aquele defeito das pálpebras, aquela prega no supercílio, hum!... nada disso me será possível recompor.

GERALDO — Minha pobre irmã! Tão moça e tão infeliz!

NOVAIS — Sua irmã foi uma heroína, Geraldo. Sacrificou-se pelo marido.

GERALDO — No entanto não conseguiu evitar a sua cegueira. Nem mesmo esse consolo lhe resta.

NOVAIS — Quem sabe, Geraldo, se, muito ao contrário, não é esse o consolo que lhe resta?

GERALDO — Doutor Novais!...

NOVAIS — Isto mesmo, meu rapaz! Isto mesmo! Talvez seja esse o seu consolo, talvez seja essa a sua felicidade.

GERALDO (pensativo) — E' isto mesmo, doutor Novais. E' isto mesmo. Se o Luiz a contemplasse? Se ele visse o seu rosto de agora? Pobre de minha irmã!

NOVAIS — Mas, quanto ao caso do seu cunhado? Que lhe parece? Curável?

GERALDO — Dr. Novais... eu, eu, bem... eu não quero apressar meu diagnóstico. O caso, como não ignora, é difícil...

NOVAIS — Sim. O caso é difícil. Mas é preciso lem-

DINARTE MARIZ & CIA.

COMPRADORES E EXPORTADORES

DE

Minérios, cristal de rocha, algodão, peles, couros,
cêra de Carnaúba e outros produtos do país.

Usinas e Meias-Usinas para beneficiamento de algodão, em CAICÓ,
ACARAÍ, SERRA NEGRA, JARDIM DE PIRANHAS e JUCURUTÚ

Prensa Hidráulica para reenfundamento de algodão em Natal

MATRIZ:

Rua Cel. Martiniano, 415
CAICÓ
Rio G. do Norte.

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua do Rosário, 81 -- 5.º and.
Salas 503 e 504.

NATAL:

Rio Grande do Norte
Rua Chile, 164
Caixa Postal, 116 -- Fones: 1087 e 1079.
End. Electr. Geral: "DIMARIZ".

Agente da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres "Garantia" do Rio de Janeiro.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULAI



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CIGARILOS
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Pode enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

João Câmara & Irmãos

IMPORTADORES, EXPORTADORES E INDUSTRIAIS

FÁBRICAS DE ÓLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO
EM BAIXA VERDE E FERNANDO PEDROSA —
USINAS DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO EM
TODAS AS FILIAIS — EXPORTADORES DE AL-
GODÃO, ÓLEO E CERA DE CARNAUBA.

FILIAIS: Baixa Verde, Epitácio Pessoa, Fernando
Pedrosa, Lages, Nova Cruz, Pedra Preta,
Serra Caiada, Macaiba, Assú, Angicos.

Caixa Postal 59 — Enderêço Telegráfico: "Pluma"
Rua Frei Miguelinho, 112 — Tel.: 1169 e 1309
NATAL — RIO GRANDE DO NORTE — BRASIL

Severino Alves Bila

RUA SILVA JARDIM 86

:::

CAIXA POSTAL 78

ENDEREÇO TELEGRAFICO :: BILA

Natal Rio G. do Norte



A carinha risonha

de seu filho pode tornar-se pallida e triste, quando a diarreia, ataca-lhe o organismo. Nestes casos, confie nos conhecidos comprimidos do Eldoformio, um producto de "Bayer".

Ao primeiro symptoma de diarreia, dê ao seu filho comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

ÁGUA INGLESA

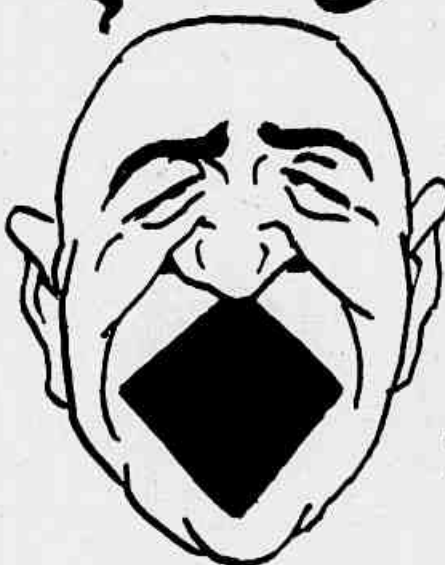
GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Variações do az



Azes écartados na jogatina



Az campeão



Azêdo



Azêite (vulgo namôro)



Azeviche



Azia



Azôugue



Azinhávre



Azagáia

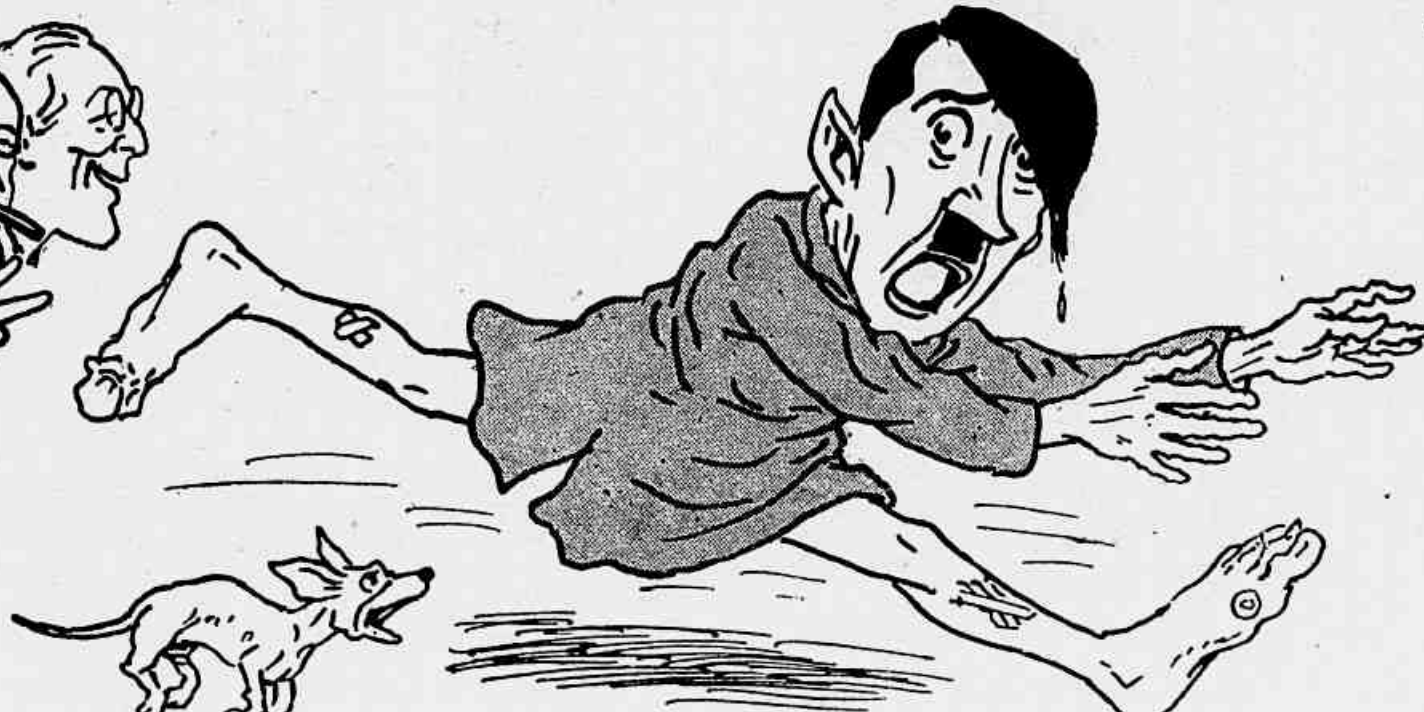


Azortáque

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



RAUL.

O azôr azula!...



FEB

BELA SALA DE ESTAR



Apresentamos hoje aos nossos leitores uma belíssima sala de estar: um jogo de poltronas com almofadas duplas, tendo o sofá um pequeno porta-livros; um tapete e sobre ele uma pequena mesa adornada por objetos graciosos; uma estante embutida e um quadro moderno na parede formam um bonito conjunto. Vê-se ao fundo a sala de jantar da residência. Num ambiente como êsse conversa-se horas a fio sem o cansaço que provocam os lugares tristes.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

A' VENDA



Cr\$ 10,00

Atende-se pelo reembolso

Almanaque EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITORA AMERICANA -- MARANGUAPE, 15 -- RIO